ÉPOCA
www.epoca.com.br
EDITORA GLOBO

MERCADORES DE LEIS

A investigação sobre os senadores acusados de receber propina para vender Medidas Provisórias se torna uma das prioridades da Lava Jato

Como o projeto sobre abuso de autoridade tocado por esses parlamentares pode livrá-los da Justiça

bancobradesco Bradesco facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC - Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC - Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

Você não chegou até aqui para voltar atrás.

Você tem muitos motivos
para seguir em frente.
E um só banco.

ente.

Bradesco

Pra frente.

Publicis

Fischer

ULTRA cremoso

Só a Vigor poderia fazer um iogurte tão cremoso.

VIGOR

Descubra esse sabor

Explore

mais possibilidades de investimento
com a assessoria de quem
é especialista de verdade.

A XP sabe que nenhum investidor é igual ao outro.

Existem perfis, objetivos e necessidades diferentes.

Por isso, oferecemos uma das maiores variedades
de produtos do mercado e estilos de assessoria
perfeitamente adequados ao perfil de cada cliente.

E tudo isso com taxa zero para diversos investimentos.

Para cada investidor, existe uma XP. Descubra a sua.

xpinvestimentos.com.br

taxa ZERØ

Custódia de Renda Fixa • Custódia de Bolsa
Custódia de COE • Taxa XP para Tesouro Direto
Tarifas de TED para retiradas.

GREY Brasil
Murilo Benício
Ator e investidor XP
xp investimentos
Para cada investidor, uma XP.

PROMOÇÃO

Minuano

SUA FAMÍLIA NA MELHOR

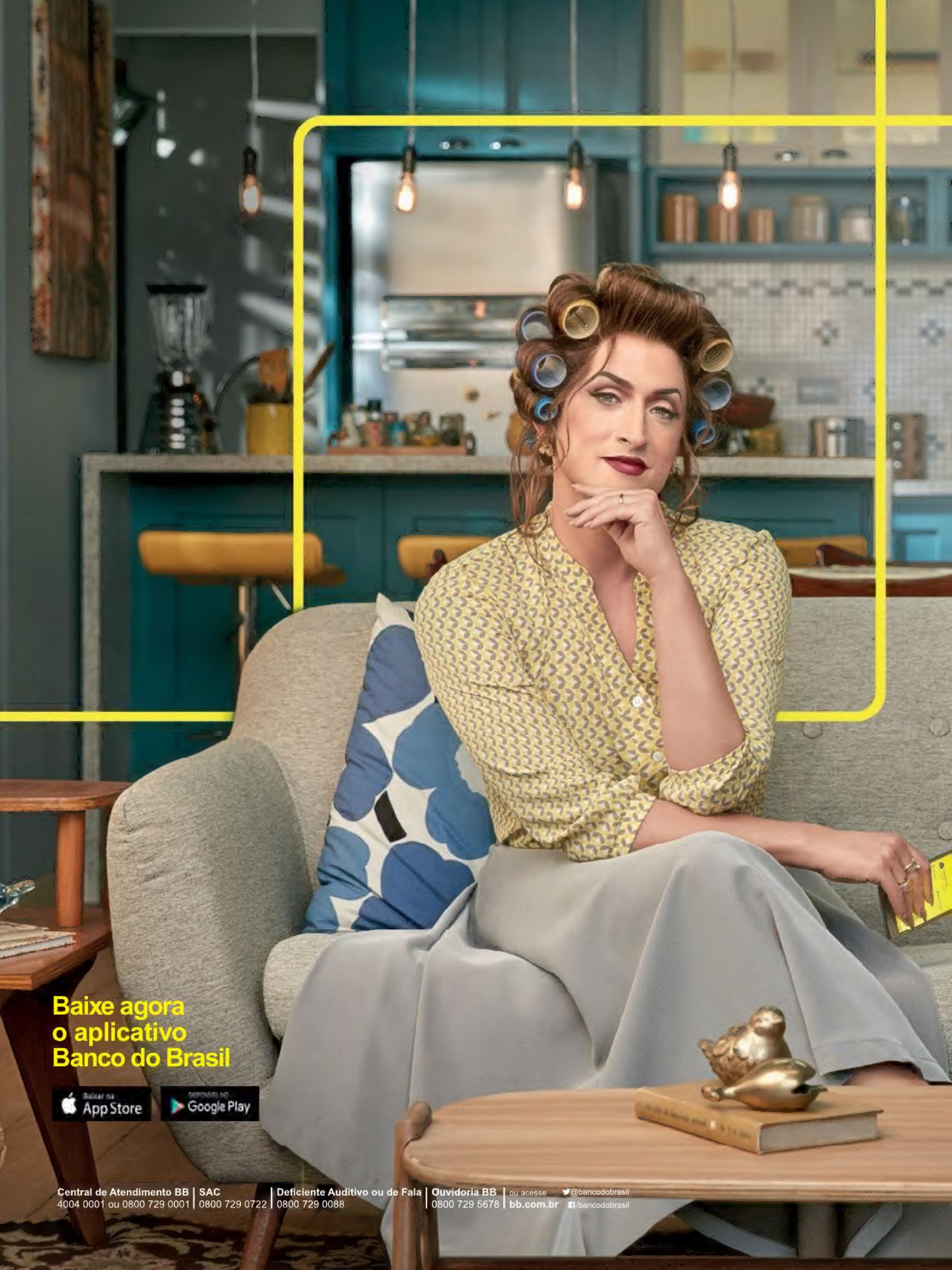
4 CA

Participe e concorra:

promocaominuano.com.br

Promoções válidas de 7/4/2017 a 7/7/2017. Consulte as condições de participação, as datas dos sorteios e os regulamentos completos no site. Certificados de Autorização CAIXA nº 4-0413/2017, nº 4-0414/2017 e nº 5-0433/2017. *Casas e carros entregues em Certificados de Ouro.

2 CASAS
3 MIL PRÊMIOS INSTANTÂNEOS
RROS
WMcCANN | MINUANO


Baixe agora
o aplicativo
Banco do Brasil
Baixar na App Store
DISPONÍVEL NO Google Play
Central de Atendimento BB
4004 0001 ou 0800 729 0001
SAC
0800 729 0722
Deficiente Auditivo ou de Fala
0800 729 0088
Ouvidoria BB
0800 729 5678
ou acesse
bb.com.br
@bancodobrasil
/bancodobrasil

Crédito sem
se complicar.

Pensando bem, dá!

No Banco do Brasil, você tem as soluções em crédito para o que precisa, sem se complicar depois.

- Simule as parcelas
- Contrate pelo celular

Faça as contas e use crédito com responsabilidade

Saiba mais em
bb.com.br/pensandobemda

SUMÁRIO

EDIÇÃO 983 | 24 DE ABRIL DE 2017

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 14

PERSONAGEM DA SEMANA 17
Hilberto Mascarenhas, o gerente da corrupção

A SEMANA EM NOTAS 20

A SEMANA EM FRASES 22

EXPRESSO 24
Ministros deverão ser os primeiros denunciados a partir das delações da Odebrecht

EUGÊNIO BUCCI 26
Lula réu, Lula candidato

SUA OPINIÃO 30

NOSSA OPINIÃO 32

TEMPO

INVESTIGAÇÃO
As leis que a Odebrecht comprou com propina 34

O projeto do grupo do Senado que quer conter a Lava Jato 40

POLÍTICA EM PERFIL
João Doria, o prefeito que se diz apolítico, faz política – o tempo todo. 44

IDEIAS

OBSERVADOR DA POLÍTICA
Como a indústria de notícias falsas dominou a eleição francesa 52

Por que as notícias falsas repercutem tanto entre os eleitores? 56

ENTREVISTA 60
O pesquisador americano **Jayson Harsin**, estudioso da comunicação e cultura digitais

OBSERVADOR DA POLÍTICA 64
O filme *No intenso agora* mostra como a ebulição de maio de 1968 pode inspirar uma política mais alegre

HELIO GUROVITZ 67
O livro de memórias *A lanterna na popa*, do economista Roberto Campos, é um antídoto contra os que pedem uma nova Constituição

ÉPOCA CENÁRIOS 68
O aumento da tensão na Península da Coreia

OBSERVADOR DA LITERATURA 70
Uma sensação estranha, de Orhan Pamuk, reflete sobre a Turquia dividida entre a modernidade e a tradição

VIDA

MENTE ABERTA 74
Biografia mostra um Caetano Veloso que se reinventa incansavelmente

BRUNO ASTUTO 76
O museu Metropolitan de Nova York homenageia a esquisita genialidade da estilista japonesa Rei Kawakubo

WALCYR CARRASCO 79
Quem fala por mim?

12 HORAS 80

RUTH DE AQUINO 82
PPP ou POP?

EDITORA GLOBO

DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA Luciano Tourinho de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE Virginia Any

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato
Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Flávia Tavares, Flavia Yuri Oshima, Luca Yonaha, Marcela Buscato, Marcelo Moura
Editores Assistentes: Isabela Kiesel, Bruno Calixto
Repórter Especial: Cristiane Segatto
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Gabriela Varella, Luís Lima, Nina Fasco, Paula Soprana, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa
Vídeo: Pedro Schimidt, **Web Designer:** Giovana Tarakdjian;
Consultora de Marketing: Cássia Christe
Estagiários: Daniele Amorim, Daniela Simões, Bruna de Alencar, Giovanna Wolf Tadini, Guilherme Caetano, Nelson Niero Neto
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Praça Floriano, 19 – 8º andar – Centro – CEP 20031-050
Editor: Sergio Garcia, **Repórteres:** Acyr Méra Junior Guilherme Scarpa, Marcelo Bortoloti;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Samantha Lima;
| BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber;
Repórteres: Alana Rizzo, Ana Clara Costa, Barbara Lobato, Nonato Viegas, Talita Fernandes;
FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori;
Editora Assistente: Aline Chica,
Designers: Cristina Ayumi Kashima, Daniel Graf Renato Tanigawa;
Estagiárias: Ana Carolina Takano Malavolta, Ana Paula do Prado Ribeiro
Editor de Infografia: Marco Vergotti
SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel
REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França;
Revisores: Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Verginia Helena Costa Rodrigues
CARTAS À REDAÇÃO | epoca@edglobo.com.br;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno,
ESTRATÉGIA DE CONTEÚDO DIGITAL | Gerente: Silvia Balieiro;
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO | Diretor de TI: Rodrigo Gosling,
ESTRATÉGIA DIGITAL | Desenvolvedores: Everton Ribeiro, Fabio Alessandro Marciano, Leandro Paixão, Marcelo Amêndola, Murilo Amendola, Thiago Previero, William Antunes;
Automação Editorial: Ewerton Paes, Ronaldo Nascimento;

MERCADO ANUNCIANTE | Segmentos – Financeiro, Imobiliário, TI, Comércio e Varejo | Diretor de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn; **Gerente de negócios multiplataforma:** Ciro Hashimoto; **Executivos multiplataforma:** Cristiane Paggi, Selma Pina, Milton Luiz Abrantes, Christian Lopes Hamburg; **Segmentos – Moda, Beleza e Higiene Pessoal | Diretor de negócios multiplataforma:** Cesar Bergamo; **Executivas multiplataforma:** Adriana Pines Martins, Ana Paula Boulos, Eliana Lima Fagundes, Giovana Sellan Perez, Selma Teixeira da Costa, Soraya Mazenno Sobral; **Segmentos – Casa, Construção, Alimentos e Bebidas, Higiene Doméstica e Saúde | Diretora de negócios multiplataforma:** Luciana Menezes; **Executivos multiplataforma:** Fatima Ottaviani, Paula Santos, Rodrigo Girodo Andrade, Taly Ozeresna Wakrat, Valeria Glanzmann; **Segmentos – Mobilidade, Serviços Públicos e Sociais, Agro e Indústria | Diretor de negócios multiplataforma:** Renato Augusto Cassis Siniscalco, **Executivos multiplataforma:** Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, Jessica de Carvalho Dias, João Carlos Meyer Prisoila Ferreira da Silva; **| Segmentos – Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Turismo, Mídia, Telecom e Outros | Diretora de negócios multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executivos multiplataforma:** Ana Silvia Costa, Lilian de Marche Noffs, Dominique Petroni de Freitas; **| EGCN – Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **| Escritórios Regionais | Gerente multiplataforma:** Larissa Ortiz; **Executiva multiplataforma:** Babita Garcia Chagas Arantes, **Gerente de Eventos:** Daniela Valente; **Opec Off-Line:** Carlos Roberto de Sá, Douglas Costa, Eduardo Ramos, **Opec On-Line:** Rodrigo Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Chabes, Rodrigo Pecoroni; **Estratégia Comercial:** Guilherme Nagawa Sugio; **| Unidades de Negócio – Rio de Janeiro – Gerente multiplataforma:** Rogerio Pereira Ponce de Leon; **Executivos multiplataforma:** Daniela Nunes, Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado, Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos; **| Unidades de Negócio – Brasília – Gerente multiplataforma:** Barbara Costa Freitas Silva, **Executivos multiplataforma:** Camilla Amaral da Silva, Jorge Bicalho Felix Junior; **| Estúdio Globo:** Caio Henrique Caprioli, Vera Lúcia Rangel Cavalieri, Luiz Claudio dos Santos Faria

AUDIÊNCIA | Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos; **Diretor de Planejamento e Desenvolvimento Comercial:** Edinei Zampese; **Gerente de Vendas Canais Indiretos:** Reginaldo Moreira da Silva, **Gerente de Criação:** Valter Bioudo Silva Neto; **Coordenadores de Marketing:** Eduardo Roccato Almeida, Patricia Aparecida Fachetti

ANER IVC FIPP

ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Plural Indústria Gráfica Ltda.** Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 Tamboré Santana de Parnaíba, São Paulo, SP CEP 06543-001

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa Ano 2012 da Editora Globo S.A. é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido, foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Deseja falar com a Editora Globo?

ATENDIMENTO
4003-9393

VENDAS CORPORATIVAS E PARCERIAS
11 3767-7226
parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR
SP: 11 3736-7128 | 3767-7447 3767-7942 | 3767-7889 3736-7206 | 3767-7557
RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923
BSB: 61 3316-9584

NA INTERNET
www.assinegloboo.com.br/sac
4003-9393

ASSINATURAS
4003-9393
www.sacglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
11 3767-7005
venda_conteudo@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 E-mail: **epoca@edglobo.com.br**
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.
Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

...ção sujeitos à disponibilidade de estoque e alteração de preço sem prévio aviso. VENDAS: www.vivara.com.br ou 0800 77 44 999.

Life
VIVARA
vivara.com.br

MARINA RUY BARBOSA
LIFE MY STONE
Prata e pedras
Brincos à vista R$ 320 cada
Pulseira à vista R$ 350 cada
Anéis à vista R$ 250 cada
Consulte o valor da parcela mínima

A eleição mais importante do ano

Os franceses adoram discutir política – e, na hora de votar, costumam primar pela sensatez. É natural que na pátria do filósofo René Descartes, criador do método científico, a racionalidade prevaleça. A regra, no país, é que políticos de centro-esquerda e centro-direita se alternem na Presidência da República, deixando de lado os extremistas dos dois lados do espectro político. Até pouco tempo atrás, isso significava que ultranacionalistas de direita e grupos autoritários de esquerda não tinham vez. Recentemente, os extremistas saíram de cena e vieram à tona os populistas. No pleito deste ano, dois candidatos pertencentes à família chegam às urnas em empate técnico com os representantes do centro moderado. Isso faz com que as eleições francesas, marcadas para o domingo, 23 de abril, sejam as mais importantes disputadas neste ano, pelo efeito que podem provocar no xadrez das democracias do Ocidente *(leia mais em reportagem de Teresa Perosa a partir da página 56)*.

VOZ DAS RUAS
Protesto de desempregados em Paris. A "pós-verdade" dos populistas se destina a eles

Existem várias definições possíveis para populismo. Uma delas designa candidatos que, em época eleitoral, prometem coisas atraentes no curto prazo, mas desastrosas quando examinadas em perspectiva, ao longo do tempo. Marine Le Pen, candidata da Frente Nacional, e Jean-Luc Melenchon, da França Insubmissa, enquadram-se nessa definição. Ambos semeiam pós-verdades relacionadas com um assunto que preocupa enormemente os franceses: o desemprego. A falácia espalhada pela nacionalista Le Pen é que, fechando as fronteiras do país, os postos de trabalho ocupados pelos imigrantes retornariam aos franceses natos. O que ela omite é que esse cenário hipotético diminuiria a competitividade da economia francesa, gerando mais desemprego à frente. Já Melenchon reproduz os clichês da velha esquerda. Ele atribui o desemprego francês ao "neoliberalismo" da União Europeia, que teria pressionado pelo ajuste fiscal feito recentemente no país. Fica fora de seu raciocínio o fato de que países com problemas nas contas públicas afugentam os investidores que geram empregos.

Os dois candidatos populistas se situam em lados opostos. A solução que propõem, no entanto, é parecida: retirar a França da União Europeia. Por isso as eleições deste mês de abril são tão importantes. Sem a França, e depois da saída da Inglaterra, a Europa ficaria em perigo. Entre as três maiores economias do continente, apenas a Alemanha permaneceria na União. O abalo se propagaria em ondas, afetando economias do mundo inteiro. Mais que isso. Depois da surpreendente eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a vitória de um populista na França representaria mais um triunfo dos que se situam na contramão da História. Aliás, a pós-verdade que marca o governo Trump também vem assombrando a campanha eleitoral francesa, como lembra o jornalista e pesquisador Thomas Traumman *(leia mais a partir da página 52)*.

Na hora de votar, a racionalidade cartesiana costuma prevalecer na França. Não foram poucas as vezes em que Marine Le Pen esteve próxima de uma vitória pessoal ou de seu partido – ela e a Frente Nacional são especialistas em perder eleições em segundo turno. A sós com a urna dentro da cabine de votação, os franceses preferem candidatos com visão mais moderna e que encarem os fenômenos da economia com um mínimo de racionalidade – sejam eles de esquerda ou direita. Não se furtam a recorrer ao voto útil. Para banir aventureiros, eleitores de direita são capazes de votar na centro-esquerda, e eleitores de esquerda escolhem candidatos de centro-direita. Num país que já deu tantas lições de democracia ao mundo *(leia mais a partir da página 64)*, é importante que tal sensatez prevaleça mais uma vez.

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

Foto: Jean-Paul Pelissie/Reuters

Y&R

TRAVELLERS CHOICE
tripadvisor
Aos nossos clientes e tripulantes,
muito obrigado.
Ser eleita a 3ª melhor companhia aérea do mundo pelo TripAdvisor é motivo de orgulho. Saber que quem elege são todos aqueles que voam com a gente faz esse prêmio ser ainda mais especial.
Azul. Sua alegria faz a gente voar.
Azul
Você lá em cima.
voeazul.com.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO

MENTIRA TEM PERNAS CURTAS. MAS CAUDA LONGA.

Antes de acreditar em tudo o que você lê, se pergunte: é isso mesmo?

Se a fonte não tem credibilidade, a informação não tem garantia.

O Globo.
Conteúdo em que você confia.
E compartilha.

O GLOBO

PERSONAGEM DA SEMANA

HILBERTO MASCARENHAS

O GERENTE DA CORRUPÇÃO

Nos palavrões e na desfaçatez do diretor do setor de propinas da Odebrecht está a alma de um esquema sofisticado só na aparência

Foto: Jorge William/Ag. O Globo

Flávia Tavares

Marcelo Odebrecht convocou Hilberto Mascarenhas em sua sala, no edifício Villa Lobos, em São Paulo, para uma conversa sobre o crescimento da empreiteira nos próximos anos. Era 2006 e os negócios eram auspiciosos. Marcelo, então presidente da Construtora Norberto Odebrecht, sabia que, um dia, seria chamado a assumir a holding, a empresa-mãe do grupo baiano. E queria iniciar seu legado montando um departamento inovador, capaz de lidar com enormes montantes de recursos e fornecedores VIPs. Mascarenhas era o homem para chefiar o novo setor. Já estava na empresa havia 30 anos, era de confiança, tinha capacidade de gerência, era discreto. Era também um tanto bonachão – e ia precisar desse atributo na nova lida. Ele tinha até um nome e uma figura apropriados: Mascarenhas, gorducho e careca, poderia bem ser sobrenome de personagem de Nelson Rodrigues, um daqueles burocratas eficientes, detentor de sórdidos segredos. Ele era o homem para criar e comandar o Setor de Operações Estruturadas da Odebrecht, o SOE. Quando Marcelo disse a Mascarenhas o que esperava do subordinado, ouviu, surpreso, um "não" como resposta. Impositivo, explicou que não se tratava de um convite recusável. "Então, não é um convite, é uma intimação", retrucou Mascarenhas. "Qual é a diferença?", perguntou Marcelo. "Intimação é muito mais caro." O chefe assegurou que Mascarenhas não precisava se preocupar, que seria bem recompensado. Ele, então, aceitou o cargo.

Foi o próprio Mascarenhas quem relatou essa história, com um sorriso passeando nos lábios, aos procuradores da Lava Jato, em 14 de dezembro do ano passado. Em um dos depoimentos que prestou como delator, o baiano detalhou com minúcias como organizou a área da Odebrecht responsável pelo pagamento de propinas a agentes públicos de todos os tipos por quase uma década. Dos episódios do Netflix da Odebrecht que vieram a público, esse talvez seja a síntese mais bem-acabada de como a corrupção se confecciona e se infiltra a ponto de se tornar banal. Tão banal quanto um pequeno departamento numa imensa corporação – "um cantinho ali no 16º andar". Com o desfrute de quem não tem absolutamente nada a perder, Mascarenhas, o gerente da corrupção, descreve no vídeo as entranhas do sistema por ele montado para garantir que corrompidos e corruptores selassem suas negociatas. O pequeno departamento, que contava com cinco funcionários, incluindo Mascarenhas, movimentou US$ 3,37 bilhões em oito anos.

De cara, Mascarenhas conta que ganhou a confiança da família Odebrecht e ascendeu na companhia de uma maneira bem brasileira e bem típica da cultura Odebrecht: via Q.I. Seu pai foi presidente do Banco do Nordeste; seu padrinho, conselheiro da Odebrecht. Some-se a esses predicados familiares a questão geográfica. "Todos somos baianos", resume Mascarenhas. A proximidade do gerente da corrupção com Emílio Odebrecht o levou a frequentar a casa de praia da família. Na carreira na empreiteira, Mascarenhas ocupou cargos em diferentes braços da empresa, sempre na área financeira. Por tudo isso, quando Marcelo precisou de alguém para estruturar as operações estruturadas, não teve de procurar muito. Previamente, já havia uma dupla responsável por pagar propinas: Antonio Ferreira Neto e Maria Lúcia Tavares, a operadora que primeiro delatou aos investigadores a existência do departamento. Mas era coisa miúda, que movimentava merrecas em torno de US$ 70 milhões por ano. Mascarenhas assumiu a área e elevou a movimentação para a estratosfera, chegando a US$ 730 milhões em 2012 e 2013. Ao relatar suas funções aos procuradores, Mascarenhas evita os termos "corrupção" e "caixa dois", entre outros. Recorre ao eufemismo "esse assunto". Ele conta que precisou convocar subalternos de confiança para ajudar. "Nesse assunto, não existe outra forma de ser se não for na confiança. Se alguém quisesse desviar *(recursos do setor)*, desviaria, e você não teria como reclamar. Ia reclamar de quê? De um recurso não contabilizado?" Mascarenhas ri despudoradamente.

O gerente manteve Maria Lúcia e chamou Fernando Migliaccio para a equipe, que ainda contava com Luiz Eduardo Soares e Angela Palmeira. A turma adaptou um sistema que a Odebrecht já usava para organizar contas, o My Web Day, e o chamou de My Web Day B – e bota B nisso. Os recursos

O MENTOR
Marcelo Odebrecht antes da prisão. Ele escolheu Hilberto Mascarenhas para administrar o fluxo de propina

Foto: Eduardo Knapp/Folhapress

Mascarenhas reclamou com Marcelo do volume de propina. "Não dá, cara! Vai chegar em quanto?"

usados pelo SOE para pagar propinas vinham de outro departamento, o de Geração, e Mascarenhas garante não saber como esse caixa dois era gerado. Sabe bem o que acontecia dali em diante. Até 2009, antes de assumir finalmente a holding, Marcelo Odebrecht era quem dava o o.k. para o pagamento de propinas. Naquele ano, Marcelo determinou que a autorização para a paga de obras ficaria a cargo dos "líderes empresariais", no jargão da empresa, responsáveis pela obra em questão. Ele trataria somente dos políticos. "Marcelo me f...deu, deu, deu. Eu tinha um chefe, passei a ter seis", Mascarenhas reclama. A comunicação com os agraciados com a bola se dava pelo Drousys, sistema cuja base de dados fica na Suíça. Tudo soa muito sofisticado. Mas não se engane. Isso é Brasil. O sistema pouco tinha de sofisticado. E Mascarenhas é, acima de tudo, um brasileiro corrupto. Usou de artimanhas antigas, como a utilização de senhas e codinomes, para a prática tão antiga quanto de subornar agentes públicos. Só deu uma roupagem profissional à coisa, com offshores, doleiros e caminhos mais intricados para o percurso da grana. Ao explicar aos procuradores os truques que usava para driblar a fiscalização dos bancos no exterior e a área de compliance, Mascarenhas dá um gostoso bocejo. "Também tô com sono, pode abrir a boca", ele autoriza os interlocutores.

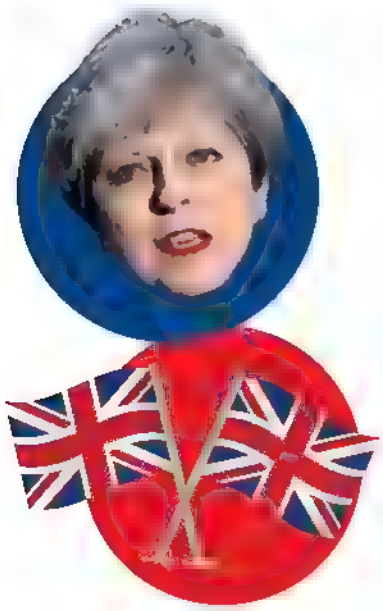
Embora soe orgulhoso do tamanho do negócio que passou a chefiar, Mascarenhas jura que se preocupava com a quantidade de pessoas que sabiam da existência de seu obscuro departamento – que, em tese, deveria ser tão secreto quanto a divisão de combate a alienígenas dos *Homens de preto*, mas não era – e com o montante de propina que vinha sendo movimentada. "Estava virando um prazer o cara comprar alguém", diz. Mascarenhas é o trovador da sacanagem na Odebrecht. Ele conta que reclamou com Marcelo seguidamente. "Não dá, cara! Vai chegar em quanto?", disse ao chefe. Como prova, Mascarenhas apresenta um e-mail em que Marcelo diz que pediu para os "líderes empresariais" maneirarem na gastança. "Acho que o pessoal já entendeu a necessidade da seletividade", escreve Marcelo, em dezembro de 2014, quando a Lava Jato já botava para quebrar. Coisa de um mês depois, Marcelo ordenou que o SOE fosse transferido para o exterior e Migliaccio e Luiz se mudaram para Miami. Marcelo, então, chamou Mascarenhas a sua sala novamente. Era hora de o funcionário exemplar encerrar seus serviços. "Perfeitamente", disse Mascarenhas. Com 40 anos de empresa àquela altura e 60 de vida, Mascarenhas se aposentou. Marcelo foi preso dois meses depois. Mascarenhas, em março deste ano. Mas ele é um brasileiro e não desiste nunca. "Quero curtir a minha vida quando vocês tirarem esse negócio do meu pé", aponta para a tornozeleira eletrônica, "e eu puder viajar, curtir o que eu, os 40 anos que eu trabalhei...". Vai, Mascarenhas, vai ser feliz. Sua missão no almanaque brasileiro da corrupção foi devidamente cumprida. ◆

OITO NOTAS

QUE RESUMEM A SEMANA

Recado dado

O **papa Francisco** declinou do convite do presidente Michel Temer para visitar a cidade de Aparecida na ocasião da comemoração dos 300 anos da aparição da imagem da santa. Em 2013, em sua última passagem pelo Brasil, o pontífice havia mencionado a intenção de participar das celebrações. Em carta enviada ao presidente na semana passada, entretanto, alegou falta de espaço na agenda. Aproveitou também para comentar a crise política no país ao citar que são "os mais pobres que pagam o preço mais amargo por soluções fáceis e superficiais para crises".



Antecipação britânica

Na terça-feira, dia 18, a primeira-ministra britânica, **Theresa May**, propôs antecipar para 8 de junho as eleições parlamentares previstas para 2020. May pretende sair fortalecida da votação para negociar a retirada do Reino Unido da União Europeia. Pesquisas mostram que, caso a eleição fosse realizada neste ano, Theresa May lideraria as intenções de voto com 20 pontos à frente do líder da oposição.

ESTOURO

O governo divulgou o déficit de

R$ 10 trilhões

no INSS em 2060 caso não haja uma reforma na Previdência. O número equivale a 11,29% do PIB projetado para o mesmo ano.

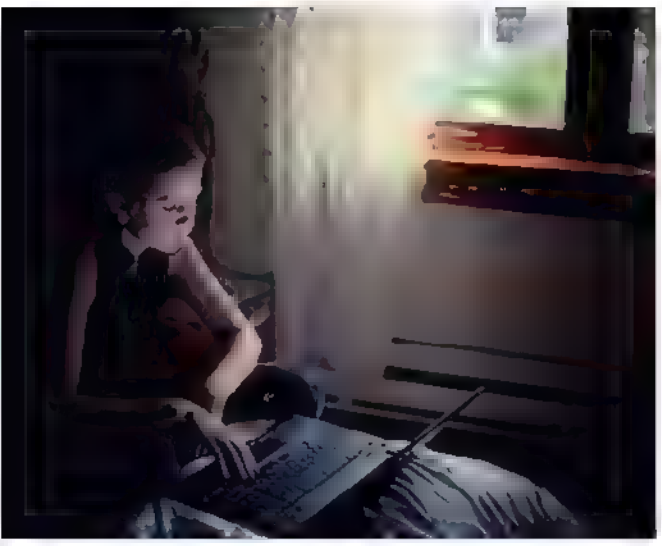
Socorro aos estados

A Câmara dos Deputados aprovou na terça-feira, dia 18, o texto-base do projeto de lei que prevê a recuperação dos estados em crise financeira. A medida suspende o pagamento de dívidas desses com a União pelo período de três anos. Para obter o benefício, os estados precisam comprovar o rombo nas contas e se comprometer a fazer ajustes fiscais no período de isenção.

Terror no Ceará

Uma onda de violência aterrorizou Fortaleza na semana passada. Foram registrados 21 ataques a delegacias, ônibus, bancos e à sede da Guarda Municipal. Seis pessoas ficaram feridas e uma morreu. Segundo o governo do Ceará, os ataques foram ordenados de dentro da prisão depois de uma apreensão de 504 celulares. Uma carta atribuída a bandidos de uma facção criminosa local diz que os incêndios foram motivados pela recente transferência de presos no estado.

CENSURA FATAL Dois estudantes e um militar foram mortos na manifestação contra o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, na quarta-feira, dia 19. Testemunhas relatam que os civis foram baleados por membros das milícias armadas chavistas. Os venezuelanos reivindicam o reconhecimento do Poder Legislativo, eleições gerais e a libertação de presos políticos.



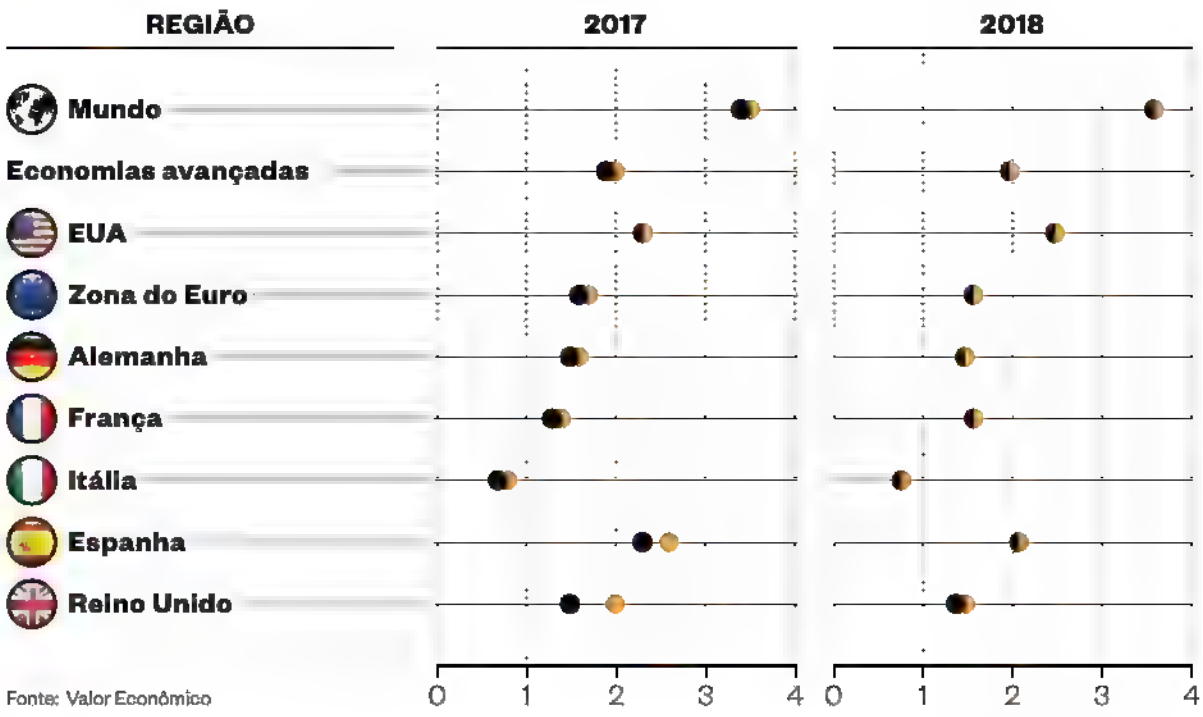
Jogo da morte

Quatro mortes – em Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo – e 12 tentativas de suicídio de cariocas e curitibanos podem estar relacionadas com o "desafio da Baleia Azul". O jogo induz a participação de crianças e adolescentes em diferentes provas, que podem levar à autoflagelação e até à morte. Os "curadores" do jogo, que mandam os desafios, podem ser indiciados até por homicídio.

Em tom de otimismo

O Fundo Monetário Internacional divulgou na terça-feira, dia 18, seu Panorama da Economia Mundial. O documento prevê crescimento de 3,5% da economia mundial neste ano – alta de 0,1 ponto percentual sobre a projeção de janeiro. A previsão do FMI é que o Brasil cresça 0,2% neste ano e 1,7% em 2018, se conseguir reduzir incertezas no campo político e avançar nas reformas.

Previsões do FMI para a economia global em 2017 e 2018 em %



Fonte: Valor Econômico

Foto: Tony Gentile/Reuters, Luis Macedo/Agência Senado, Federico Parra/AFP, Getty Images, LC Moreira/Futura Press, Stefan Wermuth /Reuters

DOZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

"Foram 20 anos sem pensar nisso, e dois de caos total"

Príncipe Harry. Ele disse que precisou buscar ajuda profissional para lidar com a morte da mãe, a princesa Diana

Fotos: Chris Jackson/Getty Images, Ahn Young-Joon - Pool/Getty Images, Glow Images,

“É muito provável que alguns ministros achem que não possam continuar, fiquem desconfortáveis e saiam”

Michel Temer,
presidente, sobre a abertura de inquérito contra oito ministros de seu governo

“Todo mundo que participou do processo de redemocratização operou segundo práticas que levaram à desmoralização do sistema. Temos um fato.”

Sergio Fausto,
diretor da Fundação Fernando Henrique Cardoso, ligada ao PSDB, em debate com representantes do Instituto Perseu Abramo, ligado ao PT

“Não dá para imaginar que você vá colocar um gestor competente e resolver os problemas do Brasil. O país precisa é de bons políticos”

Roberto Setubal,
presidente do Itaú Unibanco

“Confundem auditório de show com a solução de problemas sociais”

Dilma Rousseff,
ex-presidente, sobre o apresentador Luciano Huck admitir a chance de entrar para a política

“Ganhei o bicho, gastei o bicho, peguei minha medalha e levantei a taça”

Renato Gaúcho,
ex-jogador do Flamengo, indiferente à decisão do Supremo Tribunal Federal que reconheceu o Sport como campeão brasileiro de 1987

“Demiti um rapaz por conta de uma palhaçada”

Hilberto Mascarenhas,
ex-executivo da Odebrecht, sobre um funcionário que questionou o pagamento de propinas

“Seria impossível reconstruir a empresa que queremos para o futuro sem enfrentar a realidade”

Newton de Souza,
presidente da Odebrecht, numa carta em que pede desculpas aos funcionários

“Depois do que os vídeos mostraram, ou a Odebrecht fecha ou muda de comando”

Tasso Jereissati (PSDB-CE),
senador

“Fiz nada. Fiz só o que eu tinha de fazer”

Rodrigo Caio,
jogador do São Paulo.
A pedido dele, o juiz anulou o cartão amarelo dado ao adversário Jô, do Corinthians

“A Coreia do Norte não deveria testar a determinação de Trump nem a força militar dos Estados Unidos”

Mike Pence,
vice-presidente dos Estados Unidos

“Vamos conduzir mais testes de mísseis semanalmente, mensalmente e anualmente”

Han Song-Ryol,
vice-ministro das Relações Exteriores da Coreia do Norte

EXPRESSO

POR MURILO RAMOS

expresso@edglobo.com.br

Próximos capítulos

Ainda falta o Khadafi

Dono da Odebrecht, Emílio Odebrecht se comprometeu com investigadores da Lava Jato a detalhar o teor de duas reuniões mantidas com o ex-presidente **Lula** em 2008 e 2009 em que conversaram sobre a Líbia. Os investigadores desconfiam que Emílio usou a influência de Lula com o ex-ditador **Muammar Khadafi**, morto em 2011, a fim de conquistar contratos para a empreiteira no país do norte da África. Entre eles a construção de um terminal de passageiros no aeroporto de Trípoli e um anel rodoviário na cidade. Os procuradores deverão chamar Emílio para explorar o tema.

"Mestre" e "Tremito"

Não está claro para os investigadores quem são os personagens por trás dos apelidos "Mestre" e "Tremito". Os codinomes foram citados em meio às explicações sobre o pagamento de propina a políticos do PMDB a partir de um contrato de R$ 800 milhões da Odebrecht com a Petrobras. A curiosidade deve-se à importância do caso. Existem provas de que houve fraude na licitação e acerto de propina. Dois delatores disseram que o presidente **Michel Temer** abençoou a negociata. Temer nega.

Tem mais

O Ministério Público Federal foi informado de que o ex-senador Delcídio do Amaral e o senador Humberto Costa receberam dinheiro desse mesmo contrato. Mas há outra parte destinada ao PT que foi paga no exterior em contas indicadas pelo ex-tesoureiro do partido João Vaccari. Falta saber quem foram os destinatários finais.

Memória seletiva

Um dos delatores, José Carvalho Filho, foi didático ao citar dois pagamentos de propinas para o PMDB: um no escritório do advogado José Yunes, amigo de Temer, e outro para um representante de Eduardo Cunha. Mas, em relação a outros três pagamentos, Carvalho Filho foi evasivo. Disse que o dinheiro teria como destinatário Eliseu Padilha. Não apontou endereços de entrega. Suspeita-se que queira proteger outros caciques do partido.

Verão e amizade

A Odebrecht e a Cervejaria Petrópolis, do empresário Walter Faria, registravam a troca de dólares por reais por meio de uma conta apelidada de "Amizade". A parceria funcionou tão bem que a Odebrecht até foi contratada para construir uma unidade da cervejaria.

Surra digital

Nas primeiras 24 horas após a divulgação das delações da Odebrecht, políticos apanharam nas redes sociais. O ex-presidente Lula, o senador tucano Aécio Neves, o presidente Michel Temer e a ex-presidente Dilma Rousseff foram os quatro mais mencionados em interações, de acordo com medição feita pelo DAPP, da Fundação Getulio Vargas.

Fotos: Nelson Antoine/FramePhoto, Victor Sokolowicz/Getty Images, Mateus Bonomi/AGIF, Andressa Anholete/Ag O Globo e reprodução

Com **Bárbara Lobato** e **Nonato Viegas** e reportagem de **Leandro Loyola** e **Guilherme Caetano**

É contigo, juiz

Tudo conspira contra os políticos. O levantamento detectou sede por punições dos acusados, uma enorme crença no Judiciário, como o poder capaz de punir os corruptos. Mensagem: é forte a pressão para que o Judiciário atenda às expectativas; se falhar, cairá na vala da desconfiança.

Os preferidos

Os primeiros alvos de denúncias pela Procuradoria-Geral da República (PGR), a partir das delações de ex-executivos da Odebrecht, deverão ser os oito ministros de Temer citados. A PGR espera oferecer as denúncias até meados de setembro.

Inversão

De um político relacionado na lista de Fachin e indignado com a Odebrecht: "Nenhum partido chega para o empresário para pedir doação via caixa dois. É o empresário que quer sonegar impostos", afirma.

Reforço

A Polícia Federal está preparada para aumentar o efetivo de policiais dedicado aos inquéritos abertos a partir da decisão do ministro do STF Edson Fachin. A maioria deverá ficar em Brasília.

Olha o déficit

Desconfiança

O ministro da Fazenda, **Henrique Meirelles**, deveria estar comemorando a aprovação da Medida Provisória que acaba com desonerações fiscais sobre vários setores da economia e que está programada a entrar em vigor em julho. Isso significará mais dinheiro em caixa. Mas ele tem observado um movimento diferente no Congresso no sentido de reverter a aprovação da Medida Provisória. Está preocupado, especialmente, com o lobby de alguns setores, como o automobilístico e o de aviação.

Placar

Desde o começo da Lava Jato, há pouco mais de três anos, a Polícia Federal analisou o conteúdo de 1.279 pen drives, 805 telefones celulares, 738 discos rígidos e 619 computadores apreendidos. O trabalho de perícia ajuda e muito a investigação.

Além do Rio

O Ministério da Fazenda verificou que alguns estados perderam completamente o controle de suas folhas de pagamentos. Entre 2009 e 2015, Santa Catarina teve aumento de 139,56% nessas despesas, seguido de Roraima (127,41%), Tocantins (126,75%) e Piauí (121,94%).

Passaporte carimbado

Temer faz planos de viajar para o exterior. Está agendando compromissos na Rússia, em junho, na Alemanha, em julho, e nos Estados Unidos e na China, no segundo semestre. Assessores dizem que, com a popularidade baixíssima no Brasil, é melhor não arriscar sair por aqui.

Trio perigoso

Temer está incomodado com três partidos da base aliada: PSB, PSD e PRB. Pediu aos ministros Fernando Bezerra Filho, Gilberto Kassab e Marcos Pereira que controlem suas bancadas e garantam apoio às reformas. Marcos Pereira, por exemplo, já tentou sensibilizar os correligionários. Mas, até agora, acredita ter apenas 50% dos votos do partido favoráveis ao Planalto.

Vai na fé

O prefeito de São Paulo, João Doria, acha ser possível que o papa Francisco venha ao Brasil para a comemoração dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, apesar de sinalização contrária. Doria mantém conversas com o arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Scherer, sobre o assunto.

Ironman da Lava Jato?

Ex-diretor da Dersa, Paulo Vieira de Sousa, o **Paulo Preto**, está associado a pagamentos ao senador José Serra (PSDB-SP), ao atual chanceler Aloysio Nunes e ao ministro da Ciência e Tecnologia, Gilberto Kassab, na Lava Jato. Nas planilhas da Odebrecht, o nome de Vieira não aparece ligado a apelidos. Mas bem que poderia ser "Homem de Ferro". Ele se orgulha de ter realizado provas de triatlo com mais de 50 anos. Paulo Preto costuma dizer que todos duvidavam que conseguiria. Muitos também duvidam que se torne delator da Lava Jato. Surpreenderá de novo?

Leia a coluna Expresso em epoca.com.br

EUGÊNIO BUCCI

Lula réu, Lula candidato

Será que, para salvar a democracia brasileira, é preciso que Luiz Inácio Lula da Silva seja candidato à Presidência da República em 2018? Se a pergunta parece absurda a seus ouvidos, é melhor ir com calma. Para muita gente, e não estamos falando só daqueles que ainda levam a sério o Partido dos Trabalhadores, essa candidatura é de interesse público, mais do que de interesse partidário. Muitos acreditam que, se Lula não estiver na cédula no ano que vem, a representatividade das próximas eleições vai escorrer pelos bueiros e, depois disso, a nação cairá nos braços fumegantes do caos.

Embora os defensores da candidatura Lula se situem mais ou menos à esquerda, a tese tem chances reais de seduzir adeptos mais para o centro. Mesmo entre aqueles que criticam Lula – ou porque o consideram uma "decepção ética" ou porque veem nele um populista vulgar e irresponsável – há os que já se mostram sensíveis à ideia. Alguns desses já avisam que não votarão no ex-presidente, mas alertam que os milhões de brasileiros que gostaram dos governos Lula entre 2003 e 2010, e agora, como mostram as pesquisas, querem que ele volte, vão se sentir excluídos do processo eleitoral caso ele não seja candidato. Na quinta-feira, dia 20, uma pesquisa do Ibope, feita antes da divulgação da delação da Odebrecht, mostrou que a rejeição ao nome de Lula vinha caindo. Por isso, a ausência do nome de Lula na cédula de 2018 retiraria legitimidade do pleito. Quem quer que viesse a ser o vencedor seria um vencedor enfraquecido desde o dia da vitória.

Concordemos ou não com a tese, recomenda-se não desprezá-la. A proposta vai dominar a agenda nacional nos próximos meses, com toques de tragédia tropical. O discurso do "golpe", que arrastou corações apaixonados durante o processo que cassou o mandato de Dilma Rousseff, vai voltar com força considerável. A Operação Lava Jato, na qual Luiz Inácio Lula da Silva é réu em condições cada vez mais funestas e mais vexatórias, será retratada com um prolongamento do "golpe" que cassou Dilma Rousseff em 2016. Dirão que o único propósito da Lava Jato não é investigar, julgar e punir corruptos e corruptores, mas construir um cenário jurídico que dê bases legais para cassar por antecipação a candidatura de Lula em 2018. A Lava Jato vai ser chamada de segundo capítulo do "golpe" de 2016. A primeira vítima foi Dilma, dirão de dedo em riste, e a segunda é a carreira política do padrinho que a elegeu. Com base nisso, os defensores da candidatura advertirão: sem Lula na disputa, a democracia brasileira sairá debilitada, desacreditada e até inviabilizada, pois perderá seu lastro de confiança.

Por trás da retórica um tanto heroica, a engrenagem eleitoral será impulsionada pelo motor pragmático do Direito Penal. A estratégia da defesa jurídica do réu Luiz Inácio Lula da Silva, implicado de corpo inteiro na Lava Jato, alimentará o ânimo do palanque eleitoral do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Quanto mais a tese da candidatura progredir, melhor para a defesa do réu. Lula passará a ser tratado como um preso político ou como um quase preso político. Os crimes de que ele é acusado perderão visibilidade, serão ofuscados pela alegação de que há um "golpe preventivo" em marcha para impedi-lo de se candidatar. Nesse discurso, todas as delações, todas as provas, todas as páginas do processo serão reduzidas a um reles pretexto de um golpe contra os eleitores de Lula. Quanto mais gente acreditar que a candidatura Lula terá o condão de funcionar como um atestado de legitimidade das eleições de 2018, maior será o custo político que o juiz Sergio Moro terá de pagar se decidir mesmo condená-lo à prisão. Quanto mais candidato for, menos réu Lula terá de ser.

> OS CRIMES DE LULA SERÃO OFUSCADOS PELA ALEGAÇÃO DE QUE HÁ UM "GOLPE" PARA IMPEDIR SUA CANDIDATURA

Aí você pergunta: por que o candidato em 2018 precisa ser ele, Lula? Por que tanto personalismo? Por que não alguém mais jovem, sem as manchas deixadas pelas delações premiadas dos donos e dos executivos dessas empreiteiras que compraram quase todo mundo de 30 anos para cá? Por que Lula não dá seu apoio a um nome mais limpo? Isso não seria suficiente para que os eleitores que gostam dele se sintam representados? Por que o PT não aproveita o momento para renovar suas lideranças, como o PSDB parece que vai fazer?

A resposta a essas perguntas talvez nos constranja, porque talvez sugira que o colossal empenho coletivo para que Lula entre na cédula está a serviço de uma estratégia advocatícia para evitar que Lula entre na cela. Vista por esse ângulo, a candidatura de Lula em 2018 não seria um projeto político, mas um atalho concebido no tabuleiro dos tribunais. A hipótese pode soar antipática, mas não a descartemos de cara. Onde está a verdade nesse jogo? Os próximos meses dirão.◆

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ECA-USP

Você achava
que cuidar dos filhos
era trabalho só da mãe.

#Hashtag

Você ainda acha
que carro compacto
tem pouco espaço?

Acesse desache.com.br

SP-SÃO PAULO
VWB-1234

Motor TSI
com 105 cv

Novo sistema
interativo
Composition Phone

Novo painel
com luz ambiente
em LED

Novo volante
multifuncional

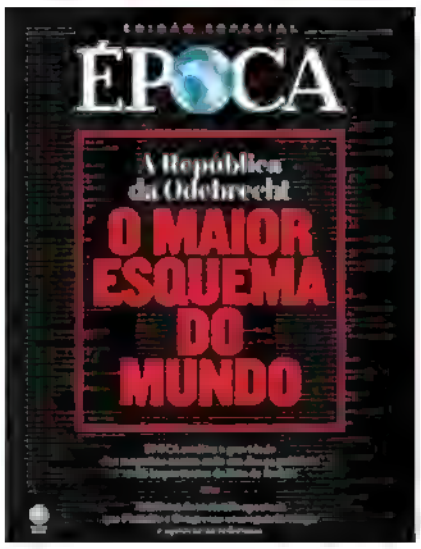
Novos sensores
de chuva
e crepuscular

Chegou o novo up! Feito de novas ideias.

Minha escolha faz a diferença no trânsito.

Volkswagen

SUA OPINIÃO



Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

A REPÚBLICA DA ODEBRECHT

Nas reportagens (982/2017) sobre a divulgação da lista dos implicados nas delações dos executivos da Odebrecht, ÉPOCA destrinchou as revelações que abalaram o país

Podemos concluir que a "Jararaca" e os seus "Crocodilos" são os maiores sugadores da República da Odebrecht. O restante da fila são jacarés.

Mônica Delfraro David,
Campinas, SP

A corrupção, todo mundo sabe como é. A Odebrecht, na verdade, expõe a política brasileira como ela é: totalmente corrupta.

Raul Mello,
via Twitter

O Brasil sendo passado a limpo.

Carlos Fabian Seixas de Oliveira,
Campo dos Goytacazes, RJ

O regime nos últimos 30 anos foi democracia ou anarquia?

Arcangelo Sforcin Filho,
São Paulo, SP

Ainda não se sabe o que teria causado mais estragos, se a tal "mãe das bombas", lançada pelos Estados Unidos sobre o Afeganistão, ou se a "mãe das delações" jogada sobre Brasília pelo ministro Fachin do STF. Há controvérsias quanto aos resultados!

Maria Elisa Amaral,
São Paulo, SP

Não podemos mais votar nesse bando de ladrões que infestou o país.

Luiz Campioto,
via Facebook

Os executivos e donos da Odebrecht devem ter em suas consciências que toda essa bilionária propina, que confessaram "candidamente" terem repassado para políticos, deixou alguns brasileiros mortos e muitos sem hospitais, escolas, moradias, segurança e empregos. Esse é o maior crime.

Abel Pires Rodrigues,
Rio de Janeiro, RJ

Em vez de trazerem lucro e produtividade ao país, criaram uma verdadeira quadrilha que na verdade tirava dos seus empregadores – o povo brasileiro. Já pensaram se essas obras que geraram tanta corrupção tivessem o mesmo custo comparado aos países desenvolvidos? O país não estaria entre os últimos no mundo em educação, saúde, saneamento básico, infraestrutura etc. Isso não pode ficar impune. Não pode!

Beatriz Campos,
São Paulo, SP

A Odebrechet não é a única empreiteira que há dezenas de anos atua no serviço público. O que ainda está por vir?

Uriel Villas Boas,
Santos, SP

COMENTÁRIO DA SEMANA

"Marcelo Odebrechet é o verdadeiro mandatário do Brasil! Dividiu o país em capitanias hereditárias e as entregou ao PT, PMDB, PSDB e afins..."

José Carlos Serna,
via Facebook

O NARRADOR **Marcelo Odebrecht, em depoimento à Justiça. O que ele contou sobre a política é estarrecedor**

A FOME DOS CROCODILOS

Em sua coluna (982/2017), Ruth de Aquino compara os políticos brasileiros envolvidos no esquema de corrupção a répteis vorazes

Mais uma vez Ruth de Aquino empresta sua lucidez aos fatos. Um texto primoroso que resume os fatos ao que de fato são: apenas corrupção.

Augusto Emilio,
via Twitter

Ruth, suas colunas tocam a nossa alma. Sugiro que você mude sua foto da última página de ÉPOCA, em que você está sorrindo, por uma de semblante triste, porque nestes tempos os brasileiros choram.

Manoel F. Rego,
por e-mail

PERA LÁ, JUCÁ

A coluna EXPRESSO (982/2017) revelou que o senador Romero Jucá (PMDB-RR) cogita se candidatar a deputado federal em 2018

Inacreditável. Só no Brasil um político corrupto permanece com mandato parlamentar intocado e ainda tem a pretensão de se reeleger. Inacreditável. Cara de pau, para dizer o mínimo.

Elisa Unello Garcez,
via Facebook

MAIS COMENTADAS

1. **Juiz nega pedido de Funaro por saídas temporárias para visitar filha menor**
2. **A lista de Fachin: uma bomba sobre Brasília**
3. **Jucá cogita se candidatar a deputado federal em 2018**
   EXPRESSO
4. **Temer vai abrir os cofres do governo para agradar...**
   EXPRESSO
5. **Tucanos contrários à candidatura de Doria...**
   EXPRESSO

MAIS LIDAS

1. **Baby do Brasil fala do fim com Casagrande...**
   Bruno Astuto
2. **Juiz nega pedido de Funaro por saídas temporárias para visitar filha menor**
3. **Sheron Menezzes fala da gravidez...**
   Bruno Astuto
4. **BRL Trust renuncia à gestão do fundo responsável...**
   ÉPOCA FC
5. **Os novos liberais**

MAIS COMPARTILHADAS

1. **Temer vai abrir os cofres do governo para agradar...**
   EXPRESSO
2. **Propina em dinheiro vivo para o PSDB era entregue em regiões nobres de...**
3. **Jucá cogita se candidatar a deputado federal em 2018**
   EXPRESSO
4. **Deputados temem invasões de pessoas armadas...**
   EXPRESSO
5. **Planilhas da Odebrecht indicam pagamentos a ex-tesoureiro do PT em...**

Entre a reforma e o remendo

É fundamental negociar a reforma da Previdência. Mas isso deve ser feito com transparência e sem sacrificar os objetivos

PRESSÕES **Vidraças da entrada da Câmara quebradas em protesto da Polícia Civil. A Polícia Legislativa interveio**

Desde que foi apresentada a reforma da Previdência, no dia 5 de dezembro do ano passado, nunca se teve a ilusão de que o debate entre o Executivo e o Legislativo seria simples. Para convencer os parlamentares de que a proposta era adequada, o governo do presidente Michel Temer teve de recuar até o último dia antes da apresentação do relatório do deputado Arthur Maia (PPS-BA), na quarta-feira, dia 19. Nas contas do governo, as flexibilizações custarão R$ 170 bilhões em dez anos, cerca de 20% da economia total estimada anteriormente, de R$ 800 bilhões. A perda é relevante, mas não desfigura completamente a reforma. Pelo menos por enquanto.

Nas contas de especialistas em Previdência, a perda pode ser de até 40% da estimada pelo governo em até quadro décadas. O economista Paulo Tafner prevê uma perda de 22,5% da economia inicial projetada em dez anos e de 31,4% em 20 anos. "Teremos um encontro marcado em 2019, para uma reforma complementar, corrigindo o que foi cedido agora", diz. O coordenador de Previdência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Rogério Nagamine, trabalha com o mesmo horizonte e levanta uma preocupação adicional: a de o governo ter mais dificuldades para respeitar o teto de gastos, que já vale para este ano. A avaliação geral é de quanto mais o governo recuar, mais pressão recai sobre o próximo presidente do país, a ser eleito em 2018. Seria ruim o desgaste atual gerar uma reforma que precisa ser remendada pouco depois.

Esses cálculos são estimativas independentes. Fazem falta números confiáveis sobre quanto custaria cada flexibilização proposta. Seria importante para a sociedade pesar os ganhos e perdas de cada item. É compreensível que o governo resista a abrir esses dados para preservar poder de barganha. Mas transparência é um recurso precioso num debate público tão complexo, além de ser a base de qualquer democracia.

A resistência à reforma aumentou após as delações de ex-executivos da Odebrecht, que envolvem a cúpula do governo Temer, incluindo oito de seus ministros. Na Comissão Especial, a pressão de deputados da oposição provocou o adiamento da votação do parecer para o dia 2 de maio. O governo está empenhado em impor uma agenda positiva e disposto a fazer concessões. O maior risco é ceder demais e aprovar uma reforma tão desidratada que exigirá ajustes, mais duros, em futuro bastante próximo. Nesse caso, não só o próximo governante sai perdendo, mas também a economia do país e todos os brasileiros. ◆

Foto: Pedro Ladeira/Folhapress

INFORME PUBLICITÁRIO

VÁRIAS LUTAS **POR DIA**

FOTO. RONALDO JACARÉ E JOSÉ ALDO JUNIOR, ATLETAS PATROCINADOS PELA REFINARIA DE MANGUINHOS E PADRINHOS DO PROJETO SOCIAL USINA DE CAMPEÕES, COMANDANDO PELO CAMPEÃO PEDRO RIZZO

A REFINARIA DE MANGUINHOS, MAIS IMPORTANTE REFINARIA PRIVADA DO PAÍS, ENFRENTA VÁRIOS DESAFIOS TODOS OS DIAS PARA CRESCER:

- Aumenta constantemente os investimentos desde 2014, quando a desapropriação decretada pelo governador Sérgio Cabral em 2012 foi anulada pelo Supremo Tribunal Federal
- Responde de forma direta e transparente às infundadas acusações por questionar tributos na Justiça
- Luta em todas as instâncias por um mercado mais justo e transparente
- Combate os cartéis e o domínio das grandes empresas de distribuição de combustíveis que tanto prejudicam o consumidor
- Coloca o respeito ao consumidor em primeiro lugar e briga por preços mais baixos nas bombas de combustíveis

PARA ENFRENTAR TANTAS BATALHAS E RESISTIR A TANTOS ATAQUES, NÓS TEMOS SEMPRE QUE CONTAR COM UM TIME DE GUERREIROS, SEJA NO COMANDO DA EMPRESA, SEJA NOS PROJETOS SOCIAIS E NOS ATLETAS QUE TEMOS ORGULHO DE PATROCINAR.

UFC

PATROCINADOR OFICIAL DO
UFC 212 RIO DE JANEIRO

MANGUINHOS
REFINARIA DE PETRÓLEOS

REFINARIA DE PETRÓLEOS DE MANGUINHOS
TEMOS O DIREITO DE QUESTIONAR TRIBUTOS E
O DEVER DE RESPEITAR O CONSUMIDOR

TEMPO

INVESTIGAÇÃO

O BALCÃO DAS LEIS

A investigação sobre a venda de leis para a Odebrecht conduz a Lava Jato ao coração da corrupção no Congresso. Os políticos reagem com intimidação

Aguirre Talento e Talita Fernandes

Após duas horas e 20 minutos, o senador Roberto Requião, do PMDB do Paraná, encerrou a leitura na Comissão de Constituição e Justiça, no início da tarde de terça-feira, dia 18, de seu relatório sobre um projeto de lei destinado a coibir e punir abusos cometidos por autoridades. Ato quase imediato, seu colega Randolfe Rodrigues, da Rede do Amapá, fez um pedido de vista, um recurso para ganhar tempo com o objetivo de analisar melhor uma matéria. Numa comissão com 12 investigados pela Lava Jato, o plenário reclamou de Randolfe. "Não cabe aqui dizer que estamos tendo pressa de votar. Este projeto é de 2009. Não vejo por que não votar hoje", disse a senadora Gleisi Hoffmann, do PT do Paraná, ré pela Lava Jato e investigada em três inquéritos. ▸

TRINCA
O presidente do Senado, Eunício Oliveira, e os senadores Renan Calheiros e Romero Jucá, todos do PMDB. O trio está entre os acusados de receber propina para fazer leis em favor da Odebrecht

O líder do PMDB, senador Renan Calheiros, investigado em 12 inquéritos oriundos de casos de corrupção descobertos pela Lava Jato, acompanhou Gleisi. Citou todo o caminho do projeto, as concessões que fez para que a matéria não fosse votada com urgência e atacou o Ministério Público Federal. "Nós precisamos cumprir nossa obrigação, independentemente de interesse de corporação, que cada vez mais é evidente aqui nesta Casa por pressões variadas", disse. Réu em cinco inquéritos da Lava Jato, o senador Edison Lobão, presidente da comissão, cedeu a Randolfe, sob protesto. "Dizer-se que estamos procedendo com açodamento é uma brutal injustiça. Está havendo obstrução no encaminhamento desta matéria", disse. "Vou conceder vista coletiva por cinco dias, marcando a próxima sessão para discussão e votação definitiva do projeto. Não admitiremos mais obstrução e nenhuma outra chicana."

A turma de senadores atingidos pela Lava Jato estava com Requião. O projeto relatado por ele é daquelas matérias que têm mérito institucional, mas são instrumentalizadas com oportunismo para servir a alguns. Foi ressuscitado por um grupo de senadores acusados de corrupção como forma de intimidar e reduzir os poderes de quem investiga e pune políticos *(leia a reportagem na pág. 40)* – no momento, os que participam da Operação Lava Jato. O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, foi pessoalmente ao Congresso no início do mês apresentar um projeto seu, alterando o texto original, apresentado pelo líder do PMDB, senador Renan Calheiros, e relatado por Requião. Suas sugestões foram deixadas de lado. O senador Randolfe Rodrigues, que joga com a força-tarefa da Lava Jato, conseguiu adiar o desfecho.

A pressa ficou mais aguda entre uma parte dos senadores, mais precisamente 24 incluídos na lista do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, após a divulgação das delações de 77 executivos da Odebrecht. Eles relatam a existência de um mercado de leis no Congresso. Há acusações escancaradas, com detalhes de negociações espúrias, nas quais deputados e senadores recebiam dinheiro para fazer leis em benefício de negócios da Odebrecht. Coisa simples e abjeta: o parlamentar eleito pelo cidadão aproveita para ganhar dinheiro trabalhando para a Odebrecht, em detrimento do cidadão que o elegeu. O pagamento vinha em doações oficiais ou caixa dois, muitas vezes em dinheiro vivo. A estrutura de sistemas de informática, contas no exterior, doleiros e transportadores de valores, coordenada pelo Setor de Operações Estruturadas, o departamento de propina da Odebrecht, cuidava de tudo.

Trata-se de um novo e promissor universo de corrupção, pelo qual as investigações da Lava Jato vão avançar nos próximos meses. Candidatos a delator, entre eles o ex-deputado Eduardo Cunha e o ex-ministro Antonio Palocci, já foram avisados de que suas confissões interessam se revelarem outros abraços entre empresas e parlamentares, nos moldes da Odebrecht. Ciente desse ataque devastador, a parte do Senado que é alvo das investigações busca o contragolpe, por meio do projeto relatado por Requião. A resistência nasceu ali porque é justamente o Senado, especialmente

Foto: Jeslei Marcelino/Reuters

VERMELHO
O senador Romero Jucá chega em seu Land Rover ao Palácio da Alvorada. Os delatores da Lava Jato o apontam como seu principal lobista dentro do Senado

sua cúpula, o principal alvo dos investigadores. O balcão no qual se negociam leis, em especial Medidas Provisórias, cheira mal há tempos. As MPs são matérias escritas pelo Executivo e enviadas ao Congresso, onde são examinadas com prioridade. Os relatos dos funcionários e ex-funcionários do grupo Odebrecht revelam uma atuação junto a parlamentares para influenciar na aprovação de ao menos 20 alterações legislativas, sendo 15 Medidas Provisórias, quatro projetos de lei e um projeto de resolução, durante um período de mais de dez anos – de 2004 a 2015, já durante o curso da Operação Lava Jato *(leia o quadro na pág. 38)*. A função de subornar e influenciar deputados e senadores cabia principalmente ao então diretor de relações institucionais da Odebrecht, Cláudio Melo Filho, que atuava na defesa dos interesses de todas as empresas do grupo, por seu bom trânsito no Legislativo.

Segundo o delator, seu principal parceiro na atuação legislativa espúria era o senador Romero Jucá (PMDB-RR), que o orientava e ajudava na defesa dos interesses da empreiteira. Por isso, Jucá é o principal acusado nesses casos de alterações legislativas detalhados pela Odebrecht e se tornou alvo de quatro novos inquéritos no Supremo. A Odebrecht não poderia ter escolhido melhor. Jucá não foi líder de três governos seguidos – FHC, Lula, Dilma – e é do governo Temer à toa. Tem raciocínio rápido, conhece o regimento do Senado melhor do que todos, é desenvolto em matérias econômicas, trabalha muito, é capaz de farejar sucesso e fracasso a quilômetros, é próximo do Palácio do Planalto e tem trânsito com os colegas. Não é à toa que, em seu depoimento, Cláudio Melo Filho conta que Jucá era identificado como "pessoa de grande força no Senado Federal" e, por isso, foi o primeiro ponto de apoio da Odebrecht.

A primeira dessas parcerias público-privadas foi a MP 252, enviada ao Congresso em junho de 2005. Conhecida como MP do Bem, tratava de incentivos fiscais a empresas. Tornou-se alvo de lobby da Odebrecht, interessada em obter uma mudança na tributação da nafta, matéria-prima da Braskem, braço petroquímico do grupo. "Esse de fato é o primeiro assunto importante em que eu me envolvo e peço de forma efetiva e clara a ajuda do senador Romero Jucá para defesa dos interesses da organização Odebrecht", afirmou Cláudio Melo Filho aos procuradores. Outro delator, José de Carvalho Filho, disse que chegou a entregar pessoalmente dinheiro vivo no gabinete de Jucá no Senado. Mas, em geral, era o lobista Milton Lyra, ligado ao PMDB, quem recolhia o dinheiro de Jucá. Em nota, Lyra afirma que "é mentira de José Carvalho Filho que eu tenha intermediado qualquer tipo de pagamento ▶

destinado ao senador Romero Jucá ou qualquer outro parlamentar". Conhecido por suas declarações desastrosas, Jucá proferiu mais uma delas ao rebater as acusações. "Não tem sentido alguém pensar que se vende emenda por R$ 150 mil. Com R$ 150 mil não se vende *(emenda)* nem na feira do Paraguai. É uma piada", afirmou, em referência a um mercado de produtos baratos (e muitos ilegais) em Brasília. Jucá ainda ironizou as delações, como "ficções premiadas". Um ponto, no entanto, deve ser levado a sério: o valor. De valores (financeiros) Jucá entende.

Com Jucá aparecem seus colegas de PMDB que formam a trinca mais poderosa do Senado, o presidente Eunício Oliveira e o ex-presidente e líder do partido Renan Calheiros. Em 2012, Renan deu uma força para a Odebrecht. O delator Cláudio Melo Filho afirma que procurou o senador, o relator da MP 579, que reduzia o preço da energia elétrica para grandes consumidores no Nordeste. A pedido da Odebrecht, Renan fez modificações que beneficiaram a Braskem, empresa do grupo, que aliás tinha uma planta em Alagoas, terra de Renan. Dois anos depois, Cláudio Melo Filho foi à residência oficial de Renan no Lago Sul, em Brasília, para tratar de nova etapa do assunto. Depois de ouvir Cláudio Melo Filho, Renan pediu contribuição para a campanha eleitoral do filho ao governo do estado. A Odebrecht deu R$ 1,2 milhão ao PMDB de Alagoas e pelo menos R$ 800 mil foram à campanha de Renan Filho. Renan é investigado pela atuação na tramitação de outras quatro Medidas Provisórias.

Enquanto o delator Cláudio Melo Filho atuava no Congresso, o presidente da empresa, Marcelo Odebrecht, se envolvia pessoalmente quando as negociações de Medidas Provisórias exigiam ajuda do Palácio do Planalto. A MP 470, de 2009, conhecida como Refis da Crise, salvou a Braskem de dificuldades financeiras ao permitir o parcelamento da dívida tributária. Marcelo contou aos procuradores que negociou a MP diretamente com o então ministro da Fazenda, Guido Mantega. "Ele pediu a contrapartida de R$ 50 milhões para a campanha de 2010 *(de Dilma à Presidência)*", afirmou Marcelo. Em seguida, ele negociou com Mantega outra Medida Provisória, a 613, que estabeleceu um regime especial de tributação favorável à Odebrecht. Por essa benesse, houve uma exigência ainda maior. "Quando chegou perto da campanha de 2014, os R$ 50 milhões já tinham ido embora. Aí ele *(Mantega)* me disse: 'Olha, Marcelo, a campanha está chegando, eu tenho a expectativa de uns R$ 100 milhões'", disse Marcelo. Na ocasião, dinheiro para o PT dava em árvores – da Odebrecht, claro. Os pagamentos foram feitos em dinheiro vivo e por transferências bancárias internacionais, cujo destinatário final era o marqueteiro João Santana, responsável pelas campanhas

CONSTITUIN

As Medidas Provisórias e projetos pelos quais a O

MP 703/2015
Estabelecia que os acordos de leniência não precisariam de participação do Ministério Público

Não se transformou em lei

Emílio Odebrecht pediu alterações ao então ministro da Casa Civil, Jaques Wagner, e foi atendido. Mas a MP não passou no Congresso

MP 677/2015
Renovou contratos de energia subsidiada pelo governo a consumidores do Nordeste

Virou lei no mesmo ano

Renan Calheiros apoiou pedidos da empreiteira e foi recompensado com doações de R$ 1,2 milhão ao PMDB, segundo os delatores – que afirmam que o dinheiro foi direcionado à campanha de seu filho ao governo de Alagoas

MP 651/2014
Pacote de bondades tributárias; mudou o Refis, refinanciamento de dívida tributária

Virou lei no mesmo ano

Segundo os delatores, Romero Jucá apresentou quatro emendas de interesse da Odebrecht e, em troca, captou doações para campanha do filho, Rodrigo Jucá, ao governo de Roraima

MP 627/2013
Concedia benefícios fiscais a subsidiárias no exterior

Virou lei em 2014

Segundo os delatores, houve pagamento de R$ 5 milhões para Romero Jucá e Renan Calheiros para ajustes na MP

MP 613/2013
Reduzia impostos (PIS/Pasep e Cofins) para importação de insumos petroquímicos

Virou lei em 2014

Marcelo relatou a cobrança de R$ 100 milhões ao PT por Guido Mantega. Disse que os deputados Rodrigo Maia, Lúcio Vieira Lima e os senadores Eunício Oliveira, Renan Calheiros e Romero Jucá receberam R$ 7 milhões para ajudar

MP 558/2012
Remanejamento de áreas de proteção na Amazônia, de interesse da usina de Santo Antônio

Virou lei em 2012

Segundo os delatores, o deputado João Carlos Bacelar ajudou na tramitação e também atuou para blindar a Santo Antônio Energia no Congresso. Recebeu pagamentos em doações oficiais e via caixa dois

MPs 460, 462 e 470/2009
Trataram de questões tributárias e criou regime especial para pagamento de dívidas de IPI

Virou lei em 2010

Segundo os delatores, a pedido da Odebrecht e com apoio da Fiesp, Romero Jucá atuou para favorecer empresas devedoras, mas Lula inicialmente vetou a emenda. Jucá incluiu a medida na MP 470. Segundo Marcelo, Mantega pediu R$ 50 milhões em troca dos benefícios da MP 470, chamada de Refis da crise

TE PRIVADA

debrecht pagou – e quem recebeu para aprová-los

MP 579/2012

Reduziu preço da energia elétrica para consumidores do Nordeste

Virou lei em 2013

Segundo os delatores, Renan Calheiros, relator da MP, recebeu pedido da Odebrecht para estender o prazo de fornecimento de energia barata para empresas no Nordeste. Segundo a delação, o pedido foi atendido

MP 563/2012

Desoneração da folha de pagamentos de alguns setores e benefício tributário para importação de nafta

Virou lei em 2012

Segundo os delatores, Romero Jucá atuou pela aprovação de uma emenda que beneficiaria especificamente a Braskem, mediante contrapartida em doações eleitorais

Projeto de Resolução 72

Fim da Guerra dos Portos, unificando alíquotas para produtos importados

Aprovado em 2012

Romero Jucá é acusado de ter mobilizado senadores a favor da aprovação e recebeu R$ 4 milhões. O então senador Delcídio do Amaral pediu R$ 500 mil pelo trabalho, dizem os delatores

MP 449/2008

Aumentou prazo para pagamento de impostos atrasados, com desconto de multa e juros

Virou lei em 2009

Segundo os delatores, a Odebrecht pediu a Jucá para defender pleito da Odebrecht e do setor industrial relacionado ao IPI, mas o assunto só avançou em outras MPs

MPs 252 e 255/2005

Estabeleceu incentivos fiscais (MP do Bem)

A primeira caducou, mas foi incluída na segunda, que virou lei em 2005

Segundo os delatores, o ex-ministro Geddel Vieira Lima e o senador Romero Jucá atuaram em favor do interesse da Odebrecht e receberam pagamentos

MP 472/2009

Estabeleceu regime especial para a indústria do petróleo

Virou lei em 2010

Jucá foi citado pelos delatores como o principal agente em favor de interesses da Odebrecht

Projeto de Lei 2.279/2007

Impede aplicação de leis estrangeiras que afetem comércio

Projeto acabou sendo arquivado

Segundo os delatores, houve ajuda do governador maranhense, Flávio Dino, que foi relator do projeto na CCJ da Câmara. A matéria era de interesse da Odebrecht porque daria segurança jurídica a seus investimentos em Cuba

Projeto de lei 3.555/2004

Lei Geral dos Seguros

Ainda em tramitação

Projeto de Lei tratou da Lei Geral de Seguros do Brasil, estabelecendo normas para contratos de seguros privados. Segundo os delatores, houve pagamento de R$ 100 mil ao ex-deputado Moreira Mendes por ajuda na tramitação

de Dilma Rousseff. Pela MP 613, a Odebrecht distribuiu R$ 7 milhões, segundo três delatores, a parlamentares. A lista inclui os atuais presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do Senado, Eunício Oliveira. O setor de propina da Odebrecht registra dois pagamentos de R$ 1 milhão cada a Eunício – um em outubro de 2013 e outro em janeiro de 2014. Rodrigo Maia nega favorecimentos à Odebrecht e o recebimento de vantagens indevidas. O senador Eunício Oliveira afirma por meio de nota que não há registro de iniciativas dele no trâmite da MP 613 e que "não autorizou o uso de seu nome em supostas negociações". As defesas de Mantega e de Dilma negam as acusações e afirmam que nunca receberam propina da Odebrecht. O senador Renan Calheiros nega as acusações.

A desfaçatez da engenharia criminosa chegou a ponto de, com a Lava Jato em curso, tentar blindar as empreiteiras. O alvo da Odebrecht foi a Medida Provisória 703/2015, que modificou as regras para a celebração de acordos de leniência – espécie de delação premiada das empresas. O próprio patriarca do grupo, Emílio Odebrecht, pediu ajuda ao ex-presidente Lula e ao então ministro da Casa Civil, Jaques Wagner (PT). O objetivo era inserir uma mudança que excluísse o Ministério Público dos acordos, permitindo que as empresas assinassem os acordos diretamente com o governo. A mudança facilitaria muito a vida da Odebrecht. Apesar de editada pelo governo Dilma Rousseff em dezembro de 2015, a MP não virou lei. Questionado se houve pedido de propina nesse caso, Emílio afirmou que não, porque tanto a Odebrecht quanto o governo estavam enfraquecidos pela Lava Jato. "Era o torto pedindo ajuda ao aleijado", contou aos procuradores, em meio a risos.

Para corroborar as informações prestadas pelos delatores, a Procuradoria-Geral da República e a Polícia Federal vão levantar a tramitação detalhada dos projetos e Medidas Provisórias colocados sob suspeita, incluindo todas as emendas e alterações propostas. Entre as diligências solicitadas pela PGR estão também a identificação de entradas dos executivos da Odebrecht no Congresso, o levantamento de doações oficiais aos parlamentares e o rastreamento das reuniões entre os funcionários da empreiteira e os políticos.

No domingo de Páscoa, pessoas que estiveram presentes em um jantar oferecido pelo presidente Michel Temer com lideranças do Congresso, no Palácio da Alvorada, notaram que o presidente do Senado, Eunício Oliveira, estava abatido. O sentimento é compartilhado por muitos políticos. Parlamentares reclamam da decisão do ministro Edson Fachin de divulgar as delações da Odebrecht de forma ampla e irrestrita. Afirmam que parte do Judiciário e do Ministério Público busca "criminalizar a política". Ao fim das investigações será possível dizer se alguém fez da atividade política uma atividade criminosa. ◆

OS ABUSOS DA LEI ANTIABUSO

O projeto em discussão no Senado abre brechas que podem bloquear a Lava Jato. Para parte da bancada de senadores sob investigação, isso seria ótimo

Marcelo Moura

"Qual a diferença de um político que aceita o sistema *(de caixa dois)* e um procurador ou de um juiz que recebe auxílio-moradia? Nenhuma diferença. Eu considero que a criminalização de uma coisa ou de outra é absolutamente igual." O discurso do senador Roberto Requião (PMDB-PR) no plenário, no dia 17, foi aparentemente um atentado à lógica. Caixa dois é um crime. Auxílio-moradia é um direito. É enorme a diferença entre algo que a lei condena e algo que a lei assegura. O discurso parece absurdo, mas atende ao objetivo. Atual relator do Projeto de Lei contra abuso de autoridade (PL 280/2016), Requião tenta conquistar o voto de políticos que estão na mira da Justiça. Se não for a mais numerosa, é pelo menos a bancada mais engajada do Senado. Do total de 81 senadores, 24 tornaram-se investigados pela Operação Lava Jato, a pedido do relator do caso no Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Edson Fachin. Antes da lista de Fachin, já eram 32 senadores sob investigação do STF. A sobrevivência política e criminal deles será afetada diretamente pela eventual transformação desse projeto em lei – algo que pode ocorrer já no meio do ano. Caso os senadores em conflito de interesse se abstivessem de discutir o projeto, dificilmente haveria quórum. Moralmente, a votação deveria ser adiada. O próprio presidente Michel Temer disse que é inoportuno votar o projeto logo depois da divulgação dos devastadores depoimentos de executivos da Odebrecht à Lava Jato. Mas a turma que apoia Requião insiste em votar o texto, ciente de que, na política, a lógica às vezes se alterna com o oportunismo – e que as duas coisas servem, igualmente, para aprovar leis.

É consenso que o Brasil precisa de uma nova regra contra abuso de autoridade, no lugar da atual – promulgada em 1965, durante a ditadura militar. O combate ao abuso era o segundo item do Pacto Republicano de Estado assina-

CAUSA PRÓPRIA
O relator do projeto, senador Roberto Requião *(à esq.)*, e o presidente da CCJ, Edison Lobão. Necessária, a discussão do projeto é contaminada pelo conflito de interesse

do em 2009, pelos então presidentes Lula (Executivo), Michel Temer e José Sarney (Legislativo) e Gilmar Mendes (Judiciário). O pacto previa o envolvimento dos Três Poderes na busca de "um sistema de Justiça mais acessível, ágil e efetivo". Era um projeto de Estado, impessoal, com efeitos aparentemente distantes daqueles líderes. O processo do mensalão apenas engatinhava no Supremo. Quando o PL 280 tomou forma, em 2016, a Lava Jato já assombrava parte da classe política. Entidades como a Associação dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe) classificaram o projeto como uma tentativa de o Legislativo intimidar o Judiciário. "Há mais malícia do que notícia", disse sobre a controvérsia o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), autor do texto original e alvo de 12 investigações da Lava Jato no STF. "Essa é uma lei para combater abusos de todos, inclusive do Congresso Nacional." Em tese, o projeto se destina a conter o abuso de todos os Poderes. Na prática, dedica-se a conter o Judiciário.

A LEI ANTIABUSO ATUAL, DE 1965, É ANTIGA. DISCUTIR OUTRA COM TANTOS RÉUS NO CONGRESSO, PORÉM, É CASUÍSMO

Não há dúvida, obviamente, que policiais, procuradores e juízes, incluindo os que estão à frente da Lava Jato, podem cometer erros no curso de investigações e processos. É possível que os investigadores tenham se equivocado em alguns momentos da operação. Então relator da Lava Jato no Supremo, o▶

Foto: Marcos Oliveira/Ag. Senado

ministro Teori Zavascki criticou a divulgação, por Sergio Moro, da gravação dos diálogos entre Dilma Rousseff e Lula. "Foi precoce e, pelo menos parcialmente, equivocada a decisão que adiantou juízo de validade das interceptações, colhidas, em parte importante, sem abrigo judicial", escreveu o ministro. Os atos passíveis de críticas substantivas, contudo, são exceções: estão longe de caracterizar o dia a dia da Lava Jato e das demais grandes operações de combate à corrupção do país.

É perfeitamente possível, e até desejável, que pontos questionáveis da ação de investigadores provoquem mudanças legislativas cujo objetivo seja evitar a repetição de episódios semelhantes. O Projeto de Lei nº 280, contudo, não busca corrigir eventuais abusos. Busca, claramente, permitir o contra-ataque de investigados – e intimidar policiais e procuradores. Com definições vagas, o projeto se torna, ele mesmo, um abuso de autoridade do Legislativo. "Não dá para simplesmente criminalizar abuso de autoridade. Tem de escrever, pontualmente, o que configura esse abuso", diz o jurista Luiz Flávio Gomes, que está lançando o livro *O jogo sujo da corrupção*. "Promotor não pode denunciar um desafeto político? Muito bem, podemos julgar se um é realmente desafeto do outro. A redação não pode dar margem a nenhum tipo de dúvida."

Imprecisões permeiam o projeto antiabuso desde sua versão inicial, redigida em 2016 por Renan Calheiros. Acuado pela Lava Jato, Renan fez de tudo para aprovar o projeto, em seus últimos dias como presidente do Senado. "Tenham absoluta certeza de que, se não for aprovada, não foi porque o Renan deixou de trabalhar", disse, em dezembro. A proposta tramitou em regime de urgência no plenário, sem sequer passar pelas comissões temáticas. Sem conseguir apoio suficiente, Renan encaminhou o projeto para a CCJ. A relatoria mudou de mãos – de Renan para Romero Jucá e dele para Requião. Requião diz que a base de seu projeto não é mais o texto de Renan, e sim a proposta do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, mais aceita pelos magistrados. "Colhi sugestões de diversas categorias e colaboradores, especialmente as decorrentes das audiências públicas realizadas em 2016 no plenário do Senado Federal, com a presença de magistrados da estatura do ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Ferreira Mendes e do juiz federal Sergio Fernando Moro", diz Requião em seu novo relatório. O texto atual é, de fato, uma mescla. Mas mantém imprecisos dois pontos fundamentais, que tornam abusiva a lei antiabuso *(leia ao lado)*. "Ele acolheu várias coisas do Janot, mas, em pontos essenciais, ficou firme no posicionamento de criar o crime de 'interpretação' e de punir abusos de autoridade de forma vaga", afirma Gomes. "O projeto mantém o propósito de defender corruptos e atacar a Lava Jato." Para convencer os senadores, na semana passada, Requião afirmou que um dos trechos mais polêmicos foi discutido com Moro. "É relevante destacar que,

NA ITÁLIA, UMA LEI ANTIABUSO BRECOU A OPERAÇÃO MÃOS LIMPAS. FOI JULGADA INCONSTITUCIONAL, MAS TARDE DEMAIS

OS INTOCÁVEIS? **Deltan Dallagnol, à frente da equipe de procuradores da Lava Jato. Num vídeo pelo Facebook, ele disse que o projeto antiabuso de poder pode bloquear a caça aos corruptos**

BRECHAS MUITO LARGAS

O projeto no Senado pode punir autoridades por cumprirem suas funções

TRECHO DO PROJETO DE LEI	"(...) constituem crime de abuso de autoridade quando praticadas pelo agente com a finalidade específica de prejudicar outrem, beneficiar a si próprio ou a terceiro ou ainda por mero capricho ou satisfação pessoal"	"A divergência na interpretação de lei ou na avaliação de fatos e provas, necessariamente razoável e fundamentada, não configura, por si só, abuso de autoridade"
COMO ELE PODE BRECAR A JUSTIÇA	Prejudicar é intrínseco a uma sanção legal – mais do que isso, é o objetivo dela. Como determinar o que é "mero capricho"?	Conforme a interpretação dada à expressão "necessariamente razoável e fundamentada", um juiz pode ser punido se um réu condenado por ele for inocentado por uma instância superior

consultado por esse relator, o juiz Sergio Moro aquiesceu com a redação ora proposta", diz o relatório. Requião foi desmentido publicamente. "Se o substitutivo apresentado pelo senador Requião agrega o condicionante 'necessariamente razoável e fundamentada', como se afirma, esclareço que não fui consultado sobre essa redação específica e ela, por ser imprecisa, não atende a minha sugestão. Persiste, com ela, o risco à independência judicial. Ninguém é favorável ao abuso de autoridade, mas o juiz não pode ser punido por mera divergência na interpretação da lei", disse Moro, em nota.

Como as imprecisões do texto de Requião interessam a boa parte dos políticos encarregados de aprová-lo, a opinião pública será importante para barrar o projeto. No dia da discussão no Senado, os procuradores Deltan Dallagnol e Carlos Fernando dos Santos Lima, coordenadores da Lava Jato, apelaram à sociedade contra a aprovação do PL 280. "Esse projeto promove uma verdadeira vingança contra a Lava Jato. O que desejam é processar o policial que os investiga, o procurador que os acusa e o juiz que os julga", afirma Lima, num vídeo divulgado no Facebook e assistido 3 milhões de vezes nos dois dias seguintes. "Admitir isso é calar de vez a força-tarefa da Lava Jato e o próprio juiz Sergio Moro. Não permita que isso aconteça", diz Dallagnol.

Os coordenadores da Lava Jato temem a repetição, no Brasil, do que ocorreu na Itália. Acuado pela Operação Mãos Limpas, grande inspiradora da Lava Jato, que apurou a promiscuidade entre mafiosos e autoridades, o Parlamento italiano aprovou uma lei contra abuso de poder que bloqueou a ação da Justiça. "Os juízes tornaram-se alvo de 30, 40 processos simultâneos por abuso de autoridade. Isso tirou a tranquilidade deles. Passaram mais tempo recebendo processos do que agindo", diz Gomes. "Levou anos para a Suprema Corte italiana julgar aquela lei inconstitucional. Quando isso finalmente aconteceu, o mal já estava feito." ◆

Com *Daniele Amorim*

Foto: Junior Pinheiro/Folhapress

"Eu não sou político, não"

O prefeito de São Paulo, João Doria, faz política o tempo todo – e é um dos políticos que mais lucram com o descrédito dos políticos

Flávia Tavares

CAPÍTULO 1

O showman

Na manhã de uma terça-feira de abril, o prefeito de São Paulo, João Doria Jr., chegou a um evento com empresários do ramo imobiliário e se acomodou na primeira fila do auditório. Estava despojado, com um blazer azul e uma camisa branca – uniforme que impôs a seu secretariado. Mal esquentou a cadeira. Uma fila de celulares se formou a sua frente. O prefeito atendeu um a um os pedintes de selfies. Sentado ali ao lado, um senhor engravatado, de óculos, olhava pensativo para as próprias mãos, acomodadas sobre a coxa. Era Geraldo Alckmin. O governador de São Paulo subiu ao palco. Do púlpito, cumprimentou as autoridades. Falou das parcerias público-privadas que seu governo realizou na área da habitação e do modelo de previdência que acredita ser o mais adequado. Esbanjou falta de carisma. Foi solenemente aplaudido. Minutos depois, Doria foi anunciado, sob gritinhos de "uh-uh". Entertainer, pegou o microfone e caminhou pelo palco. "Nós abolimos as saudações às autoridades na prefeitura para ganhar tempo." O prefeito discursou por 15 minutos. "Eu sou gestor. Não tenho nada contra políticos. Mas eu não sou um." Palmas por quase um minuto. Doria agradeceu com as mãos juntas e um aceno com a cabeça, à Miguel Falabella.

Doria vem usando o mote do "não sou político" em quase todas as suas falas públicas. É uma estratégia, evidentemente, política. Mais que isso: ele faz política o tempo todo. No evento com o setor imobiliário, Doria não citou uma ideia sequer sobre a construção civil. Lembrou, no entanto, que, nas prévias do PSDB que o escolheram candidato a prefeito, visitou "mais de 200 vezes a periferia". E que até gosta do ex-prefeito petista Fernando Haddad. "Não gosto é do partido dele, do Lula, da Dilma, do Zé Dirceu, essa gente. Quero levar chocolate ▶

Foto: Filipe Redondo/ÉPOCA

POPULAR
O prefeito João Doria. No PSDB, há líderes que não o apoiam. Mas, com a aprovação recorde na prefeitura, seu nome já é cogitado para a disputa do ano que vem

para eles em Curitiba." O público afim foi relaxando nas poltronas, comentando a gracinha do prefeito. "O Brasil não precisa de heróis, salvadores", disse Doria, aludindo a uma possível candidatura do ex-presidente Lula, seu alvo preferencial, à Presidência da República no ano que vem – estratégia típica de um político. Do lado de fora, Alckmin comentava, muito a sua maneira, a postura do afilhado que se diz apolítico. "O discurso do Doria é o do gestor. A política, Aristóteles a definiu como arte e ciência ao encontro do bem comum. É preciso destacar mais a ciência, a boa gestão. Essa é a mensagem que o povo, como se diz na televisão, captou, não é?", disse. O governador Alckmin, patrocinador da iniciação eleitoral de Doria, assiste como coadjuvante à irrefreável ascensão do pupilo no PSDB.

Com uma postura de não político que faz política incessantemente, Doria cresce no imaginário tucano como potencial candidato ao Planalto em 2018. Depois do efeito devastador das delações da Odebrecht, que abalaram seriamente os presidenciáveis tucanos de sempre – os senadores Aécio Neves e José Serra e o próprio Alckmin –, a animação em torno de seu nome aumentou. É muito cedo. Até outubro do ano que vem faltam dezenas de delações da Lava Jato; outras dezenas de operações da Polícia Federal; um processo no Tribunal Superior Eleitoral; centenas de almoços de costura de alianças; dúzias de pesquisas eleitorais. Mas poucas coisas movem mais o mundo político que a especulação. Hoje, especula-se em torno de Doria – empolgação de uns, desespero de outros e maldade dos mais experientes, interessados em "queimar" um potencial concorrente.

A capacidade do *statu quo* político de absorver o novo para manter o velho é infinita. Já que o público não quer um político, oferece-se um candidato não identificado como tal. Doria é exibicionista. Faz uma gestão vistosa em São Paulo – até agora, mais pelas polêmicas do que pelos êxitos – e usa as redes sociais com uma destreza de adolescente youtuber. Doria leu com competência a repulsa de boa parte dos eleitores à figura do político tradicional. Construiu, montado em sua trajetória de empresário milionário, a imagem de administrador diferente "de tudo isso que está aí". Enquanto retroalimenta no curto prazo um desprezo pela política extremamente nocivo no médio e longo prazos, aufere para si a condição de novidade na lida com a coisa pública.

CAPÍTULO 2

O prefeito

Driblando a imprensa que o aguardava em uma sala da Caixa Econômica Federal, João Doria decidiu dar uma volta na Rodoviária do Tietê, lotada, numa tarde de abril. Sob pretexto de comprar sucos e pães de queijo para a equipe, aproveitou para sentir mais de perto a popularidade que as pesquisas lhe conferem. O povão que ali circulava demorou a notar sua presença. Deu tempo de ele

O que pensa João Doria

Numa escala em Dubai a caminho de Seul, o prefeito topou responder, por mensagem de voz, a algumas perguntas de ÉPOCA

GERAL

O senhor é a favor ou contra a descriminalização do aborto?
Sou contra, exceto em casos em que mulheres estupradas devam ter o direito ao aborto. Fora disso, deve-se preservar a lei como está.

E das drogas?
Sou contra.

O que o senhor pensa do casamento gay? E da adoção de banheiros livres para transgêneros?
Nenhuma objeção ao casamento gay ou à adoção de banheiros livres para transgêneros.

O senhor é a favor ou contra a liberação de posse de armas?
Sou contra.

Que livros o senhor tem lido e quais são seus livros preferidos?
Estou lendo o livro de Jose Pastore sobre o grande brasileiro que se chama Antonio Ermirio

Foto: Filipe Redondo/ÉPOCA

QUEM QUER DINHEIRO? **João Doria no sorteio do *Nota do milhão*, que premia paulistanos. O programa é uma das bandeiras de sua gestão**

comprar os sucos, comer uns pãezinhos e ouvir de um passante: "Ladrão de terreno em Campos do Jordão!". O rapaz se referia a uma denúncia de que Doria incorporou parte de um terreno público à sua mansão na cidade. Alguns minutos depois, uma nova fila de celulares foi se formando em sua volta – nada resume mais o sucesso de alguém hoje em dia do que a quantidade de selfies que lhe são pedidos. Doria, novamente, atendeu a todos, sorrindo, mas com um leve ar de desapontamento, de quem esperava que uma multidão se aglomerasse por ali. Em seguida, lá foi ele sortear R$ 1 milhão para algum contribuinte paulistano, tal qual um Silvio Santos com mandato, no programa *Nota do milhão*, uma das bandeiras de sua gestão.

Doria completou 100 dias na prefeitura em 10 de abril. Logo no primeiro dia "prefeitando", vestiu-se de gari. Às 6 horas da manhã. Queria colar em si a estampa de rico humilde e de trabalhador. Desencadeou uma série de ações de limpeza e manutenção, que culminaram na pintura de muros pichados. Errou a demão. Cobriu de cinza murais de grafiteiros e entrou em conflito com pichadores, artistas de rua, formadores de opinião. Primeiro, adotou uma postura firme, de justiceiro da brocha. Aos poucos, recuou e admitiu que deveria ter dialogado com os grafiteiros para promover a faxina sem remover as obras artísticas. A figura de zelador da cidade ficou comprometida conforme se noticiou que semáforos na cidade ficam quebrados porque o contrato com a empresa responsável pela manutenção expirou e não foi renovada – o que não aconteceria sob um gestor eficiente.

Doria também cumpriu uma de suas promessas mais barulhentas de campanha: aumentou a velocidade permitida nas marginais (promessa por trás do slogan "Acelera", que o prefeito ainda usa). A Companhia de Engenharia de Tráfego registrou 117 acidentes com vítimas nas vias no segundo mês com as novas velocidades e 103 no primeiro mês – foram ao menos cinco mortes desde janeiro. Em 2016, com as velocidades reduzidas, a média mensal foi de 64 ocorrências e a diminuição de mortos em acidentes foi de 57%. Doria questiona a medição, diz que se devem aguardar os dados consolidados no fim do ano.

O prefeito se aproveita das relações construídas como presidente do Lide, grupo que agrega empresários de todo o país. Pede doações de bens e serviços para a cidade, em procedimento inspirado no ex-prefeito de Nova York Michael Bloomberg. Isso já lhe rendeu acusações de falta de transparência. Além disso, chegou a agir como garoto-propaganda das marcas que topam ajudá-lo, como quando fez um vídeo sobre os benefícios das vitaminas de seu amigo, Sidney Oliveira. ▶

de Moraes (Memórias de um diário confidencial).

Em que teóricos da política, da economia e da gestão pública o senhor se inspira?
Nenhum.

Que formuladores de política o senhor ouve de forma mais rotineira? Quem são seus grandes estrategistas e interlocutores?
Nenhum. Nenhum.

ECONOMIA

O senhor concorda com a reforma da Previdência nos moldes em que o governo Temer propõe?
Concordo e acho de suma importância que ela seja aprovada pelo Congresso Nacional.

É necessária uma reforma trabalhista no país?
Muito importante que aconteça.

Qual o grau de prioridade de uma reforma tributária?
Ela deve vir na sequência da previdenciária, trabalhista e política. Estas, sim, são prioritárias.

O estado brasileiro precisa privatizar mais ou já fez o suficiente?
Não fez o suficiente, pode fazer mais.

Os bancos oficiais, notadamente o BNDES,

Cada vez mais, Doria é obrigado a exercer a política no dia a dia. A aliança que o elegeu, costurada por Alckmin, espera contrapartidas em forma de cargos. Alguns partidos reclamam de terem sido desprestigiados na distribuição de postos nas subprefeituras e secretarias. É o caso do PSC. "Ele ainda precisa cumprir alguns acordos", afirma o vereador Gilberto Nascimento (PSC). A relação de Doria com a Câmara Municipal não começou tão bem – e isso é um problema dos "apolíticos", especialmente os acostumados à vida nas empresas, onde o executivo é mais livre para decidir e impor. Doria é acusado de não dialogar com os vereadores. Mesmo assim, tem apoio de 44 dos 55 vereadores da Câmara paulistana. O primeiro pacote de medidas que enviou ao Legislativo, um plano de desestatização que inclui a privatização dos complexos do Anhembi e de Interlagos e a concessão do Estádio do Pacaembu – seu secretário nessa área, Wilson Poit, havia trabalhado na gestão de Fernando Haddad –, não foi bem recebido. O descontentamento ficou claro em 28 de março. Doria havia convidado os vereadores aliados para uma reunião na prefeitura. Dos 44 vereadores da situação, só 22 apareceram. Representantes do PSD, PSB e do próprio PSDB não foram. Bancadas inteiras, como as do PR e do PRB, faltaram. Doria não escondeu a frustração. Ao perceber a falta de público, apressou a apresentação para encerrar rapidamente o constrangimento.

Dias depois, numa reverência, foi pessoalmente à Câmara. O vereador Milton Leite brincou e chamou o prefeito de "presidente". Doria encheu o peito, acomodou-se na cadeira, riu e fez um meneio com a cabeça. Momentos que seriam constrangedores entre inocentes são armadilhas de políticos matreiros. Doria tenta rechaçar a pecha de pré-candidato a presidente da República. Dá declarações combinadas com Alckmin. Mas não deixa com fome os empolgados. Sempre que tem chance, ataca o ex-presidente Lula com agressividade. Faz isso por pura lógica política: briga "para cima", com o maior nome do PT, que pode vir a ser seu adversário em 2018. Não deixa de ser uma boa estratégia.O índice de rejeição de Lula é altíssimo, o que significa que há um enorme contingente de eleitores dispostos a votar em quem se opuser a ele.

Doria tem conseguido emplacar alguns dos rótulos que almeja: o de gestor (e tucano) que não hesita, que recorre sem cerimônia aos que podem ajudar, que compra brigas que outros não comprariam e que trabalha incessantemente – este último traduzido na hashtag #Joãotrabalhador que usa em todos os seus posts em redes sociais. No fim do primeiro trimestre de governo, Doria bateu um recorde de popularidade na comparação com todos os seus antecessores, de acordo com o Datafolha: 43% dos paulistanos aprovavam seu governo; 33% o consideravam regular; 20% reprovavam.

Doria sabe se embalar como um produto atraente. Ele não deixa de postar sua vida pública na internet porque sabe que o terreno lhe é fértil (a não ser quando demite secretários em ví-

Identifique João D

Em três meses de gestão, o prefeito de Sã

USA ROUPA DE GARI

No primeiro dia "prefeitando", ele varreu as ruas para lançar o programa Cidade Linda e emplacar a imagem de trabalhador

BATE BOCA COM MANIFESTANTES

No fim de março, reagiu aos gritos quando um rapaz o chamou de golpista. "Golpista é quem rouba o povo!"

ABOLIU O TRATAMENTO "VOSSA EXCELÊNCIA" NA PREFEITURA

Em um dos vídeos mais acessados em seu Facebook, Doria explica que em sua gestão todos têm tratamento igual

devem financiar grandes empresas, como fizeram no governo Dilma? Ou devem ser mais comedidos?
Não há mal que façam isso, apenas é preciso muito cuidado, muito zelo com o dinheiro público. Mas a política de apoio a empresas brasileiras, principalmente às voltadas à exportação, é uma boa política.

Empresas estatais devem ser sujeitas a nomeações políticas?
Não. Podem ter nomeações formuladas ou sugeridas por políticos, mas de nomes técnicos, ficha limpa e com currículo adequado para as funções às quais estão sendo indicados.

O governo federal deve revisar os acordos das dívidas de estados e municípios?
Deve.

SEGURANÇA

O governo federal deve ser chamado a participar, com estados e municípios, do combate à criminalidade comum? Como?
Deve, principalmente a Polícia Federal e o combate ao tráfico de entorpecentes através das nossas fronteiras. E a ação contra facções criminosas deve ser múltipla de estados e governo federal.

Ilustrações: Espaço Ilusório

oria

o Paulo tem algumas condutas que o diferenciam

FAZ VISITAS DE SURPRESA UMA VEZ POR SEMANA

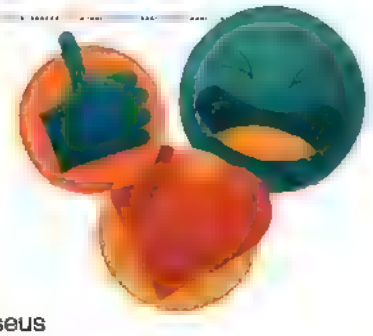
Sem avisar, Doria aparece em hospitais, escolas e outros órgãos públicos para realizar vistorias

ABOLIU O USO DE GRAVATA NO SECRETARIADO

Adotou um visual despojado depois de ficar famoso por usar suéteres de cashmere. E impôs o look casual a secretários

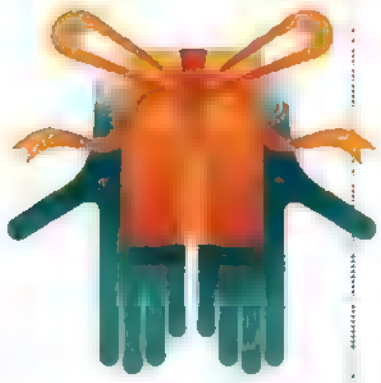
TRABALHA DAS 5 DA MANHÃ À MEIA-NOITE

Desde os tempos de empresário, Doria é conhecido por dormir pouco e acordar assessores antes das 6 horas da manhã



POSTA TUDO NO FACEBOOK

Com quase 2,5 milhões de seguidores, o prefeito publica quase todos os seus movimentos na vida pública – e alguns na vida pessoal



NA TRILHA DE MICHAEL BLOOMBERG

O prefeito usa as boas relações que construiu quando presidia o Grupo Lide para pedir doações de bens e serviços para a cidade

ATACA O EX-PRESIDENTE LULA SEMPRE QUE POSSÍVEL

Doria usa qualquer oportunidade para expressar seu desprezo por Lula e Dilma, em estratégia que mira 2018

deos nas redes, como fez com Soninha Francine na semana passada). Doria é o único político a ganhar capital nas redes sociais num momento em que o termo "político" enfrenta uma onda de desprestígio. No mês passado, Doria registrou 13 vezes mais interações no Facebook do que Alckmin e 53 vezes mais que o presidente do PSDB, Aécio Neves. A Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas, no Rio de Janeiro, fez o diagnóstico a partir de 4 milhões de interações em redes sociais, durante duas semanas de março. O DAPP analisou o comportamento de usuários que interagiram com pelo menos duas páginas de políticos e movimentos favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff. Verificou que, nesse universo, Doria foi o político mais citado, mais do que o deputado Jair Bolsonaro, do PSC do Rio de Janeiro, um fenômeno mais radical. Superou até o juiz Sergio Moro, símbolo da Lava Jato.

Em outro levantamento, feito pelo DAPP nas 24 horas imediatamente posteriores à divulgação da lista de Fachin, Doria também se saiu bem. Enquanto os citados na lista foram lembrados debaixo de chibata digital, Doria foi o terceiro personagem mais citado de forma positiva no Twitter, depois de Moro e de Bolsonaro. "Ele age intuitivamente, como um marqueteiro de si mesmo. Doria se aproveitou da imagem que o grande público tem do político, sem ter de explicar muito, e juntou com a sua, de empresário de sucesso", diz Nelson Biondi, que coordenou o marketing da ▶

O senhor é contrário ou favorável à redução da maioridade penal?
Sou favorável, para 16 anos. A razão é que hoje um jovem de 16, 17 anos já tem um comportamento adulto, diferentemente de dez ou 15 anos atrás. Hoje, ele já tem atitudes, pensamentos e comportamentos de um adulto, portanto, ele pode ser penalizado como um adulto diante de um cometimento de crimes.

A corrupção é o maior problema do Brasil hoje?
A corrupção e a ineficiência.

SAÚDE

Os recursos destinados à saúde no Brasil são suficientes para garantir atendimento a todos?
Podem ser. O maior problema da saúde hoje não é a destinação de recursos, mas como aplicar, como fazer a gestão da saúde pública. Uma gestão melhor, mais eficiente, reduz desperdícios, inibe a corrupção e melhora a aplicação dos processos, medicamentos, cirurgias e exames para a população, sobretudo a mais carente do país.

EDUCAÇÃO

O senhor é favorável à mudança no ensino médio proposta pelo

campanha de Alckmin de 2014. "Agora, em grupos de WhatsApp de Minas, Mato Grosso e Paraná, políticos do Brasil todo se perguntam como ele fez para tentar replicar."

CAPÍTULO 3

O desafeto

Para viabilizar Doria como candidato a prefeito de São Paulo, o PSDB paulistano caiu numa guerra interna. Doria desenhou uma estratégia agressiva para conquistar os militantes dos diretórios. Assim, o ex-vereador Andrea Matarazzo, apadrinhado por José Serra que contava com a simpatia da grande maioria dos dirigentes, foi se vendo minado por Doria, apadrinhado por Alckmin. Matarazzo acabou saindo do PSDB. Saiu atirando. Nunca escondeu que acreditava que Doria conquistara apoio com dinheiro. No dia 24 de julho do ano passado, a candidatura de Doria foi oficializada. Dos caciques, apenas Alckmin compareceu. Fernando Henrique Cardoso, Serra e Aécio o honraram com sua ausência.

O ex-governador Alberto Goldman, um dos tucanos mais vocais na oposição a Doria, entrou com um pedido de impugnação da candidatura. Foi vencido. "O perfil do Doria é rejeitado pelas lideranças do partido. Ele é um homem de postura conservadora, muito à direita de figuras como Fernando Henrique, Serra, Aloysio *(Nunes)* e mesmo o Geraldo *(Alckmin)*", diz Goldman. Para ele, Doria desvia o PSDB da social-democracia e carrega o partido para uma posição claramente

PUPILO
João Doria e Geraldo Alckmin após uma reunião dos gabinetes do estado e da cidade de São Paulo. O prefeito jura lealdade ao governador

governo federal?
Sou favorável.

O ensino público universitário deveria ser cobrado de alunos com melhores condições financeiras?
Os que podem pagar deveriam pagar. E os que não podem não pagam.

POLÍTICA

É necessária uma reforma no sistema político-eleitoral?
É necessário, sim, e isso deve estar inserido no contexto da reforma política no país.

O senhor concorda com a instituição do voto em lista fechada?
Precisa ser estudado também no contexto da reforma política. (No fim do audio, responde secamente. Nao.)

O senhor é favorável ou contrário ao financiamento público de campanhas?
Favorável a que parte do financiamento seja publica, parte privada. E que a parte privada seja feita com controle, transparência e limites. Quando o país tiver uma condição financeira, estabilidade e recursos suficientes, ai sim se poderá pensar num financiamento 100% publico.

Foto: Helvio Romero/Estadão Conteudo

"liberal-conservadora". "Quando ele escolhe o pichador como inimigo, é porque a sociedade tem se manifestado contra esse tipo de figura mais anárquica, identificada com a esquerda. E interessa a ele conquistar essa camada da sociedade." Conforme vai se criando uma efervescência em torno de Doria, no entanto, quadros do PSDB vão se aglutinando a seu redor. "É o que acontece com todo partido que quer manter o poder. Você acaba cedendo a quem está melhor do ponto de vista eleitoral", diz Goldman.

CAPÍTULO 4

O candidato

O tom de lamento do ex-governador cede espaço ao entusiasmo de quem apoia o prefeito. O deputado estadual tucano Fernando Capez é um dos colaboradores ardorosos de Doria. "Ele sabe muito bem fazer política, tanto que superou o fogo amigo num ninho autofágico como o PSDB", diz Capez. Historicamente dividido, o PSDB nunca deu espaço a novos líderes. Capez enxerga no prefeito alguém capaz de catalisar um novo grupo. "Há uma turma que não se identifica com Serra nem com Alckmin e que pode passar a seguir o Doria", diz. Sobre um Doria presidenciável, o deputado estadual se exalta. "Se os filisteus enviarem Golias, vamos ter de escalar Davi", diz, numa analogia com um possível confronto entre Lula e Doria.

Candidato dos correligionários sem pai nem mãe, Doria começa a ser visto por tucanos tonteados pela surra da Odebrecht como uma opção de sobrevivência. Com uma inflexão mais serena, e talvez temendo que o chefe se "queime" se for apressado, Julio Semeghini, secretário de Governo de Doria, pondera que o prefeito ainda tem muito que "prefeitar" antes de se candidatar a outro posto. Principal assessor de Alckmin durante anos, Semeghini foi escalado pelo governador para ajudar Doria na campanha e, agora, na administração da cidade. "Se chegarmos a 2018 num cenário que peça isso, Geraldo e João, juntos, podem construir uma candidatura muito forte para a Presidência", diz. Consenso entre entusiastas e críticos só há um: Doria não vai longe sem a bênção de Fernando Henrique Cardoso. Em entrevistas recentes, o ex-presidente não foi amigável ao prefeito. Chegou a dizer que "gestor não inspira nada, tem de ser líder" e que "credibilidade não é igual à popularidade". Doria se magoou. Ligou para Fernando Henrique, mas não contou a assessores o teor da conversa. Em público, fez questão de lembrar que o ex-presidente "errou" ao não apoiar sua candidatura à prefeitura. E, enquanto o ex-presidente dava explicações no Facebook sobre a menção de seu nome nas delações da Odebrecht, Doria dava entrevistas diretamente de Seul, na Coreia do Sul. "Embora investigação não signifique punição, é sempre um desgaste para a classe política de forma geral", disse, medindo as palavras, como fazem os políticos profissionais. Dias depois, partiu para Roma, para receber a bênção do papa Francisco. ◆

Com *Aline Ribeiro*

É possível fazer campanha eleitoral sem doações de empresas privadas?
Hoje, não. Embora a última tenha sido feito sem empresas privadas, na prática isso se torna muito difícil. O meu caso foi uma exceção, financiei a maior parte da minha campanha. Mas as regras não devem ser feitas pelos exemplos de exceção.

O governo federal deveria reduzir os cargos comissionados, de livre provimento, em sua estrutura?
Sim, menor estrutura, maior eficiência.

Políticos e autoridades em geral precisam ter direito ao chamado foro privilegiado, a prerrogativa de serem julgados apenas em Tribunais Superiores?
Não, igualdade para todos em qualquer tipo de julgamento.

O que o senhor acha da Operação Lava Jato?
De fundamental importância para o país, para o presente e sobretudo para o futuro da nação.

O país precisa de uma lei contra o abuso de autoridade, como examina o Congresso?
É prudente que esse exame seja feito, sim, e que abusos sejam eliminados e punidos.

IDEIAS

OBSERVADOR DA POLÍTICA

A INVASÃO DOS NOVOS BÁRBAROS

Os franceses escolhem seu novo presidente numa campanha dominada por notícias falsas e escândalos. O vale-tudo virou padrão mundial

Thomas Traumann*

Aos 71 anos, o ex-primeiro-ministro e prefeito de Bordeaux Alain Juppé era, até há pouco tempo, o favorito para ser o novo presidente da França, na eleição cujo primeiro turno ocorrerá neste domingo, dia 23. Conservador, era o líder da oposição a um dos governos socialistas mais impopulares da História. Nas primárias internas do partido Republicanos, Juppé enfrentaria o ex-presidente Nicolas Sarkozy, desgastado pelas investigações de caixa dois eleitoral. Sua campanha o apresentava como um "profeta da felicidade", o estadista que uniria a França dividida pelo debate da imigração e pelo medo do terrorismo.

Por tudo isso, confessou o próprio Juppé meses depois, ele não levou a sério quando no meio das primárias internas do seu partido, no final do ano passado, milhares de franceses receberam pelo serviço de mensagens WhatsApp imagens suas numa fotomontagem com um turbante e a acusação de ter construído uma gigantesca mesquita em Bordeaux. Com o trocadilho Ali Juppé, o texto afirmava que o prefeito era apoiado pelo grupo religioso radical Fraternidade Islâmica, tema sensível para um país traumatizado pelos atentados de 2015, em Paris, e no ano passado, em Nice. Sua equipe levou cinco dias para responder à denúncia – e o estrago foi feito. Juppé perdeu as primárias para um candidato que prometia ética e transparência. Detalhe: não existe uma megamesquita em Bordeaux.

A derrocada de Juppé é exemplar de um desafio novo na política mundial. O uso da mentira, da meia verdade e dos boatos existe na disputa pelo poder desde sempre. Depois da morte de Júlio César, Otávio usou desinformação e promessas falsas para derrotar Marco Antonio e se tornar o imperador romano Augusto. No século XX, os nazistas elevaram a mentira a um patamar industrial e transformaram o ▶

CAMPANHA SUJA
A partir do alto, no sentido horário: Macron, Fillon, Mélenchon e Marine Le Pen. A disputa cheia de golpes baixos pode definir o futuro da Europa

Montagem sobre fotos: Thomas Samson/Reuters, Charles Platiau/Reuters, Bertrand Guay/AFP, Loic Venance/AFP, reprodução (4)

Photo prise ce matin, cimetière de Pantin
carré juif, un "camion fou" ? Faut arrêter de
nous mentir et de nous prendre pour des
cons !
colonisation:
أحد أبرز مرشحي الرئاسة الفرنسية يقر
نعم ارتكبنا «جرائم ضد الإنسانية» بالجزائر

conceito da propaganda de massas. Mas com a internet tudo mudou. "Antes das redes sociais, divulgar uma notícia falsa seria péssimo para a reputação da publicação, teria um alto custo de distribuição e o autor sofreria responsabilidades penais. Agora, é barato, a possibilidade de a pessoa ser pega é muito menor e quem está nesse negócio não liga para reputação", escreveu o diretor de mídias sociais do jornal britânico *The Telegraph*, James Carson.

A expressão fake news surgiu num tuíte do presidente americano Donald Trump, mas não existiria sem os adolescentes de Velles, uma cidadezinha de 45 mil habitantes na Macedônia, nos Bálcãs. Durante a campanha americana, a cidade hospedou 150 sites em inglês, todos reproduzindo notícias com manchetes chamativas contra Hillary Clinton. Como a política do Facebook favorecia os posts mais clicados, alguns adolescentes ganhavam US$ 5 mil por mês afirmando que Hillary participava de rituais satânicos com apoio de uma rede de pizzarias, que o papa havia abençoado a candidatura Trump e que Barack Obama era secretamente muçulmano. Depois da eleição, o Facebook instituiu uma política mais severa sobre distribuição de conteúdo, mas a indústria das fake news continua a se desenvolver. Juppé é só a última vítima.

O LONGO BRAÇO DA MENTIRA

Os principais boatos disseminados nas redes sociais na campanha eleitoral fran

	MACRON QUER LEI ISLÂMICA EM VIGOR NA ILHA DE MAYOTTE	FRANÇOIS FILLON É INOCENTADO PELA JUSTIÇA	PUTIN ANUNCIA APOIO A MARINE LE PEN
IMPACTO	O artigo do site Resistance Republicaine foi espalhado por perfis de extrema-direita	Vinte e cinco mil pessoas compartilharam o post do Facebook com a sentença judicial inocentando Fillon das acusações de corrupção	O tuíte com um artigo em russo foi replicado 4 mil vezes
REALIDADE	Macron defende maior autonomia para a ilha, território francês no Oceano Índico. Mas isso não inclui a sharia, a lei islâmica	O documento é falso. Fillon segue investigado por ter empregado a mulher como servidora-fantasma de seu gabinete parlamentar	O texto é um artigo de opinião de um cientista político em um site pró-Putin, que não é estatal

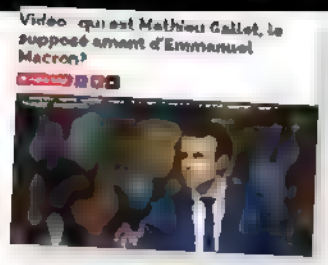
A influência dos sites alternativos tanto na vitória de Trump quanto na aprovação do Brexit transformou a eleição francesa em um laboratório. Há quatro candidatos com chances de chegar ao segundo turno, encerrando 70 anos de bipartidarismo francês. Esta eleição francesa é sustentada por dois mitos. O primeiro é que um dos candidatos no segundo turno será a advogada Marine Le Pen, de 48 anos. Filha de um simpatizante do governo protonazista de Vichy, Marine é a direita que não tem vergonha de dizer seu nome. Defende a suspensão imediata de toda a imigração (inclusive a legal), a expulsão dos estrangeiros suspeitos de relação com grupos radicais e a convocação de um plebiscito para a saída da França da União Europeia. O discurso de Le Pen é baseado no medo. No medo dos atentados, que tornaram a presença de soldados com metralhadora uma cena comum em Paris. No medo do desemprego, que atinge um em cada quatro jovens com menos de 25 anos. No medo do futuro. Le Pen fala ao preconceito dos pobres contra os muito pobres. Seu discurso é a denúncia de uma luta de sobrevivência entre franceses de verdade, vítimas de uma crise econômica gerada na União Europeia, e os imigrantes islâmicos, "que tomaram a França de assalto e vivem das benesses do Estado Social pago pelo contribuinte francês".

A campanha de Le Pen mantém 50 pessoas em sua equipe de guerrilha de internet alimentando centenas de blogs e sites, a chamada fachoesphère ("facho" é gíria, em francês, para fascista). São batizados candidamente de "equipe de contrainformação". Le Pen tem 1,3 milhão de seguidores no Facebook e 1,4 milhão no Twitter, além de milhares de militantes que tornam sua campanha digital mais agressiva e efetiva que a dos adversários.

O segundo mito é que Le Pen perderá o segundo turno para qualquer um. Durante os debates, o ex-ministro da economia Emmanuel Macron despontou como o adversário mais provável da candidata da direita. Macron é o candidato que tenta agradar à plateia. Qualquer plateia. Numa palestra a operadores do mercado, lembra sua experiência como executivo no Banco Rothschild. Para empresários, cita a lei que permitiu a abertura do comércio por 12 domingos por ano. Para os sindicatos, seus anos de filiação ao Partido Socialista. Para os opositores, seu rompimento com o PS. "Sou o candidato do melhor da direita, do melhor da esquerda e do melhor do centro", disse Macron, num comício. No Brasil, Macron seria batizado de "isentão". O muro tem seu preço. No primeiro debate presidencial, em 21 de março, depois de uma longa exposição de Macron sobre defesa, Le Pen o interrompeu: "Estou ouvindo você falar há sete minutos e você vai para cá, vai para lá, mas não diz o que pensa". A plateia veio abaixo.

cesa

HOMOSSEXUAL, MACRON TEM UM CASAMENTO DE FACHADA



Milhares de mensagens via WhatsApp estão sendo distribuídos afirmando que Macron tem um caso com Mathieu Gallet, seu amigo e presidente da Radio France

Macron tem 39 anos. Sua mulher, 65. "Os boatos a machucam", disse Macron, em um comício

MÉLENCHON TEM ROLEX DE € 18 MIL

Centenas de pessoas retuitaram foto do candidato de extrema-esquerda Jean-Luc Mélenchon com um relógio Rolex no pulso

A foto é uma montagem

A FRATERNIDADE ISLÂMICA APOIA ALAIN JUPPÉ

Nas primárias dos republicanos, milhares de montagens com o ex-primeiro-ministro em roupas árabes diziam que ele construiu uma megamesquita em Bordeaux

Em 2008, o projeto de uma mesquita foi apresentado à prefeitura de Bordeaux, mas nunca foi adiante

Nas últimas semanas, o fenômeno da campanha foi o ex-senador Jean-Luc Mélenchon, de 65 anos. Mélenchon rompeu com o Partido Socialista, do qual era militante histórico, e formou uma frente de extrema-esquerda com críticas à União Europeia, tema em que tem contato com Le Pen. Seu avanço fez o tradicional jornal *Le Figaro* batizá-lo de "Chávez europeu". Num debate, Marine Le Pen o comparou a Maximilien de Robespierre, o líder do terror na Revolução Francesa. Era para ser uma ofensa. Mélenchon sorriu e agradeceu a comparação como um elogio. O quarto candidato é o ex-primeiro-ministro François Fillon, de 64 anos, o defensor da ética e da transparência que derrotou Juppé nas primárias com ajuda do WhatsApp. Em janeiro, descobriu-se que a mulher de Fillon recebera € 900 mil como funcionária-fantasma de seu gabinete parlamentar. Ele está sob investigação da Procuradoria da República.

A disputa acirrada, o medo de um novo atentado terrorista, a crise dos imigrantes e o uso intensivo das redes sociais transformaram essa na mais suja das campanhas francesas. Na quinta-feira, dia 20, a tensão aumentou depois de um tiroteio na Avenida Champs-Elysées, em Paris, em que um atirador e um policial morreram. O presidente François Hollande disse estar convencido de motivação terrorista. No começo do mês, o Facebook desativou 30 mil contas que distribuíram notícias falsas, numa ação recorde de vigilância. Vai adiantar pouco. O WhatsApp, sistema no qual é quase impossível rastrear a origem de uma mensagem em rede, se tornou a estrela da campanha. Numa demonstração da força do sentimento anti-islâmico presente na França, quase todos os candidatos já foram mostrados em fotomontagens confraternizando com imãs, elogiando líderes muçulmanos ou sendo supostamente financiados por xeques árabes. Todos menos Le Pen, que, por sua vez, é constantemente acusada de ser marionete do presidente russo, Vladimir Putin.

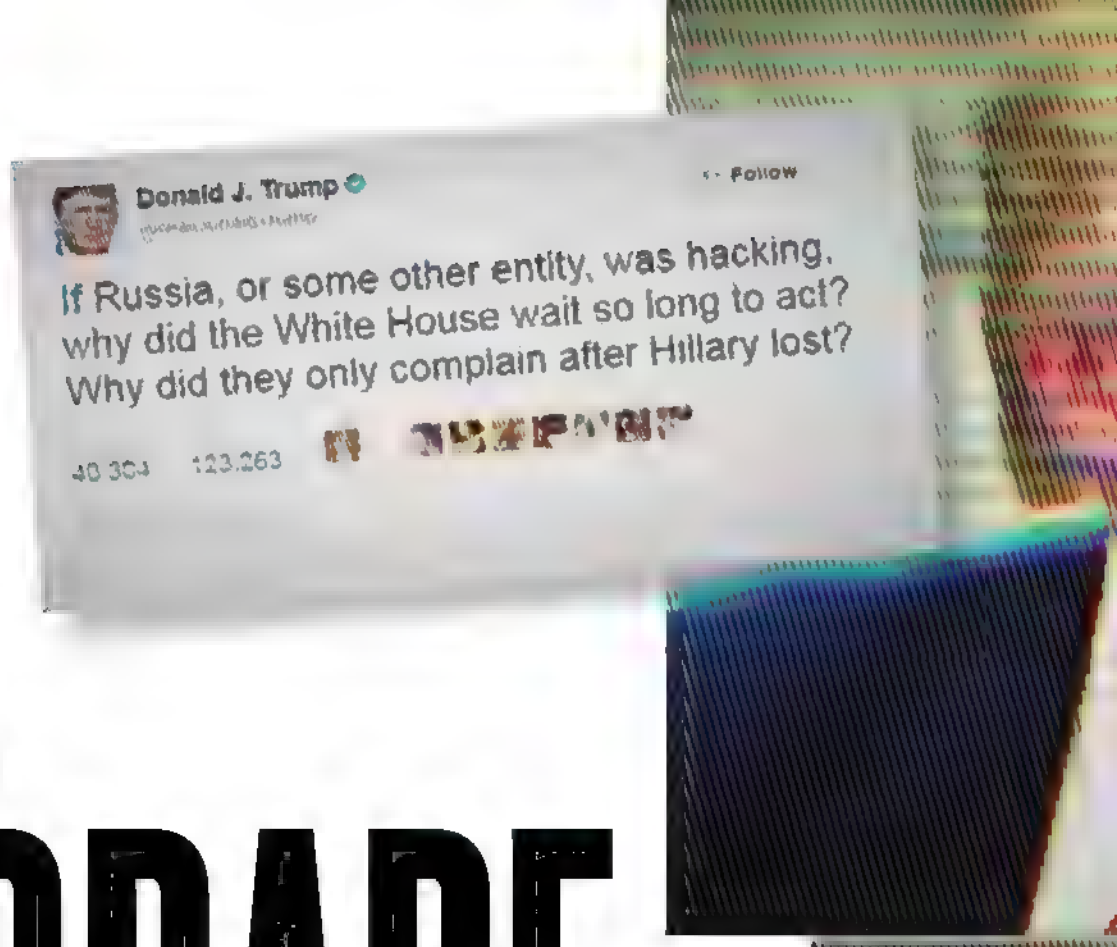
O resultado da eleição, com segundo turno marcado para 7 de maio, terá consequências importantes: se Le Pen vencer, um Frexit é uma questão de tempo, o que vai significar o fim da União Europeia. A eleição de Le Pen intensificará as deportações de imigrantes e endurecerá as práticas antirrefugiados em toda a Europa. Mélenchon terá um governo com mais direitos trabalhistas e menor alinhamento com a Alemanha. Macron e Fillon são os candidatos favoritos do establishment.

As eleições francesas podem ser vistas sob as perspectivas de dois tsunamis. O primeiro atinge a credibilidade dos jornais, revistas, TVs e rádios. Hoje vivemos a uberização da informação. Com um smartphone na mão e uma ideia na cabeça, qualquer pessoa é um provedor de notícias, um influenciador em potencial. Grupos de mídia do mundo todo tentam se reinventar nesse novo formato em que suas reportagens concorrem pela atenção do leitor com textos com meias verdades ou simplesmente inventados.

O segundo tsunami é contra a política. É natural que depois das delações dos executivos e ex-executivos da Odebrecht exista no Brasil a certeza absoluta de que nossos políticos são os piores do mundo. O resto do mundo discorda. Parte importante do sucesso de Trump está em seu discurso contra Washington, a capital que representa o establishment da política americana. Na França, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial há a possibilidade de que nenhum dos dois grandes partidos alcance o segundo turno. Os exemplos se sucedem, mas a rejeição da política tradicional é um fenômeno mundial. Nesse caldo de cultura, em que a mídia tradicional e a política estão em xeque, a distribuição industrial de fake news pode ser decisiva para conduzir a opinião pública, mudar o resultado de uma eleição ou produzir demagogos em escala industrial. Trump venceu assim, Marine Le Pen tenta vencer assim. A política do vale-tudo veio para ficar. Essa não é uma notícia falsa. ◆

**Thomas Traumann é jornalista e pesquisador de políticas públicas da Fundação Getulio Vargas (DAPP-FGV)*

Fotos: reprodução (5)



O IMPÉRIO DA PÓS-VERDADE

É da natureza humana recusar fatos que contrariam nossa visão de mundo. A desconfiança geral em relação às instituições piora nossa capacidade de distinguir mentiras de verdades

Teresa Perosa

Em um domingo de dezembro passado, Edgar Maddison Welch, de 28 anos, invadiu uma popular pizzaria de Washington, a capital dos Estados Unidos, armado com um fuzil AR-15. Welch, morador da Carolina do Norte, ameaçou um funcionário, que conseguiu fugir e chamar a polícia. Ao ser preso, Welch afirmou que fora até a capital americana para investigar "por conta própria" o esquema de tráfico sexual de crianças, que seria comandado pela democrata Hillary Clinton, a partir do restaurante.

A história tratava-se de uma das centenas de notícias falsas e teorias da conspiração que circularam durante a campanha presidencial americana de 2016. A invenção sobre a pizzaria Comet Ping Pong fora publicada em outubro e reproduzida sem critério pela rede pró-Donald Trump na internet, cujo líder supremo era o site Breitbart News. O incidente, que terminou sem feridos e com a prisão de Welch, se tornou um dos exemplos mais ilustrativos da dimensão que o fenômeno das notícias falsas tomou nas campanhas políticas. O efeito foi tal que levou o dicionário *Oxford* a decretar a "pós-verdade" – a ideia de que fatos objetivos influenciam muito menos a opinião pública do que a emoção e crenças pessoais – como palavra do ano de 2016.

O caso da pizzaria Comet Ping Pong é um episódio extremo, mas não foi isolado. Em outubro, uma eleitora do Iowa foi detida ao tentar registrar seu voto duas vezes, estimulada pelas acusações de fraude eleitoral propagadas por Trump e pelos veículos que lhe apoiavam. No Reino Unido, os britânicos que votaram pelo Brexit, a saída do país da União Europeia, citavam repetidamente entre suas razões para optar pelo sim no referendo a ideia de que o país não controla suas fronteiras. São manifestações ancoradas ou em teorias conspiratórias sem base factual nenhuma – caso da fraude eleitoral nos Estados Unidos –, ou em análises bastante distorcidas – caso das fronteiras do Reino Unido.

Acreditar em informações que não tenham base na realidade, mas que corroboram uma visão de mundo particular, é um traço da natureza humana amplamente documentado. São inúmeros os estudos clássicos na área de psicologia cognitiva, que estuda os processos mentais por trás do compor-

FATOS ALTERNATIVOS
O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Fã do Twitter, ele é emérito propagador de boatos

tamento humano, que chegaram a essa conclusão, em tempos muito anteriores à internet ou ao Facebook. Tais pesquisas mostram que o poder da crença – em uma ideia, religião, afinidade política e afins – tende a suplantar a argumentação racional baseada em fatos. Por esse motivo, quando alguém é confrontado por informações que contrariem sua visão de mundo, as chances de que aceitará o novo dado como um fato, mudará sua opinião ou questionará o próprio sistema de crenças são um tanto baixas. É o que os psicólogos cognitivos chamam de "viés de confirmação": a tendência que nós temos de aceitar as informações que dão suporte a nossas crenças e de rejeitar aquelas que as contradizem.

Se a maneira como processamos as informações que nos chegam continua a mesma, o que estaria por trás da explosão das notícias falsas? De acordo com os estudos mais recentes sobre o tema, a indústria das fake news foi turbinada pela combinação de três fatores, que criaram um terreno fértil para o império da pós-verdade. O primeiro é o ambiente de alta polarização política, que não favorece nem o debate racional nem o apreço pelo consenso. O segundo é a descentralização da informação, por causa da ascensão de meios de comunicação alternativos e independentes, propiciada pela internet. Parte dos novos canais tem uma agenda política, e seus compromissos propagandísticos e ideológicos suplantam qualquer compromisso com informação factual. O terceiro é o ceticismo generalizado entre as pessoas quanto às instituições políticas e democráticas – sendo os principais alvos os governos, os partidos e os veículos de mídia tradicional.

"As mentiras sempre existiram. Mas, na era da comunicação em massa, as instituições tradicionais de conhecimento se quebraram e agora há uma grande quantidade de pessoas que não acreditam no que os cientistas falam sobre o aquecimento global, por exemplo", diz Jayson Harsin, professor da Universidade Americana de Paris *(leia mais em sua entrevista na página 60)*. "Nessas condições, é possível fazer afirmações que são parcialmente verdadeiras, majoritariamente falsas ou redondamente falsas. É muito confuso. Há tantas afirmações contraditórias e deliberadamente ambíguas que fica ▶

Fotos: Chip Somodevilla/Getty Images, Olivier Douliery-Pool/Getty Images

muito difícil para os cidadãos dar sentido a isso."

Por causa desse ambiente caótico, é difícil encontrar soluções para lidar com a disseminação da pós-verdade. Na esteira do Brexit e da eleição de Trump, as empresas de tecnologia e as redes sociais foram as primeiras a ser acusadas – com boa razão – de leniência com a propagação das notícias falsas. Um levantamento feito em novembro pelo site BuzzFeed mostrou que, entre as notícias mais compartilhadas no Facebook nos dias que antecederam as eleições presidenciais americanas, as notícias falsas superaram as reais em leitura *(leia mais no quadro ao lado)*. Os algoritmos que regem a distribuição de conteúdo nas linhas do tempo dos usuários do Facebook favorecem o aparecimento de links que atraem mais cliques e são mais compartilhados. Quando se trata de conteúdo de natureza ultrapartidária ou duvidosa, isso cria um ciclo tóxico de disseminação de desinformação.

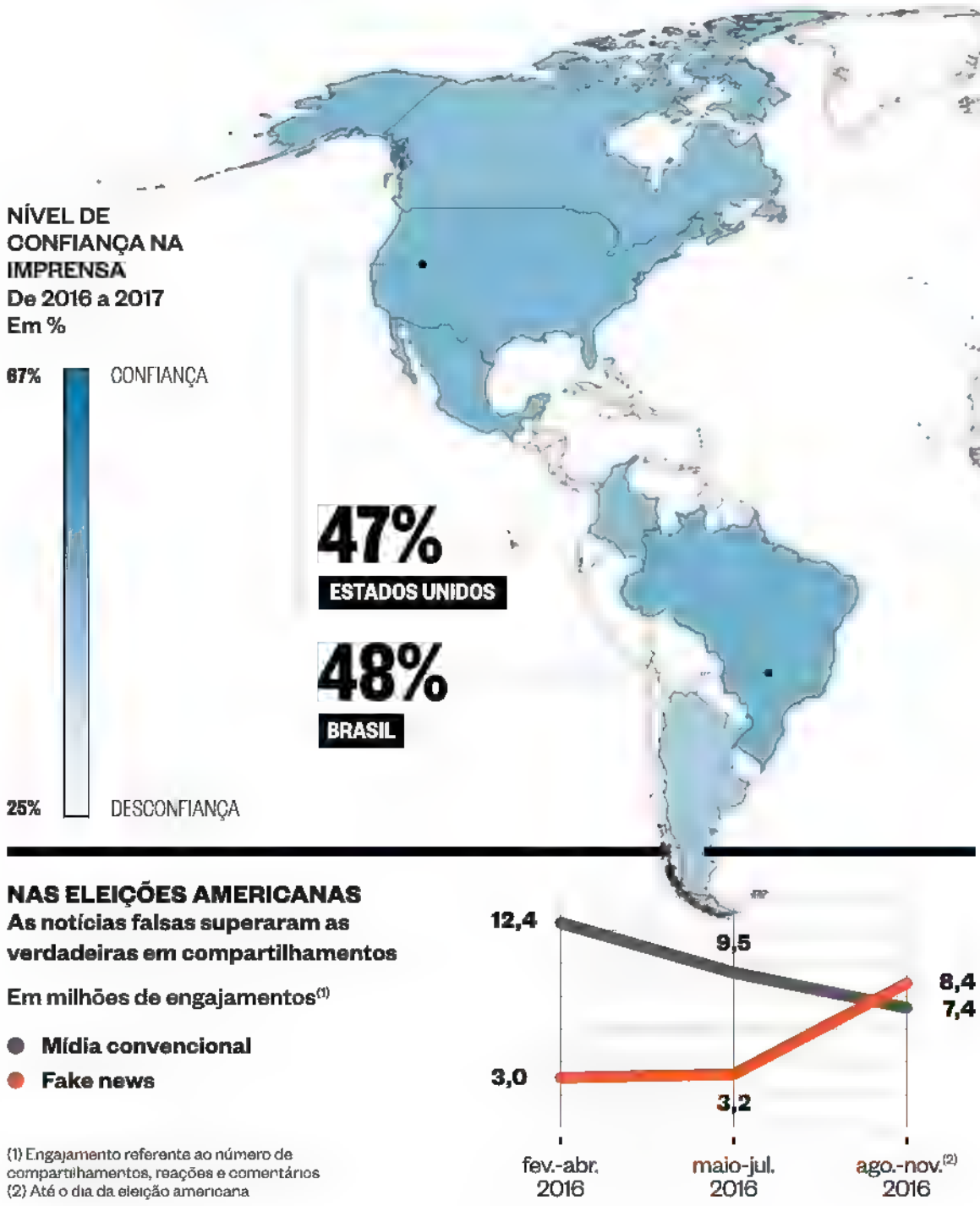
Colocado na defensiva, o Facebook prometeu enfrentar a propagação das notícias falsas. Tomou iniciativas como o cancelamento de 30 mil contas falsas na França, parte do esforço contra a tempestade provocada pela indústria das fake news na campanha eleitoral do país *(leia mais na página 52)*. Embora a iniciativa seja louvável, os desafios impostos pela era da pós-verdade exigem soluções bem mais complexas. Nos Estados Unidos, um estudo feito em parceria pelos centros de pesquisa de mídia da Universidade Harvard e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o MIT, mostra que as notícias completamente falsas não foram as que tiveram maior influência na eleição de Trump no ano passado.

O impacto maior foi causado por artigos com alguma base na realidade, mas distorcidos pelos veículos ultrapartidários. Essas narrativas, por sua vez, ganharam força por ter sido replicadas pelo ecossistema de sites pró-Trump. Isso criou, entre os consumidores desse conteúdo, a ilusão de verdade. "Não gosto do termo fake news porque simplifica demais a situação. O que ganhou a eleição não foram teorias da conspiração, mas artigos que incluíam alguns aspectos de verdade, mas que eram propaganda. Eram geralmente conectados a fatos reais, como os e-mails de Hillary vazados pelo WikiLeaks. São o que chamo de falácias familiares, basicamente um conjunto de narrativas majoritariamente ficcionais, repetidas por um circuito de veículos de mídia", diz Ethan Zuckerman, professor do MIT e um dos autores da pesquisa. "O que ocorre é que, se você é leitor de muitos desses sites, essa narrativa começa a se tornar verdade, porque é reforçada de todos os lados."

Ao mesmo tempo, esses veículos alternativos atacaram – e seguem atacando – constantemente a imprensa tradicional, desqualificada como mentirosa e parte do "sistema" que combatem. Isso ajuda a alimentar o sentimento de desconfiança generalizado em relação às fontes de informação tradicionais. Para Zuckerman, a questão foi agravada porque o jornalismo profissional não conseguiu dar conta do desafio de fazer frente a essas narrativas e, muitas vezes, acabou pautado por elas. "A simples checagem de fatos não é suficiente. É

UMA CRISE DE C

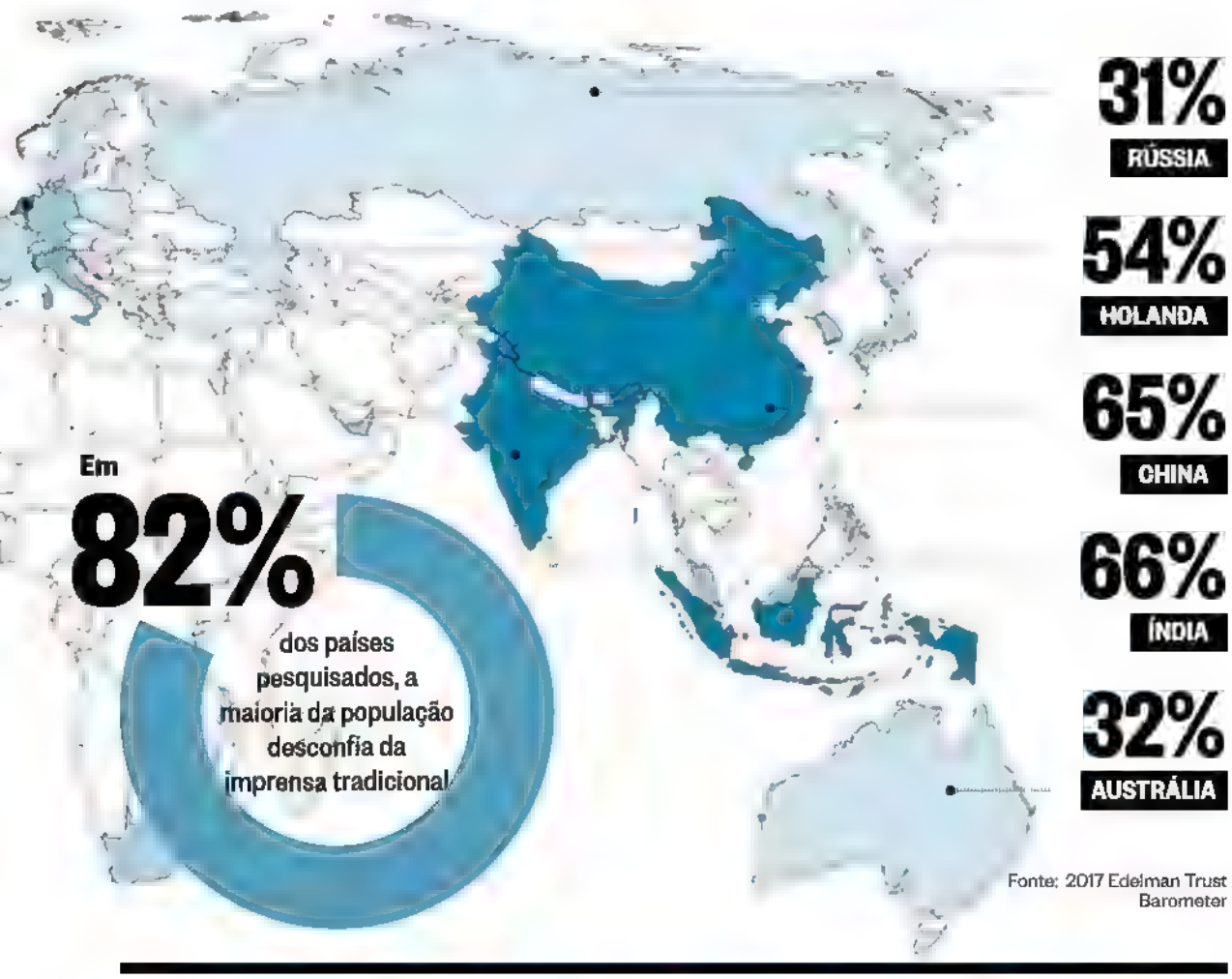
Mesmo em democracias maduras, a confiança nas instituições esta

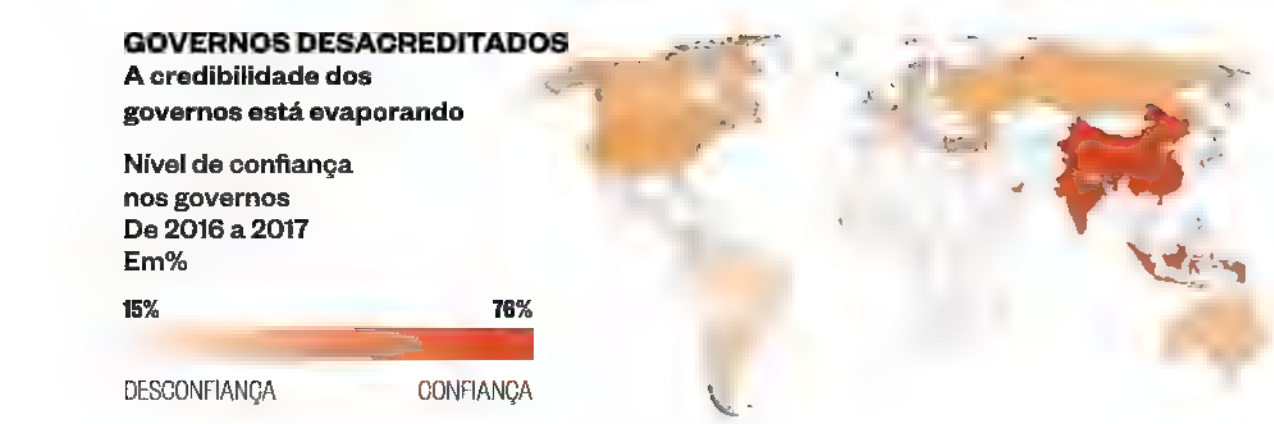


Fonte: BuzzFeed

CREDIBILIDADE

á em queda. Recuperá-la é essencial para combater a pós-verdade





preciso trabalhar para desmascarar os interesses por trás desses sites", diz o professor do MIT.

Ainda de acordo com a pesquisa de Harvard e do MIT, em um volume significativamente maior se comparado ao dos apoiadores de Hillary Clinton, os eleitores de Trump se mostraram bem mais propensos a consumir e a compartilhar notícias de sites ultrapartidários e a dar pouca atenção a fontes mais fidedignas de informação. O estudo sugere que isso não tem necessariamente a ver com o algoritmo das redes sociais e levanta duas hipóteses. A primeira seria uma maior capacidade de articulação on-line da campanha de Trump. A segunda é a escolha individual dos eleitores de Trump de só consumir o que corrobora a própria opinião – um comportamento favorecido pelo fato de que as redes sociais funcionam como "câmaras de eco", que apenas replicam e reforçam nossas próprias opiniões e crenças.

Outra pesquisa sobre a eleição presidencial americana, feita pela Universidade Stanford e pela Universidade de Nova York, publicada em março, faz coro a essas descobertas. Ao monitorarem 115 notícias falsas pró-Trump e 41 pró-Hillary, os economistas Hunt Allcott e Matthew Gentzkow aferiram que os posts pró-Trump foram compartilhados 30 milhões de vezes – os pró-Hillary 8 milhões. "Quanto mais o eleitor está numa bolha virtual, onde só segue perfis no Facebook e no Twitter de pessoas com quem ele concorda, mais propenso está em compartilhar as notícias, falsas ou verdadeiras, que confirmem o que ele já achava antes. Se as notícias são verdadeiras ou não, não importa", afirmam os autores do estudo.

Para tentar furar essa bolha de desinformação, as democracias modernas e suas instituições precisam encontrar maneiras de recuperar sua credibilidade. No mundo ocidental, há uma crise de confiança generalizada das populações em relação aos governos, aos partidos políticos e aos veículos tradicionais de imprensa. Em seu levantamento anual sobre a credibilidade das instituições no mundo, a empresa de consultoria de comunicação Edelman identificou que, em 23 dos 28 países pesquisados, a maioria da população não confia em seus governos, na imprensa, nas empresas e nas ONGs. A confiança na imprensa tradicional caiu para seu índice mais baixo em 17 países – países como Austrália, Colômbia e Canadá tiveram quedas nesse índice de 10% em um ano *(leia mais no mapa ao lado)*.

Esses números refletem o sentimento de crise de identidade e valores, ligado às mudanças tecnológicas, econômicas e sociais pelas quais o mundo passou nas últimas décadas. Como mostra a ciência da psicologia, o ser humano, por sua própria natureza, é inclinado a reagir mais com base na emoção do que na razão. Essa tendência associada à crescente polarização política das sociedades contemporâneas tornou mais complicado o exercício do debate público e da construção do consenso nos fóruns políticos. É um problema sem soluções fáceis – e que não será resolvido pelo simples ajuste de algoritmos nas redes sociais ou pelo combate a hackers adolescentes da Macedônia que propagam notícias falsas. ◆

JAYSON HARSIN

"As pessoas estão céticas com a política"

Pesquisador americano diz que a desconfiança no sistema político e a proliferação dos canais alternativos à imprensa profissional impulsionam as campanhas lastreadas nas notícias falsas

Mariana Queiroz Barboza

Pesquisador da área de comunicação e cultura digital e de seu impacto na política, Jayson Harsin vive há 13 anos na França, onde é professor do Departamento de Comunicação Global da Universidade Americana de Paris. Ele acompanhou o impacto da disseminação das notícias falsas pelas redes sociais na campanha presidencial francesa, enquanto fazia a revisão de seu livro *The rumor bomb: vertiginous democracy and regimes of post-truth* (numa tradução literal, *A bomba de rumor: a democracia vertiginosa e regimes de pós-verdade*), que deve ser publicado neste ano nos Estados Unidos. Ao comentar a nova dinâmica da política em tempos de pós-verdade, Harsin disse que o problema deve ser enfrentado com o questionamento do papel do marketing político e sua manipulação das emoções das pessoas.

ÉPOCA – **Como o senhor define a "bomba de rumor"?**
Jayson Harsin – São boatos criados deliberadamente que, quando explodem ou irradiam, afetam muita gente. As bombas prejudicam as pessoas cognitiva e psicologicamente e desviam sua atenção. Estudos sobre rumores no passado mostram que antigamente os boatos eram espalhados por medo, mas não deliberadamente. Um exemplo de bomba de rumor ocorreu quando os Estados Unidos se preparavam para a invasão do Iraque, em 2003. A propaganda que a administração de George W. Bush circulou com a ajuda de jornalistas americanos dizia que o Iraque escondia armas de destruição em massa e que havia ligações entre Saddam Hussein e a al-Qaeda. Depois soubemos que eram apenas suspeitas, nada foi comprovado. Estudiosos e jornalistas não confrontaram os porta-vozes do governo no início. Houve um efeito na opinião pública. Mais da metade da população americana acredita não só que havia armas de destruição em massa, como alguns dizem que elas realmente foram encontradas. Quando comecei a pesquisar o tema, não sabia se isso seria uma nova era ou uma particularidade das administrações Bush e Tony Blair, no Reino Unido, que também espalhou esse tipo de informação. Agora me parece bem claro que estamos numa nova era.

ÉPOCA – **Mentiras sempre existiram, sobretudo na política. Por que estamos agora numa nova era?**
Harsin – Eu me aproprio das ideias do filósofo francês Michel Foucault sobre verdade e como ela é produzida numa sociedade em determinado período da história. Segundo ele, a forma como o conhecimento é produzido em qualquer lugar na era moderna é uma interação de instituições que são os "contadores de verdades". Eles podem ser cientistas, jornalistas, políticos, professores ou líderes religiosos. Entre eles, cria-se um consenso sobre conceitos de verdade. Mas agora há uma proliferação de canais alternativos – e essa interação entrou em colapso. Ao longo do século XX, com o crescimento da comunicação em massa, os políticos profissionais também aprenderam mais e mais com a psicologia, não necessariamente para educar os cidadãos, mas para tentar manipulá-los e apelar para as emoções. As mentiras sempre existiram. Mas agora aquelas instituições de conhecimento quebraram e há uma grande quantidade de pessoas que não acreditam no que os cientistas falam sobre as mudanças climáticas, por exemplo. Os partidos políticos ▶

Foto: João Luiz Bulcão/Polaris Images

NOVA ERA
O pesquisador Jayson Harsin, em Paris. "As instituições tradicionais de conhecimento quebraram"

vão encontrar seus próprios cientistas, não importa quão marginais eles sejam, para sustentar suas próprias crenças. Nessas condições, é possível fazer afirmações parcialmente verdadeiras, majoritariamente falsas ou redondamente falsas. É muito confuso. Há tantas afirmações contraditórias que fica muito difícil para os cidadãos dar sentido a isso.

ÉPOCA – **Quanto da pós-verdade é resultado da recente polarização ideológica em alguns países?**
Harsin – As sociedades já foram polarizadas antes. Mas antes havia um sistema jornalístico. Hoje nenhuma das organizações de mídia pode controlar a circulação de histórias como pôde no passado. Na França, a Frente Nacional surgiu nos anos 1970 e foi excluída pela imprensa tradicional. Então, a Frente Nacional começou a criar sua própria mídia alternativa, com newsletters e panfletos. Posteriormente, criou seus próprios sites na internet, que agora têm grande audiência. A maioria dos sites é de opinião e reproduz notícias de grandes veículos com o viés que lhes for conveniente. De alguma maneira, os leitores têm acesso às manchetes, mas não recebem o que está escrito de acordo com os padrões do jornalismo profissional. Isso tem sido um grande impulso para a polarização, que não devemos separar do surgimento de novos canais de notícias. E é por isso que ela é diferente da que ocorreu no passado.

ÉPOCA – **Como Donald Trump contribuiu para essa nova era da pós-verdade ao usar, como nenhum outro presidente dos Estados Unidos, as redes sociais?**
Harsin – Barack Obama abriu novos caminhos na relação com a cultura popular ao usar as redes sociais, não tanto o Twitter como Trump – que é quase obsessivo na rede. Vejo algo novo e provavelmente perigoso nesse comportamento de Trump. Ele parece ter uma estratégia ou uma condição psicológica, como alguns especialistas diriam, que o faz se comportar de maneira a escrever constantemente afirmações imprecisas no Twitter e desacreditar outras. Mas não foi ele quem criou essa estratégia.

ÉPOCA – **Quem criou?**
Harsin – A base dessa estratégia foi admitida por Karl Rove, um dos principais assessores de George W. Bush, numa entrevista à revista do *The New York Times*, em 2004. Rove diz ao repórter que ele ainda faz parte da "comunidade baseada na realidade", mas o mundo mudou. Rove diz: "Nós, os Estados Unidos, somos um império e criamos nossa própria realidade" e sugere que a comunicação do governo está diferente. "Enquanto os jornalistas checam, nós evoluímos e criamos outra realidade para vocês tentarem acompanhar, escrever e comentar." Ele admite uma estratégia de movimento constante, para que os jornalistas não consigam acompanhar nunca. O ponto é confundir e manipular os cidadãos para que o governo e os políticos possam atingir seus objetivos. Trump faz a mesma coisa, mas usa as redes sociais e sites alternativos, como o Breitbart.

ÉPOCA – **Trump rotineiramente desqualifica veículos tradicionais numa tentativa de minar a credibilidade de quem o critica. Ao mesmo tempo, ele reproduz boatos como se fossem verdadeiros. Até onde pode ir esse ciclo?**
Harsin – Nesse ambiente de mídia que descrevi, Trump se aproveita da confusão para criar mais desordem. Tudo se resume à confiança. Algumas pessoas confiam cegamente em Trump, outras desconfiam na mesma proporção. E, para ele, tudo bem. Muitos políticos não querem mais ser confiáveis para todos. Não há uma única verdade para toda a população.

ÉPOCA – **De que maneira isso afeta as campanhas políticas, já que os candidatos não fazem mais questão de parecer confiáveis?**
Harsin – A pós-verdade é produzida pela pós-confiança. Se as pessoas não confiam mais nos jornais – e há muitos estudos que sugerem que elas não o fazem –, elas confiam mais em suas fontes particulares. Elas viraram céticas em relação ao sistema político como um todo, mas confiam em seus candidatos. Candidatos como Trump se beneficiam desse ceticismo. As pessoas se sentem pouco motivadas pela política – nos Estados Unidos, mais de 40% dos eleitores nem foram votar para presidente –, e eu acredito que isso ocorre, em parte, porque a comunicação política é feita para manipulá-las, e não para educá-las.

> **"A pós-verdade é produzida pela pós-confiança. E Trump se aproveita da confusão para criar mais desordem"**

ÉPOCA – **Qual é a responsabilidade das empresas de tecnologia na circulação de notícias falsas?**
Harsin – Os web designers, programadores e engenheiros que constroem as plataformas das redes sociais e os algoritmos que mostram o que vemos na linha do tempo têm uma responsabilidade importante. Facebook e Google são empresas querendo fazer dinheiro, embora muita gente trate-os como se fossem serviços públicos. Não são. Só agora vemos que eles precisam de um código de ética também. Não acho, contudo, que essa seja a única solução para acabar com as notícias falsas. Isso nunca vai ter um fim só com soluções tecnológicas.

ÉPOCA – **Qual seria a solução, então?**
Harsin – Temos de debater as raízes do problema. Precisamos educar os cidadãos sobre esses temas, divulgar e criticar essa maneira de fazer política que autoriza qualquer tipo de manipulação e afirmações de pós-verdade. Os jornalistas devem contestar os políticos e não publicar informações que sejam deliberadamente ambíguas. É preciso evitar que notícias sejam transmitidas sem o devido contexto. Isso é um problema para os jornalistas e editores. Existe muita pressão para eles serem sucintos, e isso é um desserviço. ◆

ACABAMENTO

SUVINIL FOSCO COMPLETO: ACABAMENTO FOSCO, MAIS COBERTURA, MENOS DEMÃOS E PAREDES PERFEITAS.

SE FAZ DIFERENÇA PARA VOCÊ, A GENTE FAZ

SUVINIL.COM.BR | SAC: 0800-011-7558

O acabamento fosco permite disfarçar as imperfeições da parede, como pequenas ondulações e nivelamento. Todas as instruções de uso em que 80% dos consumidores avaliaram a intensidade do cheiro como fraca a sem cheiro

Vale a pena sair às ruas?

O maio de 68, tema do filme *No intenso agora*, não deu em nada. Ele nos inspira até hoje porque mostra que a política também pode ser alegre

João Gabriel de Lima

Estudante de sociologia em Paris nos agitados anos 1960, Daniel Cohn-Bendit fazia pose de comunista. Era chamado de "Dany, o Vermelho" – segundo a esquerda ortodoxa, por causa dos cabelos ruivos, e nada mais. Como John Lennon, Mick Jagger ou David Bowie, seus contemporâneos, Daniel não tinha alma de revolucionário, mas de pop star. Tornou-se celebridade ao metralhar frases de efeito em debates na televisão e ao posar para reportagens fotográficas em revistas populares. Daniel é a figura que resume as manifestações de maio de 68 na França, com sua irreverência, inteligência e ingenuidade política. É também um dos personagens centrais do documentário *No intenso agora*, de João Moreira Salles, que estreia nesta semana no Brasil no festival *É tudo verdade*.

No intenso agora não aprisiona a força de acontecimentos avassaladores em teses acadêmicas. O filme capta de maneira vibrante a alegria dos jovens que saíram às ruas achando que iam mudar o mundo – ou, ao menos, colar um rabo de papelão no traseiro do septuagenário presidente Charles de Gaulle. As cenas de protestos que parecem uma grande festa arrebatam o espectador. No campo da reflexão, como ocorre com os bons documentários, traz mais interrogações que certezas. O maio de 68 não mudou o mundo. Não mudou a França. Passou ao largo dos movimentos realmente transformadores da década de 1960, como o feminismo, o pacifismo e o dos negros. Eles vicejaram do outro lado do oceano, nos Estados Unidos. Em resumo, o maio de 68 não deu em nada. Além disso, como o filme mostra, o junho que se seguiu ao maio mítico viu as ruas de Paris ser tomadas por manifestações de apoio ao velho De Gaulle. Surge a pergunta, que vale para o perplexo Brasil de hoje: afinal, vale a pena protestar?

Parte da resposta está no próprio filme. *No intenso agora* contrasta as imagens de 1968 na França com outro 1968 famoso: o da Primavera de Praga, capital da antiga Tchecoslováquia. Em janeiro de 1968, o líder reformista Alexander Dubcek chegou ao poder prometendo liberdade de imprensa e manifestação, algo improvável num satélite da antiga União Soviética. Faltou combinar com os russos, que em agosto enviaram tanques para restabelecer a ordem ditatorial. No início, *No intenso agora* mostra cenas de alegria esfuziante em Praga, que lembram Paris. Mas essa é a única semelhança entre os dois 1968. Os registros raros e nervosos – feitos por cinegrafistas amadores – dos tanques a circular pelas ruas de Praga são imagens desesperadas de quem sabia que o sonho acabara. Os protestos da Tchecoslováquia se opunham a uma ditadura – que, com intensa repressão, logo retornou em toda a sua crueldade.

MANIFESTAÇÕES DE RUA NÃO PROVOCAM MUDANÇAS RADICAIS, MAS COLOCAM TEMAS NA AGENDA DOS POLÍTICOS ELEITOS

Na França não havia repressão, ditadura ou tanques russos. Havia o conservadorismo de sempre, que se estendia da direita gaullista à esquerda ortodoxa, ambas decadentes e geriátricas. Mas o país, ao contrário da Tchecoslováquia, era uma democracia – e a ordem acolheu os estudantes que protestavam contra ela. As fotografias famosas do maio de 68 mostram fogo, correria e policiais fardados. Mas, a rigor, salvaram-se todos. O maio de 68 é um movimento sem mártires. Há incêndios em barricadas – mas também, como mostram outras fotos, beijos apaixonados em meio à fumaça. Era um tempo em que os jovens combatiam o "sistema", para usar um ▶

Foto: Guy Le Querrec / Magnum Photos

EM CLIMA
DE FESTA
Manifestantes na Praça da República, em Paris. O maio de 68 não teve mártires

POP STAR
Daniel Cohn-Bendit. Ele era chamado de "O Vermelho" – também por causa dos cabelos ruivos

termo d'antanho. E o "sistema" abraçou os jovens – que eram, aliás, a elite estudantil da França. Tanto que Daniel se tornou celebridade nos debates de televisão. E, ao longo de maio e dos meses subsequentes, o sol iluminou suas fotos em milhões de capas de revista.

Visto da perspectiva de hoje, o maio de 68 mostrou que manifestações de rua, em regimes de liberdade, não são protestos contra a democracia. Fazem parte dela. Não provocam revoluções nem mudanças radicais. Servem para colocar temas na agenda dos políticos eleitos – os únicos com poder real para fazer mudanças. A turma do Ocupem Wall Street, nos Estados Unidos, protestou contra o 1% que esbanjava riqueza. Veio o governo Obama e criou programas sociais para os americanos que perdiam seus empregos. Depois, esses mesmos americanos, parte dos 99% restantes, elegeram Donald Trump, que prometeu trazer seus empregos de volta. Em junho de 2013, jovens brasileiros saíram às ruas pedindo saúde e educação "padrão Fifa". No ano passado, os paulistanos das classes mais pobres elegeram o prefeito João Doria, que prometeu melhorar os serviços públicos. Protestos são antenas das reivindicações de cada época – mesmo que nem sempre a agenda caminhe na direção imaginada pelos manifestantes.

> **"Tivemos a chance de viver uma época embriagante e angustiante"**
>
> **Daniel Cohn-Bendit,**
> líder estudantil das manifestações de maio de 1968 na França

No intenso agora faz também uma reflexão emocionante sobre o que significa viver num tempo mítico. Num instante, a alegria se desfaz, e às vezes é difícil sobreviver à sua falta. Se não teve resultados objetivos, o maio de 68 recuperou o prazer da política – e todos os que participam de manifestações atualmente estão, de certa forma, em busca do êxtase experimentado outrora pelos jovens franceses. "Tivemos a chance de viver uma época embriagante e angustiante", escreveu Daniel Cohn-Bendit na abertura do livro *Nós que amávamos tanto a revolução*. Ele sobreviveu ao maio francês e se reinventou, na Alemanha, como político. Abraçou a democracia e continuou a lutar por um mundo mais justo. De uma forma menos intensa, porém mais efetiva. ◆

Foto: Georges Melet/Paris Match via Getty Images

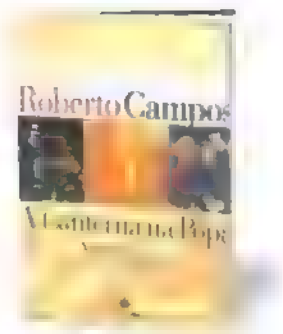
HELIO GUROVITZ

A utopia de jerico da nova Constituinte

A Constituição brasileira foi a terceira mais longa do mundo, numa lista de 190 analisadas pelo Comparative Constitutions Project. Com 64.488 palavras, ficamos atrás apenas de Índia e Nigéria na extensão do texto. Também somos o décimo país na quantidade de direitos garantidos: 79 – os três primeiros são Bolívia (99), Equador (88) e Sérvia (87). Na versão mais recente, nossa Carta já chegou a 69.436 palavras (fica atrás apenas da indiana). O substantivo "direito" aparece, no singular ou no plural, 167 vezes. Há apenas 45 aparições do termo "dever", como substantivo ou verbo. Desde que ela foi promulgada, já sofreu 101 emendas, seis já na revisão em 1994. Só para comparar: a Constituição dos Estados Unidos, promulgada em 1789 e ratificada em 1791, foi emendada 27 vezes desde então, a última em 1992. No mesmo período, o Brasil independente teve oito Constituições distintas – cinco votadas (uma sob ditadura militar) e três outorgadas. Eis que, sob o impacto da Operação Lava Jato, um grupo de juristas renomados defende agora que façamos a nona, para tentar salvar a política.

Trata-se de mais uma encarnação da recorrente prática brasileira de tentar corrigir nossas mazelas por meio da "fúria legiferante". O economista, político e diplomata Roberto Campos, cujo centenário de nascimento foi celebrado na semana passada, comparava esse mal a uma infecção, a "constitucionalite, uma espécie de diarreia constitucional". "O problema brasileiro nunca foi fabricar Constituições, e sim cumpri-las", escreveu em seu monumental livro de memórias, *A lanterna na popa*. Destacam-se nos dias de hoje, entre as quase 1.500 páginas, aquelas em que ele descreve sua atuação na Constituinte de 1987 – qualificada como um "happening assembleísta", em que já se destacava o "nacional-obscurantismo" das empreiteiras e a "República Independente da Petrobras". Basta ler os capítulos dedicados ao assunto para sair convencido do caos que impera quando "cada parlamentar sente uma tentação insopitável de inscrever no texto constituinte sua utopia particular". Acabaram incluídos na versão final dispositivos absurdos, já rechaçados nas comissões temáticas, que o Congresso se veria obrigado a emendar nos anos seguintes – como o tabelamento dos juros em 12%, a definição de empresa de capital nacional ou a proibição de exploração do subsolo por capitais estrangeiros. De outros artigos estapafúrdios, não nos livramos até hoje.

"A situação ideal é a inglesa", escreve Campos. "Contentam-se os britânicos com a Magna Carta de 1215 e o Bill of Rights de 1679 (...). Uma segunda solução – second best – é a americana: uma Constituição que dura há mais de 200 anos." No Brasil, dizia ele, as Constituições padecem de três defeitos. Primeiro, são "reativas". Mudam não para adaptar-se às circunstâncias, mas ultrapassam o ponto de equilíbrio para redimir falhas atribuídas à anterior. Foi esse o caso do texto de 1988, com sua barafunda de direitos e garantias, compensação evidente pelos anos de autoritarismo. Segundo defeito: nossas Constituições são demasiado "instrumentais". Em vez de se ater a princípios da relação entre Estado e cidadãos, adotam uma postura dirigente e detalhista sobre a vida pública. Também é o caso da Carta de 1988, onde quem soube fazer lobby arranjou uma estaca para amarrar sua montaria – estão lá os portos lacustres, a Polícia Ferroviária Federal e até o Colégio Pedro II. Terceiro defeito: são "utópicas", por não distinguir as garantias não onerosas das onerosas. As primeiras são direitos conhecidos como "negativos", que não exigem gastos do governo para existir: voto, associação, opinião, expressão, religião, orientação sexual e por aí afora. As segundas, correspondentes a direitos "positivos", inexistem sem custo: aposentadorias, educação, saúde, meio ambiente, salários e tudo aquilo que se convencionou classificar como "conquistas sociais" – capítulo em que a Constituição de 1988 é pródiga. "Essas garantias devem ser objeto de regulação infraconstitucional, porque é necessário medir os custos e especificar quem vai pagar a conta", diz Campos.



LIVRO DA SEMANA

A lanterna na popa
Roberto Campos

TopBooks
2004
1460 páginas
(2 volumes)
R$ 183

O risco de escrever hoje uma Constituição do zero é o mesmo daquela época: abrir a porteira para toda sorte de delírio. O resultado jamais corresponderá à utopia de constituintes, juristas ou de quem quer que seja. "Meu ceticismo em relação a textos constitucionais é acachapante", escreve Campos, com a experiência de quem tomou parte (ou esteve perto) da elaboração das Constituições de 1946, 1967 e 1988. "O nível intelectual médio dos constituintes de 1988 terá sido talvez o mais baixo da história constitucional brasileira." Alguém acredita, pelas demonstrações que emanam do Congresso, que algo tenha melhorado de lá para cá? Imaginar que uma nova Constituição é a melhor forma de corrigir os equívocos da atual é apenas incorrer noutra utopia – uma utopia de jerico. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail) **@gurovitz** (Twitter) **http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

ÉPOCA CENÁRIOS

Como resolver a charada coreana?

Os Estados Unidos iniciaram uma intensa pressão contra o programa nuclear da Coreia do Norte. Eles precisam da China para ter êxito, mas os chineses resistem a acompanhar Trump

Quando os presidentes Donald Trump e Xi Jinping se reuniram entre os dias 6 e 7 de abril no Mar-a-Lago, resort de Trump na Flórida, o risco de um atrito grave nas relações entre China e Estados Unidos era alto – bem alto. O presidente Trump disse em um de seus tuítes que a reunião poderia ser "muito difícil", preparando o cenário para um possível confronto. Na cúpula, não houve retórica de confronto, mas muitos sorrisos, apertos de mãos e boas refeições. A filha de Jared Kushner e Ivanka Trump chegou a cantar uma canção para Xi. Uma das principais metas dessa cúpula era desenvolver um entendimento pessoal entre Xi e Trump – e, nisso, ela foi um sucesso.

Trump disse que foi uma "reunião excelente". E Xi obteve algo fundamental para um líder chinês: o prestígio de ser tratado como um igual. Esse ambiente distensionado se deve ao fato de que os conselheiros mais moderados de Trump, os chamados "globalistas", parecem ter mais influência (por enquanto) do que os "nacionalistas", mais radicais, com relação à política para a China. Os "globalistas" são o genro de Trump, Jared Kushner, o secretário de Estado, Rex Tillerson, o presidente do Conselho Nacional Econômico, Gary Cohn, e o secretário do Tesouro, Steven Mnuchin. Os principais "nacionalistas" com relação à política chinesa são o estrategista-chefe da Casa, Steven Bannon, e o diretor do Conselho de Comércio da Casa Branca, o economista Peter Navarro.

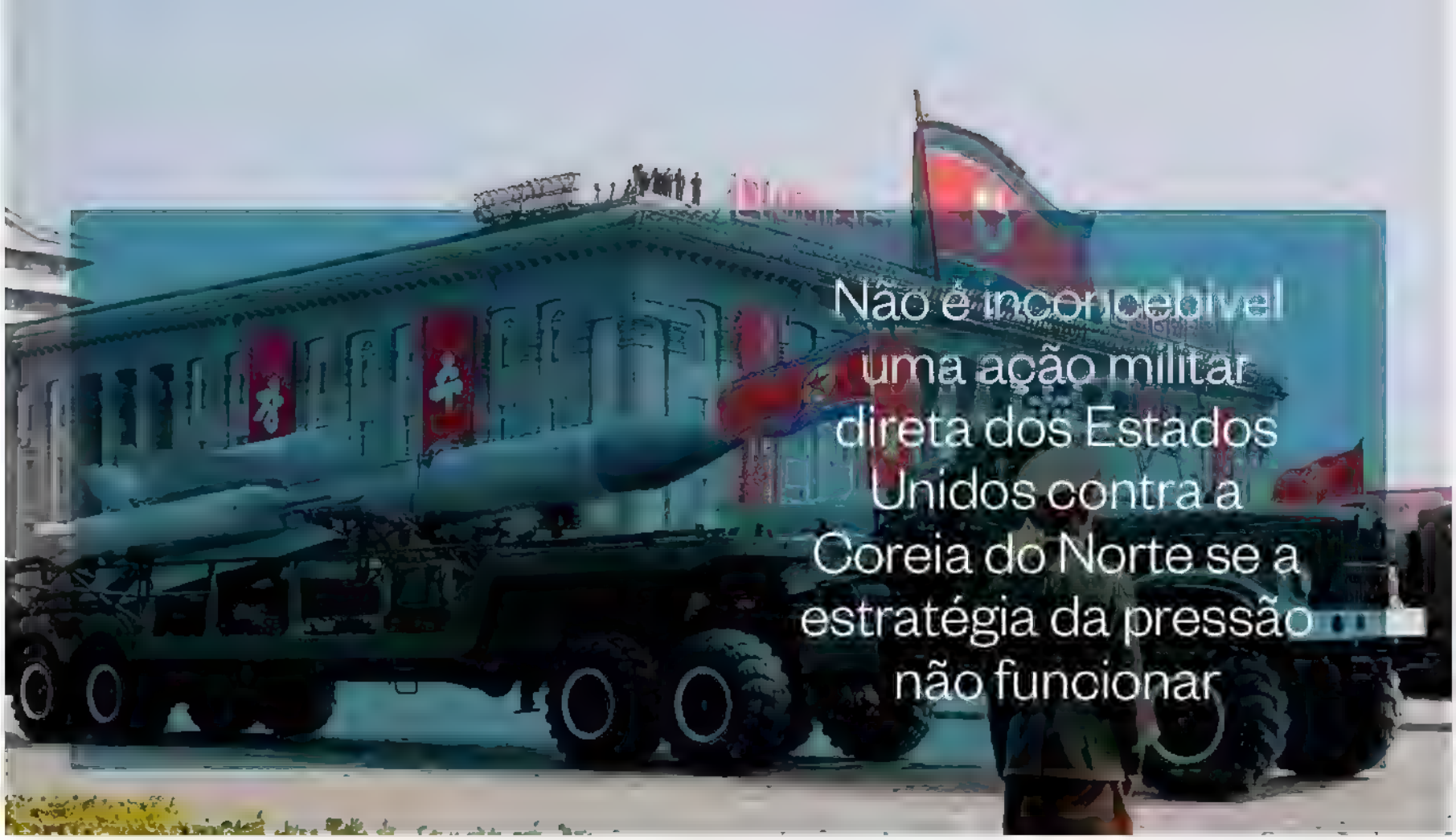
Apesar da atmosfera agradável na reunião entre Trump e Xi, a falta de progresso concreto e os desacordos significativos em relação a questões fundamentais, principalmente o comércio e o programa nuclear da Coreia do Norte, significam a possibilidade de atritos e tensões ainda neste ano, que podem ter repercussões importantes para países como o Brasil. Na relação econômica, a única área de progresso foi o anúncio de um "plano de ação" de 100 dias sobre questões comerciais (que termina em meados de julho). Mas esse plano de ação, proposto pela China, não deve resolver as profundas diferenças nas expectativas de ambos os lados. Só vai empurrar o problema para o futuro.

Os Estados Unidos estão buscando mudanças na economia chinesa que facilitem mais exportações de bens e serviços americanos. Para a China, isso é pedir demais. Tais mudanças na estrutura de sua economia são politicamente difíceis e custosas. A alegação de Trump de que essas concessões chinesas evitarão sanções comerciais não é incentivo suficiente para a China abrir seus mercados. O que a China quer, Trump não está disposto a conceder. Pequim quer um tratado de investimento bilateral, status de economia de mercado, restrições menores a exportações de alta tecnologia dos Estados Unidos e o apoio do governo Trump ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura e à iniciativa One Belt, One Road (co-

Evan Medeiros
é diretor-geral e chefe dos estudos sobre a Ásia do Eurasia Group. Foi o principal conselheiro sobre questões asiáticas do presidente Barack Obama

O CENÁRIO
O governo Donald Trump quer que a China aumente a pressão sobre a Coreia do Norte para que Kim Jong-un abandone seu programa de armas nucleares

A APOSTA
A China dificilmente adotará sanções contra a Coreia do Norte, pois teme o colapso de um país aliado com o qual faz fronteira



nhecida como Nova Rota da Seda). Nada disso está no topo da lista de prioridades de Trump, e todas as iniciativas são politicamente tóxicas para que Trump insista nelas junto a sua base política no Congresso e ao público americano.

Em Mar-a-Lago, durante seu jantar com Xi, Trump lançou os ataques contra a Síria. Os ataques enviaram uma mensagem à China de que os Estados Unidos estão dispostos a usar a força para resolver a questão do programa de armas nucleares da Coreia do Norte, que está rapidamente desenvolvendo mísseis balísticos intercontinentais com capacidade de atingir cidades na Costa Oeste americana. Trump quer aumentar a pressão econômica, diplomática e militar sobre a Coreia do Norte – e quer contar com a ativa participação da China, com quem os norte-coreanos fazem 90% de seu comércio. Apesar da mensagem transmitida em Mar-a-Lago, será um desafio para Trump convencer Xi a fazer mais pressão sobre a Coreia do Norte, de modo a levar o regime de Kim Jong-un a abandonar seu programa de armas nucleares.

Há muitos desacordos entre China e Estados Unidos em relação à questão norte-coreana. A China quer que os Estados Unidos desenvolvam um mapa de retorno a negociações diplomáticas e que restrinjam suas atividades militares na região. As negociações envolveriam um acordo de paz na região. Os Estados Unidos não estão interessados num tratado de paz, mas sim na desnuclearização da Península da Coreia. Os chineses são céticos quanto a sanções econômicas terem o poder de fazer Kim Jong-un desistir de seu programa nuclear e temem um cenário de colapso na Coreia do Norte, crise humanitária em suas fronteiras ou mesmo uma reunificação das Coreias, alinhadas aos Estados Unidos.

A campanha de intensa pressão dos Estados Unidos em relação à Coreia do Norte está apenas no seu início, e é difícil saber agora qual será seu efeito. Além da China, é preciso acompanhar quais serão as reações de outros parceiros dos Estados Unidos na região, como o Japão e a Coreia do Sul. No próximo dia 9 de maio, haverá eleição presidencial na Coreia do Sul. Se as urnas confirmarem o favoritismo do candidato Moon Jae-in, que prefere uma política de engajamento diplomático com a Coreia do Norte à coerção e ao isolamento do país, os Estados Unidos terão um problema.

Atacar uma base aérea remota na Síria, que tem um governo incapaz de retaliar, é diferente de atacar a Coreia do Norte, arriscando um conflito em grande escala na Península da Coreia. Ninguém quer uma guerra – seria muito custosa. Dependendo da evolução dos acontecimentos, não é inconcebível, porém, que haja uma ação militar direta dos Estados Unidos. As consequências geopolíticas de um potencial conflito armado seriam desestabilizadoras para todos – inclusive o Brasil, que é muito exposto a instabilidades políticas e econômicas na Ásia. China e Japão são grandes investidores no Brasil. Um conflito poderia levar à interrupção de cadeias de fornecimento das empresas brasileiras, assim como afetar as exportações do país. Acompanhar a charada da Península da Coreia, e como ela afeta as relações entre os Estados Unidos e a China, virou uma questão de todo interesse também para o Brasil. ◆

Cristopher Garman
é diretor executivo de risco e analista-chefe do Eurasia Group. É cientista político

Foto: Sue-Lin Wong/Reuters

A disputa pela alma dos turcos

O romance de Orhan Pamuk reflete sobre os dilemas da Turquia – onde a tradição de Erdogan solapa o secularismo

DIVISÃO **Apoiadores do presidente turco, Recep Tayyip Erdogan. Ao lado, a capa de *Uma sensação estranha* (Companhia das Letras, 592 páginas, R$ 74,90)**

Ruan de Sousa Gabriel

Mevlut percorre as ruas de Istambul vendendo boza, uma tradicional bebida turca feita de trigo fermentado. Por seu baixo teor alcoólico, a boza era a bebida preferida dos pecadores que arriscavam tomar um porre no tempo dos sultões otomanos, quando o consumo de álcool era restringido pela tradição islâmica. Após as reformas de Mustafa Kemal Atatürk (1881-1938), o fundador da República da Turquia, que modernizou o país com punhos de aço e marginalizou o conservadorismo islâmico, a boza perdeu espaço para o raki, um licor de uva e anis de teor alcoólico de 40%, e se tornou símbolo de um passado religioso e provinciano, encarnado por Mevlut. Uma noite, ele foi vender sua boza num apartamento grã-fino que cheirava a raki. Os homens estavam bêbados, e as mulheres tinham o cabelo tingido de loiro e não usavam véu. Enquanto lhes servia a boza, Mevlut ouvia perguntas curiosas: "Você é um homem religioso?", "Sua mulher cobre a cabeça com o véu?", "O que será de Atatürk, do secularismo, se os partidos islâmicos tomarem o poder?".

O encontro entre o ambulante provinciano e a elite secularizada é narrado em *Uma sensação estranha*, romance do escritor turco Orhan Pamuk recém-editado no Brasil, mas podia muito bem ter ocorrido em algum canto de Istambul nas últimas semanas. Uma das mulheres de cabeça descoberta poderia até ter perguntado: "Como você vai votar no referendo convocado por Erdogan?". No último domingo, dia 16, os turcos aprovaram uma emenda à Constituição que substitui o parlamentarismo pelo presidencialismo. A reforma amplia e consolida os poderes que Recep Tayyip Erdogan, o presidente turco, vinha acumulando por meio de manobras que sobrepõem sua autoridade à do subserviente primeiro-ministro Binali Yildirim. Ergodan governa a Turquia ▶

Foto: Ozan Kose/AFP

NEGÓCIOS,
EMPREENDEDORISMO,
AUTOMOBILISMO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA,
AGRONEGÓCIO:

SUA REVISTA PREFERIDA
JÁ ESTÁ NAS BANCAS
TAMBÉM DISPONÍVEL PARA
TABLETS E SMARTPHONES

GARANTA HOJE O SEU EXEMPLAR!

EDITORA GLOBO

MODERNIDADE
O escritor turco Orhan Pamuk. Ele representa a elite secularizada que sonha com a Europa

desde 2003, quando assumiu o cargo de primeiro-ministro sustentado pelo islamista Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP, na sigla em turco). Em 2014, tornou-se presidente.

O resultado do referendo foi apertado – 51,4% dos eleitores disseram "sim" à proposta de Erdogan, que poderá se reeleger duas vezes e se manter na Presidência até 2029, com poder para nomear ministros, emitir decretos e afastar juízes. A maioria de seus apoiadores são como os parentes de Mevlut: religiosos e nascidos no interior pobre da Turquia. Na província de Konya, onde fica a aldeia natal de Mevlut, o "sim" venceu com 72,9% dos votos. O "não" prevaleceu nas regiões fronteiriças com a Europa e grandes cidades, como Ancara e Istambul. Houve panelaços em Cihangir, o bairro na parte europeia de Istambul onde vive Pamuk. O escritor é membro da elite ocidentalizada e declarou publicamente que votaria "não" no referendo. A tensão entre o secularismo e o islã é um mote recorrente em seus livros. Não é diferente em *Uma sensação estranha*, que acompanha as andanças de Mevlut, o vendedor de boza, pelas ruas e pela história de Istambul de 1968 a 2012.

A vida política social da Turquia é marcada pela oposição entre a elite ocidentalizada, seduzida pelo secularismo, e as classes populares, desconfiadas da modernidade e alienadas pela retórica antirreligiosa dos discípulos de Atatürk. *Uma sensação estranha*, porém, mostra que os turcos mais pobres também estão divididos. Boa parte do romance se passa em Duttepe e Kültepe, bairros periféricos de Istambul. Duttepe abrigava famílias muçulmanas que migraram da Anatólia em busca de uma vida melhor. Lá, as mulheres usavam véu e proliferava um nacionalismo com pinceladas religiosas abraçado pelos primos de Mevlut, que ganharam algum dinheiro investindo em construção civil – um setor que mantém laços estreitos com Erdogan, citado na cronologia de fatos históricos arrolados ao final do livro. Mevlut morava em Kültepe, uma colina povoada por curdos e alevitas, minorias étnicas e religiosas simpáticas a ideologias de esquerda.

É Mevlut, porém, que melhor representa os dilemas da Turquia. Ele é um turco temente a Deus, mas não consegue manter a abstinência sexual durante o ramadã. Tem ambições empreendedoras, um coração à esquerda e vota no Partido Islâmico. O vislumbre da bandeira turca agitada pelo vento enche seus olhos d'água. "Você leva jeito para agradar tanto à esquerda quanto à direita, não é?", diz Ferhat, seu amigo de Kültepe. Mevlut sonha com uma loja num bairro chique de Istambul onde possa vender sua boza, combinando, assim, as Turquias moderna e ancestral, capitalismo e tradição.

"O futuro de uma sociedade não era determinado pelos traços comuns de seus membros, mas se baseava totalmente nas suas diferenças", diz o narrador de *Uma sensação estranha*. O futuro que a dramática divisão exposta pelo referendo parece determinar para a Turquia não é dos melhores: o preço do fortalecimento de Erdogan tem sido o esvaziamento da democracia turca. Para frear o avanço do autoritarismo, é importante uma trégua na guerra pela alma da Turquia. O que une as tramas tão diversas de *Uma sensação estranha* é justamente o talento de Pamuk para reger um coral de vozes que, no decorrer das páginas, interrompem o narrador para contradizê-lo e contar sua versão da história. Essa concessão à polifonia legitima os discursos dos marginalizados pela secularização e dos entusiastas da modernidade. Se Erdogan pretende atuar como o narrador de um romance épico, devia ao menos reconhecer que os personagens não têm um discurso homogêneo e não tentar calá-los, para que a narrativa do futuro da Turquia possa, finalmente, ser uma construção coletiva. ◆

Foto: Ayman Oghanna/The New York Times

NOVOS OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÃO NO FUTURA.

Assista à série Janelas de Inovação, com a filósofa e escritora **Viviane Mosé.**
Produzida em [illegible] cinco regiões do Brasil, a série aborda [illegible] de educação no país.
Não perca. Toda quinta, às 22h.

janelasdeinovacao.org.br

futura.org.br

Telefônica FUNDAÇÃO | vivo | futura

OUTRAS PALAVRAS

A biografia de Caetano Veloso revela um artista de múltiplos talentos que se reinventa o tempo todo

FÉ
Caetano Veloso na infância. A família católica não deixou a irmã Maria Bethânia estrear no teatro como uma prostituta

Sérgio Garcia

São raros os artistas que se reinventam o tempo todo não por esgotamento da fórmula anterior, mas para poder dar vazão a seu múltiplo talento. Caetano Veloso faz parte dessa elite. Provavelmente, é o nome mais influente na música e no comportamento no país nestes últimos 50 anos. Compôs canções de sucesso e trilhas para cinema e teatro, apresentou programa de TV, brilhou em festivais e shows, concebeu filme, fez pinturas, escreveu crônicas, críticas e livro de memórias. Esmerou-se também em reunir gente e se meter em querelas públicas. Esse personagem plural aflora em *Caetano – Uma biografia: a vida de Caetano Veloso, o mais doce bárbaro dos trópicos*, de Carlos Eduardo Drummond e Marcio Nolasco, servidores públicos cariocas que se aventuram em sua primeira obra do gênero. "Nossa ideia inicial era fazer um personagem em torno do qual havia uma lacuna bibliográfica. O primeiro nome foi o de Roberto Carlos, mas logo percebemos que a biografia dele seria complicada", conta Drummond.

O maior mérito do livro está na pesquisa aprofundada, que desvela episódios singulares do protagonista. Além do mergulho em centenas de arquivos de jornais e revistas, os autores entrevistaram 103 pessoas, entre parentes, amigos de infância e artistas que conviveram com o biografado. Tendo como ponto de partida os avós de Caetano, o livro esmiúça infância e adolescência passadas na cidade baiana de Santo Amaro. O leitor fica sabendo que seu pai, Zezinho, declamava poesias, sua mãe, Canô, era uma mulher avançada para a época e que Caetano cresceu numa casa superpovoada por irmãos e primos. A família era católica praticante e conservadora, a ponto de os pais não deixarem que a filha mais nova, Maria Bethânia, estreasse no teatro no papel de uma prostituta. Nessa fase inicial da vida, Caetano demonstrava dom para outra arte: a pintura, uma aptidão que manteve ao longo da vida. Inclusive, o livro exibe um elogiável autorretrato feito no início da década de 1960. Ao mesmo tempo que desenhava, o pendor para a música despontou. Sua estreia se deu aos 8 anos, quando foi reprovado de cara num programa de calouros de uma rádio local, mas nada que o traumatizasse, como evidencia a longeva trajetória.

Um dos pecadilhos da obra é a narrativa toda em ordem cronológica, sem hierarquizar os fatos mais marcantes. Há detalhes da prisão de Caetano e Gil pela ditadura no final dos anos 1960, fruto de uma "fake news". Um apresentador de TV, sem se dar ao trabalho de checar o caso, protestou em seu programa que o cantor havia profanado a bandeira e o Hino Nacional durante um espetáculo, o que revoltou os militares. O exílio posterior em Londres foi uma das raras fases de melancolia em sua vida. De personalidade forte e afeito a uma contenda, Caetano pode se gabar de ter sido alvo de ataques da direita e da esquerda ao mesmo tempo. No terreno da paixão, o livro traz as circunstâncias e até as datas da primeira vez com a ex-mulher Dedé Gadelha e com a atual, Paula Lavigne, exatamente na noite em que Caetano celebrava seus 40 anos – Paula tinha 13. Relata também os namoricos que ele teve em paralelo a seu casamento para lá de liberal com Dedé. Há ainda pormenores de cada trabalho ao longo da carreira, em que se entrelaçam figuras da alta-roda da música brasileira.

A dupla de autores iniciou o projeto há 20 anos, data em que o movimento tropicalista completava três décadas. Em 2004, eles concluíram o trabalho. Porém, como não houve acordo com os representantes de Caetano para a publicação da obra, a editora que inicialmente iria lançá-la não se sentiu segura e deu para trás. De lá para cá, o livro hibernou, sem perspectivas de ver a luz. O quadro mudou quando o Supremo Tribunal Federal liberou as biografias não autorizadas, em 2015, apesar do lobby contrário à medida do grupo Procure Saber, que tinha Caetano, Roberto Carlos e Chico Buarque entre seus integrantes. Desobrigados de obter a autorização do biografado, Drummond e Nolasco retomaram o projeto e trataram de atualizar o texto. Graças a esse hiato, o lançamento agora coincide com os 75 anos de Caetano, no dia 7 de agosto. ◆

VOCÊ NÃO ENTENDE NADA

Revelações sobre a vida de Caetano, que dividiu opiniões políticas e amorosas

AMORES

Sonia Braga
Em 1981, Caetano teve um romance com a atriz, inspiração da música "Tigresa". Passaram a noite no trem Rio-São Paulo

Gal Costa
Gal e a amiga Dedé disputavam Caetano. Combinaram que quem o beijasse primeiro levava. Dedé ganhou

Regina Casé
Caetano teve um namorico com Regina durante o casamento aberto com Dedé. Apesar da situação, Dedé ficou "amicíssima" de Regina, diz o livro

DESAVENÇAS

Décio Pignatari
Amigo do cantor, o poeta criticou sua omissão no movimento pelas Diretas Já. Caetano rebateu. Voaram farpas

Geraldo Vandré
Contrário ao movimento tropicalista, foi grosseiro em duas ocasiões. Desculpou-se com Caetano em Londres

Paulo Francis
Ele disse que Caetano tinha "a miséria raquítica do baiano". Foi chamado de "bicha amarga, boneca travada"

***Caetano – Uma biografia: a vida de Caetano Veloso, o mais doce bárbaro dos trópicos* (Seoman, 544 páginas, R$ 59,90)**

Foto: Maria Izabel/Acervo pessoal

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br

AS ROUPAS QUE ESTARÃO NA EXPOSIÇÃO DO MET **Primavera, de 1997 (1), e as Bruxas Azuis, de 2016 (3); a Silhueta do Futuro, do último desfile em Paris (2); a homenageada, que odeia fotos e entrevistas (4)**

A gênia do esquisito

É difícil entender o que levou a todo-poderosa editora de moda da *Vogue* americana Anna Wintour a escolher Gisele Bündchen como uma das anfitriãs do próximo baile de gala do Museu Metropolitan de Nova York, no dia 1º. Afinal, a top brasileira é uma das grandes musas do glamour fashion, e a nova exposição de moda do Met homenageia Rei Kawakubo, a estilista japonesa que prega o antiglamour e o antifashion, por meio das criações, às vezes estranhíssimas, de sua marca, a Comme des Garçons, fundada em 1969.

Mas talvez Gisele e Rei tenham muito mais em comum do que podemos supor, como visto no último desfile da estilista em março, em Paris. A estilista apresentou roupas – ou quase isso – com modelagens exageradas nos seios e no bumbum, que batizou "a silhueta do futuro". Desde 1981, quando começou a desfilar na capital francesa, Rei Kawakubo, ao lado de Yohji Yamamoto e Issey Miyake, chocou o mundo da moda ao romper a estética do "nouveau-richismo" exagerado com suas peças negras cheias de furos, inacabadas e desconstruídas em manequins com maquiagem pálida. Era o advento do look Hiroshima Chic, um pauperismo intelectual do pós-Segunda Guerra nipônico que vestiu os moderninhos dos anos 1980. "Parecem mendigas", escreveu um jornal parisiense na época.

Gisele, por sua vez, revolucionou as passarelas no início do século ao desfilar sua estética saudável e curvilínea que mudou o padrão das modelos esquálidas e abatidas dos anos 1990. Cada uma, a seu modo e a seu tempo, inaugurou uma nova era.

Rei Kawakubo/Comme des Garçons: Art of the In-Between será aberta ao público no dia 4, com cerca de 150

criações da estilista, divididas em oito seções, como Moda/Antimoda, Design/Não Design, Roupas/Não Roupas. O paradoxo das roupas de Rei, que sempre causam incômodo nas primeiras filas de Paris, está presente no nome da exposição, *Arte no meio do caminho*. Fãs de sua antimoda hão de se deleitar, por exemplo, com as jaquetas de couro usadas com saias de bailarina da coleção primavera 2005, com modelos em xadrez vichy do magnífico desfile do verão 1997, com o suéter esburacado de 1982 e com as inacreditáveis peças da coleção 2 Dimensions, do inverno 2012.

"Rei é uma das designers mais importantes e influentes dos últimos 40 anos", diz o curador da mostra, Andrew Bolton. Por isso, ele elegeu a japonesa a segunda estilista viva a ser homenageada com uma exposição no Metropolitan – honraria a que só Yves Saint Laurent, em 1983, teve direito até então.

Totalmente avessa a badalações e entrevistas, Rei, de 74 anos, diz que não estará presente na festa de inauguração, mas seu marido e sócio, Adrian Joffe, a desmente. "Ela só não deve desfilar no tapete vermelho", avisa ele.

Primeira a chegar todos os dias a seu escritório em Tóquio e última a sair, ela considera seu grande fracasso "o fato de trabalhar tanto, se torturar tanto e viver o inferno da labuta até meia-noite nos últimos 40 anos". O casal é também dono da multimarcas de moda Dover Street Market, com lojas em Londres, Nova York, Pequim, Seul, Cingapura e Tóquio, onde vende peças de designers desconhecidos, mas também hits de marcas badaladas, como Gucci, Balenciaga e Alaïa, essas, sim, um guarda-roupa sob medida para Gisele.

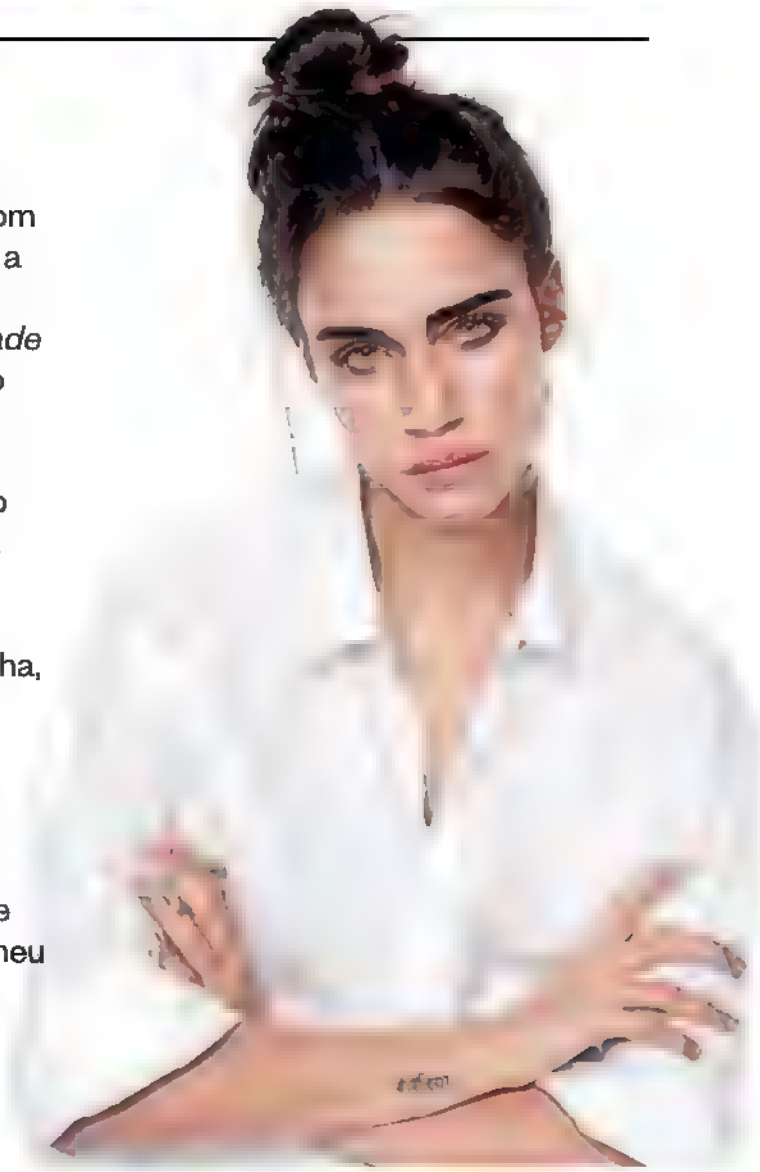
É bom frisar, no entanto, que as roupas "investíveis" dos desfiles da Comme des Garçons ganham sempre versões comerciais e altamente vendáveis ao chegar às lojas. Seu conglomerado fatura cerca de R$ 473 milhões ao ano. Rei pode ser cabeça, mas não chega a perdê-la – está aí a genialidade do caminho do meio.

A musa do rock

Dona de uma das vozes mais emblemáticas do rock progressivo, a cantora britânica **Annie Haslam**, da banda Renaissance, desembarcará em maio para shows em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba e no Rio de Janeiro. "Minha missão é conectar as pessoas por meio da minha voz, que emana positividade e proporciona uma experiência interessante para quem vai nos ver", diz ela, que não mede esforços para cuidar do gogó. "Eu não fumo e fico longe de qualquer tipo de fumaça. Só vou ao shopping usando máscara, tipo aquela que o Michael Jackson usava." Annie diz que já visitou o Brasil "umas sete ou oito vezes". "Em 1997, fiz uma turnê com o Flávio Venturini. Mas não sou amiga dele, tivemos um probleminha, que prefiro não comentar. Fora isso, adoro os brasileiros e fico muito triste com a situação econômica pela qual estão passando."

A estrela sobe

Descoberta aos 15 anos por um olheiro, enquanto fazia compras com a avó em um mercado de Curitiba, a modelo **Rhay Polster**, de 25 anos, estreia como atriz na minissérie *Vade retro*. Ela interpreta a secretária do personagem de Tony Ramos. "A vida nunca me tratou com doses homeopáticas, ainda bem. Quando comecei como modelo, entre o dia que o agente me abordou e minha primeira ida a Paris se passaram apenas cinco dias. E lá fui eu, sozinha, sem falar francês e arranhando no inglês", conta. "Agora, na TV, pego logo de primeira um Tony Ramos para contracenar." Rhay fez um teste para a próxima novela das 6, *Tempo de amar*. "O *(diretor)* Jayme *(Monjardim)* disse que gostou do meu teste. Vamos ver no que vai dar."



Fotos: Paolo Roversi; Courtesy of The Metropolitan Museum of Art (2), Estrop/Getty Images, Melodie Jeng/Getty Images, Bobby Bank/Wireimage, divulgação

ENTREVISTA

KAROL CONKA
CANTORA

"É um grito que tenho no peito"

Empoderada até o último fio de cabelo – que, detalhe, ela muda sempre que quer –, Karoline dos Santos de Oliveira, a **Karol Conka**, é o nome da vez no pop nacional. "Eu não estou sozinha, tem muita gente por trás de mim. Represento meninas que nunca tiveram voz, que nunca se sentiram representadas ou até notadas", afirma ela, que substituiu Ivete Sangalo no comando do programa *Superbonita*, do GNT. Karol acaba de assinar uma linha de bolsas em parceria com a grife Soleah e foi convidada para participar do Rock in Rio. Ela se apresentará no dia 23 de setembro, no palco Sunset. "Uma vez me endividei toda para ir lá e assistir ao show da Rihanna."

PODEROSA **Karol Conka, a nova estrela do pop nacional**

EPOCA – **Em época de empoderamento, você é a pessoa certa no lugar exato?**
Karol Conka – Somos criadas para ser outra pessoa, crescemos tendo de alisar o cabelo. É triste você, antes de sair de casa, ter de mudar seu visual, anular quem você é, para agradar aos outros. Chega disso. Não estou sozinha, tem uma galera atrás de mim. É um grito que tenho no meu peito há muito tempo, mas não sabia que seria tão ouvida. Minha missão é maior que cantar.

EPOCA – **E qual é sua missão?**
Karol – Eu estou aqui para passar uma mensagem, dar voz às meninas da periferia, porque nós raramente somos retratadas. A coisa mais dolorosa da minha infância era que eu sabia que não podia ser Paquita da Xuxa. Tinha a Bombom, mas ela não era Paquita, lembra?

EPOCA – **Já sofreu ataques racistas?**
Karol – Acompanhei de perto o que aconteceu com a Taís Araújo, a Maju do *Jornal Nacional* e a Ludmilla. Nas redes sociais, nunca passei por nada parecido. Talvez porque eu ainda não seja famosa o suficiente. Mas certa vez, em um programa de rádio, começaram a querer me detonar. Soltei logo: se negro é tão lixo, tão uó, por que estão perdendo o tempo branco precioso de vocês comigo?

EPOCA – **Seu jeito direto intimida?**
Karol – Sempre fui assim. É possível ser negra, da periferia e autoconfiante. Mas sei que fui vista como uma menina marrenta, como a rebelde. Quando a fama chegou, aí passei a ser revolucionária, empoderada. Não tenho uma fórmula para ser artista. Não posso criar uma outra Karol Conka para parecer mais fina, mais fashion. Venho da rua, sou maloqueira mesmo.

Duplas jornadas

Michel Teló acaba de debutar na carreira de ator no musical *Bem sertanejo*, em que vive dois papéis, o chefe dos tropeiros Chico Sanfona e o cantor Tonico, da lendária dupla Tonico e Tinoco. "Interpretar alguém, ter muito texto para decorar e aprender as marcações das cenas, é tudo diferente para mim", afirma o cantor. A produção acaba de estrear em São Paulo e depois segue para Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte. "Canto em cena 'Menino da porteira', uma música que, quando o Sérgio Reis lançou, eu era muito pequeno e chorava ao ouvi-la. Minha mãe conta que eu ficava muito emocionado com a história do menino." Em casa, a emoção também é dupla: pais de Melina, de 8 meses, ele a mulher, a atriz Thais Fersoza, estão esperando um menino. "Não caibo em mim de tanta felicidade."

Foto: Danny Sach, Bruno Fioravanti

WALCYR CARRASCO

Quem fala por mim?

Tenho 65 anos e um profundo descrédito. Sou de uma geração que, certa ou errada, tinha um sonho. Era de esquerda, quando jovem. Está certo, nunca li *O capital*, mas a maioria dos esquerdistas também não. Li *O manifesto do Partido Comunista*, mais curtinho, que durante o regime militar circulava de mão em mão. Proibidíssimo. O mundo era mais simples: quem era de direita apoiava os militares. De esquerda, contra. Por causa desse pró e contra, pessoas morriam. O jornalista Wladimir Herzog foi assassinado na cadeia. Muitos também morreram. Torturados. Eram guerrilheiros. Hoje pode parecer assustador falar que jovens se uniam, em pequenos grupos, como VAR-Palmares, Polop, para combater a ditadura militar. O objetivo era tomar o poder. Com frequência, saía a notícia no jornal: guerrilheiro morto em embate com a polícia. Mentira. Era alguém preso, torturado. Morto na cadeia. Os militares brasileiros até que davam uma disfarçadinha. Na Argentina, botavam em aviões e jogavam no mar, em grupos. Também lá, as mães se uniram em busca de seus filhos. Em um protesto contínuo na Plaza de Mayo, denunciando. Lá, também, muitos bebês eram arrebatados das jovens esquerdistas e adotados pelas famílias militares. As avós até hoje procuram seus netos, em pistas cada vez mais tênues. No Chile, na queda do presidente Salvador Allende, eram tantos presos e torturados que foram postos num estádio de futebol. Mas esses jovens tiveram um papel histórico: denunciaram a brutalidade dos regimes militares. Esses horrores estão na minha memória, assim como o primeiro comício de Lula, no ABC paulista. Eu estive lá. Assim como compareci à missa pela morte de Herzog. Medo da cavalaria.

Mas com o tempo meu lado escritor falou mais alto. À medida que a gente se profissionaliza, nem sempre pode participar de atos políticos. Enfim, o governo militar caiu. Tecnicamente, fez uma passagem pacífica para a democracia. Veio uma nova Constituição, e o país podia respirar. Podia? Durante anos, votei nos partidos de esquerda. Simplesmente por acreditar em justiça social. Por duvidar que um país possa ser feliz com crianças passando fome, gente morando na rua. Se me perguntassem o que eu faria se fosse presidente, diria que não sei. Também não quero ser presidente, deputado, ministro. Reconheço, com orgulho, minhas limitações.

Mas, quando Lula venceu, eu respirei fundo. Ele veio, ninguém pode negar, com um projeto de inclusão social. Fomos o último país a abolir a escravidão. Seremos os últimos em muitas coisas, parece. Porque veio junto essa roubalheira toda, pelo menos segundo o que está sendo denunciado abertamente, com nomes e quantias. Tudo bem. Ninguém pode ser julgado apenas pelas notícias. É preciso passar por um tribunal. Mas as notícias são avassaladoras.

Pior que qualquer denúncia, porém, é a destruição absoluta dos sonhos. A maioria dos partidos não tem um projeto capaz de falar por si. Políticos mudam de sigla como trocam de sapatos. Vão do que era esquerda para a direita, e vice-versa. O PT arruinado pelas acusações. Restam o PSOL e a Rede, embora eu sempre fique com um pé atrás porque Marina Silva é evangélica. Tem posturas firmes, que nem sempre coincidem com as minhas. Mas, se eu falo deles, pelo menos sei o que são. Os outros viraram uma omelete. E grandes ícones da minha juventude – não só Lula – hoje estão envoltos em denúncias. Se me perguntarem em quem votarei nas próximas eleições, direi que não sei. Não tenho a menor ideia, porque nenhum partido me representa. Político, então?

> PIOR QUE QUALQUER DENÚNCIA É A DESTRUIÇÃO DOS SONHOS. MAS HÁ CHANCE DE APARECER ALGUÉM PARA REVIGORAR OS IDEAIS

Muita gente briga quando ainda se fala de Lula, apesar das evidências. Dizem que é estar contra a classe trabalhadora. Uma coisa eu sei. Ser contra alguém não é duvidar de uma ideia. Todos, absolutamente todos aqueles que sejam a favor da inclusão social, de uma sociedade mais igualitária, podem ser presos por corrupção. Eu poderia ser o juiz a condená-los diante das provas, e mesmo assim continuaria a acreditar na possibilidade de um mundo melhor.

Meu descrédito não é com a política, mas com os políticos. Há um vácuo de poder, que pode até ser ocupado por um novo candidato messiânico tipo Fernando Collor. Mas também é a chance de aparecer alguém capaz de revigorar os ideais, não digo de uma esquerda antiga, mas de uma sociedade mais justa.

Se esse candidato aparecer, é nele que vou votar. Tenho esperança. Ainda vai aparecer quem fale por mim. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

CINEMA
2 horas

Passagem para o poético

Paterson é o nome da cidade onde viveram o poeta modernista William Carlos Williams (1883-1963) e o beatnik Allen Ginsberg (1926-1997). E é também o nome do motorista de uma das linhas de ônibus que cruzam a cidade. Paterson (**Adam Driver**), o condutor, compõe versos despretensiosos sobre caixas de fósforo, o tempo e Laura (Golshifteh Farahani), sua esposa sonhadora. Ele nunca faz cópias de seus poemas e evita mostrá-los a qualquer um. A poesia de ***Paterson***, o filme, não se apoia num enredo ambicioso – quase nada acontece –, mas nas boas atuações de Driver e Golshifteh e na direção delicada e segura de Jim Jarmusch. **Em cartaz.**

TEATRO
2 horas

A vida ao rés do palco

As crônicas do escritor Antonio Prata costumam ser recheadas de lembranças infantis: a passagem do cometa Halley, brincadeiras com os amigos no quintal, desenhos animados, passeios de carro, o divórcio dos pais e aqueles dilemas que atormentam as crianças quando chove lá fora e não há nada de bom na TV. O espetáculo ***Nu de botas*** – inspirado no livro de crônicas publicado por Prata em 2013 – encena esses episódios com bom humor e ternura. A direção é de Cristina Moura. **Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, até 1º/5.**

LIVRO
1 hora

Inquietos, insensatos e diabólicos

O escritor prussiano E. T. A. Hoffmann (1776-1822) é um dos maiores nomes do romantismo alemão. A prosa musical e irreverente de Hoffmann dissolve as fronteiras entre o real e o mito, a filosofia e a literatura fantástica. A coletânea ***O reflexo perdido e outros contos insensatos***, organizada por Maria Aparecida Barbosa, reúne algumas das narrativas mais extravagantes de Hoffmann, como a diabólica *O reflexo perdido*, *O homem-areia*, citada por Freud no ensaio *O inquietante*, e *O quebra-nozes e o rei dos camundongos*, que inspirou o balé natalino de Tchaikovsky. **Estação Liberdade, 264 páginas, R$ 42.**

Por **Nina Finco**, mfinco@edglobo.com.br,
e **Ruan de Sousa Gabriel**, rsgabriel@edglobo.com.br

TV
1 hora

O papa não é pop

Esqueça o boa-praça Francisco. O pontífice da série ***The young pope*** não podia ser mais diferente do simpático papa argentino. Lenny Belardo (**Jude Law**), o papa Pio XIII, tem 47 anos – é o mais jovem e o primeiro americano a conduzir a Igreja Católica. Pio XIII gosta de tomar Coca-Cola no café da manhã, tem sempre um cigarro entre os dedos, não sabe se Deus existe e é bonito como Jesus Cristo. Conservador e arrogante, ele quer distância de suas ovelhas e está pronto para patrocinar uma cruzada contra os homossexuais. Assinada pelo cineasta italiano Paolo Sorrentino, vencedor do Oscar por *A grande beleza*, a série bateu recorde de audiência na Itália. A primeira temporada tem dez episódios e a segunda já foi confirmada. **Fox Premium. Estreia no dia 29/4, às 22 h.**

LIVRO
1 hora

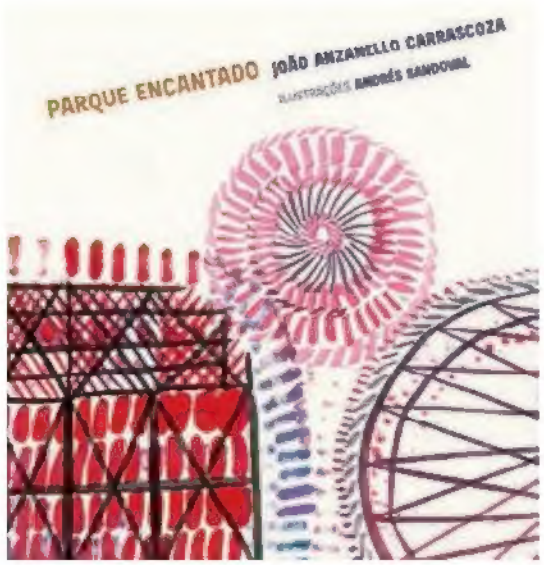
Eterno retorno

Nos 29 contos de ***Calibre 22***, o novo livro de Rubem Fonseca, a cidade continua não sendo "aquilo que se vê do Pão de Açúcar", como dizia Mandrake, o advogado criminalista, cínico e boêmio, que, desde 1969, bate ponto nas narrativas policiais de Rubem. O advogado-detetive andava sumido desde 2005, quando apareceu na novela *Mandrake: a Bíblia e a bengala*, mas volta ao batente no conto-título da nova antologia para investigar uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além de Mandrake, também retornam temas como a desigualdade social, a violência e as mais diversas formas de preconceito. **Nova Fronteira, 208 páginas, R$ 39,90.**

MOSTRA
4 horas

Antes e depois daquele beijo

O festejado cineasta italiano Michelangelo Antonioni (1912-2007) não é apenas diretor de filmes singulares como ***O deserto vermelho***, ***Blow-up*** e ***A noite***. Ele também assinou documentários, escreveu roteiros para Roberto Rossellini e Federico Fellini e colaborou com Wim Wenders e Steven Soderbergh. A mostra ***Aventura Antonioni*** apresenta a genialidade e a polivalência do cineasta. **Centro Cultural Banco do Brasil. São Paulo e Rio de Janeiro, de 26/4 a 22/5. Brasília, de 3/5 a 29/5.**



INFANTIL
1 hora

Um parque de diversões da cabeça

É um livro ou um parque de diversões? ***Parque encantado***, de João Anzanello Carrascoza, é as duas coisas. Com ilustrações de Andrés Sandoval, o livro ensina brincadeiras inspiradas naquelas diversões de parques infantis, como xícaras gigantes que giram e espelhos malucos. Não precisa pegar fila para se divertir nesse parque. E o ingresso é a imaginação. **FTD Educação, 64 páginas, R$ 40.**

Fotos: divulgação

RUTH DE AQUINO

PPP ou PQP?

A megaconspiração entre empreiteiros e políticos no Brasil conseguiu desmoralizar a Parceria Público-Privada. A PPP seria excelente instrumento para melhorar a vida de centenas de milhões de pessoas. Em infraestrutura, transporte, metrôs, estradas, portos, aeroportos, moradia, saneamento, escolas, hospitais, urbanização de favelas. Que desperdício. Tudo contaminado pela ganância e pela falta de caráter de "serial-robbers" no Poder.

Graças à Operação Lava Jato – que a classe política tenta torpedear com o projeto "contra abuso de autoridade" *(leia mais a partir da página 40)* –, temos acesso às entranhas desse polvo em que se transformou a PPP. As propinas eram distribuídas em motéis e flats e mesmo na casa da mãe idosa, ou pagos no exterior ou em mesadas em espécie. Diante disso, pensamos: PQP! Emergem detalhes constrangedores e montantes estapafúrdios guardados até em meia-calça feminina por baixo do terno. "A gente entregou um 'recurso', a pessoa baixou a calça e botou dentro da meia", revelou o delator Carlos Cunha, em processo que apura corrupção na reforma do aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro.

A cada delação, casos picantes são relatados em minúcias. Assim ficamos sabendo que somente a Odebrecht teria pago 36 parcelas de mesadas de R$ 547 mil ao ex-deputado Eduardo Cunha, por sua "ajuda política" para o Porto Maravilha, no Rio de Janeiro. A ajuda de Cunha era cobiçada por sua influência na Caixa Econômica Federal, que contribuiu para a obra com R$ 3,5 bilhões do FGTS. No total, Cunha teria recebido R$ 52 milhões por essa PPP, prevista para durar 15 anos. Apelidado de Caranguejo na planilha, ele diz que a delação é "falsa, fluida e desprovida de provas". Fluida?

Impressiona que as delações dos executivos da Odebrecht – um roteiro de endereços, valores, métodos de distribuição, nomes de intermediários, descrições de acobertamento – sejam todas tachadas de "falsas" pelos acusados. Se assim fosse, Emílio e Marcelo mereceriam um Oscar de ficção. E os figurantes também. Cada dia a propina era paga num endereço diferente. Para proteger os executivos de... assalto! Um dos delatores comprou um cofre "desses de caminhão" e instalou na sala de seu apartamento.

Ficamos sabendo que Sérgio Cabral, agora réu pela sétima vez, distribuía obras entre as empreiteiras antes mesmo das licitações e que teria recebido mais de R$ 700 milhões de propina pelas obras do Maracanã e pelo PAC das favelas. Imagine um governador roubar dos favelados, desviar milhões do teleférico do Complexo do Alemão. É preciso diagnosticar o transtorno que acometeu Cabral. Muitas negociações aconteciam no Palácio mesmo. Ele falará?

São Paulo também contribuiu ativamente para desmoralizar as PPPs. As obras da Linha 6 do metrô de São Paulo, que teriam 15 estações, estão paradas. Dá para entender. Do contrato de R$ 9 bilhões assinado pela Odebrecht, saíram, segundo delações, propinas vultosas para a campanha do governador Geraldo Alckmin. Também saiu dos custos do metrô um "programa de ajuda" de R$ 14 milhões para o ex-prefeito Gilberto Kassab. Como ministro das Cidades de Dilma Rousseff, Kassab teria tentado retribuir com benefício fiscal para a Odebrecht.

Contra Lula, o cerco aperta. No caso do ex-presidente, não são as somas que mais impressionam, por enquanto. Mas, ainda segundo as delações, a atração pelos favores pessoais, como a obra de R$ 700 mil no sítio de Atibaia, pedida por ele ao amigo Odebrecht, coordenada por Dona Marisa e disfarçada por um contrato fictício em valor mais baixo e em nome de Fernando Bittar, o sócio do filho. Quem negaria um favor a Lula? Ou ao "assessor para assuntos pessoais do presidente", Rogério Aurélio Pimentel? Afinal, como disse o delator, a obra custaria algo, "digamos, dentro do nada, nenhum valor absurdo".

> GUARDE O NOJO, O CANSAÇO. PODEMOS ESTAR TESTEMUNHANDO O EXPURGO DA BANDIDAGEM

Lula também pediu à Odebrecht, em troca de favores, ajuda a regimes autoritários. Alguns empreendimentos no exterior eram comandados por seu sobrinho Taiguara dos Santos. E assim Lula ajudou a Cuba dos irmãos Castro, a Venezuela de Chávez e Maduro e a Angola de José Eduardo dos Santos. Este último governa Angola desde 1979 e também é comandante em chefe das Forças Armadas. Um dos países mais corruptos que visitei, na época da guerra com a África do Sul.

São 267 acusados de crimes contra nosso dinheiro. São mais de 900 horas de gravações. Guarde o nojo, o cansaço com as repetições dos episódios, o descrédito alimentado pelo sigilo e pela impunidade ao longo de décadas. Podemos estar testemunhando o expurgo da bandidagem, o confisco de bens e a volta de bilhões para os cofres públicos. O desfecho da série pode ser escrito também por nós. Vamos limar o projeto oportunista contra abuso de autoridade e ajudar a acabar com o foro privilegiado. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA **raquino@edglobo.com.br**

ORIENT
JAPAN

Fotos dos relógios meramente ilustrativas. orient.com.br facebook.com/orientrelogios @orientrelogios Vanessa Moon veste FBSS0056, FGSS0076, FRSS0014.

TECNOLOGIA U.S.A. PARA O SEU CORPO

BCAA PUMPMAX
O BCAA que funciona

WHEY PROTEIN 100%
O Whey Protein que auxilia a construir músculos

CREATINE USA
A creatina que aumenta a sua força

À VENDA NAS PRINCIPAIS FARMÁCIAS, LOJAS DE SUPLEMENTOS ALIMENTARES, LOJAS DE PRODUTOS NATURAIS E SITES ESPECIALIZADOS.

MIDWAY

MUSCLE TECHNOLOGY

/MIDWAYLABS @MIDWAYLABS @MIDWAYLABS /CANALMIDWAY

WWW.MIDWAYLABSUSA.COM